The Library
of the
University of North Carolina

This book was presented
by
The Rockefeller Foundation

898.1
P654d

This BOOK may be kept out TWO WEEKS ONLY, and is subject to a fine of FIVE CENTS a day thereafter. It was taken out on the day indicated below:

NOV 30 1981

APR 02 '92

AURELIO PINHEIRO

O DESTERRO

DE

Humberto Saraiva

Livraria Classica, Manáos - Amazonas - 1926

AURELIO PINHEIRO

Microfilmed
SOLINET/ASERL PROJECT
1990-92

O DESTERRO DE

Humberto Saraiva

LIVRARIA CLASSICA
Rua Guilherme Moreira, 1-3
Canto da Theodureto Souto, 9-11
Manáos — Amazonas
1926

LIBRARY UNIV. OF
NORTH CAROLINA

I

Numa tarde suffocante de Agosto encontrei inesperadamente a bordo de um **gaiola** que descia do **Acre**, o meu amigo Humberto Saraiva. Estava magro e pallido, e apesar da sua pouca idade (Humberto nesse tempo devia ter trinta e dois annos) parecia velho, trabalhado e gasto, com o andar indeciso, o dorso curvado e o olhar esquecido e sem brilho.

Abraçamo-nos emocionadamente, sob o vivaz espanto dos passageiros. E envolto num turbilhão de perguntas, o meu amigo disse-me logo que voltava de Senna Madureira, aonde fôra, havia quatro longos e cançados annos, tentar fortuna, vegetando numa Promotoria e advogando com furor. Encontrava-se alli, em transito para Belem.

Antegosando as nossas mutuas confidencias, convidei-o com alvoroço :

489239

—Vamos á terra, Humberto. Venha ver o meu cubiculo, os amigos, a cidade.

Mas, Humberto, tomado de um desanimo negro que mais lhe ennegrecia os olhos fundos, atalhou-me, erguendo as mãos supplicantes :

—Obrigado.

E penosamente, num embaraço molle que me desarmava :

—Ficaremos melhor aqui a bordo... quando sahir toda essa gente. Deve ser horrivel o calor em terra !

Os passageiros iam desembarcando, numa algazarra de liberdade, entre os gritos dos carregadores que arrastavam bagagens pelo tombadilho. Eu não comprehendia aquella obstinação, e insistia :

—Você conhece a cidade ? Vale a pena o passeio.

Humberto abatia-se sobre uma cadeira, respirando :

—Conheço-a demais. Na subida estive por aqui encalhado dez dias, á espera de transporte. E jamais me seduziu essa succursal da California. Acho-a brutal, grosseira, bestial, com a sua turbulencia, o seu cosmopolitismo, o seu mercantilismo e as suas orgias.

—No entanto, foi a nossa maior aspiração, quando estudantes. Lembra-se ?

O meu amigo respondia vagamente, desconsolado :

—Nós eramos uns malucos nesse tempo.

Ficámos, então, a bordo, palestrando, entre chopps gelados, emquanto na lenta asphyxia da tarde os homens e a electricidade da **Manáos Harbour** atulhavam de carga, num rumor chocante de ferros, os porões do **gaiola.**

O rio largo espelhava serenamente, pontilhado aqui e alli de embarcações fundeadas. Nas **torres** do fluctuante descarregava um paquete da **Booth Line,** e os volumes subiam pelos guindastes, atravessavam o espaço e sumiam-se nas gargantas dos armazens em terra. No **Roadway** corriam wagonettes attestados de volumes, e italianos aos berros pediam liberdade de transito. No immenso trapiche outros vapores atracavam e desatracavam manobrando e apitando. Rebocadores e **gazolinas** cruzavam-se ao largo numa pressa trepidante.

Humberto contava-me em ligeiros traços a sua vida no **Acre** : fôra feliz, tivera boas causas ; ganhara dinheiro. Descia agora, de uma vez, com oitenta contos e uma doença no figado.

—Grave ?

—Penso que não; todavia, me inquieta bastante. As summidades medicas de **Senna Madureira** apalparam-me e receitaram-me durante um mez. Por fim aconselharam-me uma via-

gem ao Sul ; e anda-me tudo : apalpadellas, receitas e conselhos por dois contos de réis. E' barato. Tenho visto peiores.

Depois, entrou em minudencias, contando casos. Eu ia scismando e recordando o passado, emquanto elle falava.

Nos agitados e alegres tempos da Academia eu e Humberto foramos amigos, convivendo fraternalmente na mesma **republica,** na mesma pensão e ás vezes no mesmo quarto, com uma eterna conta-corrente de mutuos emprestimos. Os nossos tremendos planos de combate para a vida pratica, depois de formados, embasbacavam os companheiros. Noites a fio organisámos programmas impressionantes, ao passo que lavrava em nossas algibeiras a negra penuria de um eterno fim de mez. Foi num desses momentos de desesperada angustia financeira, que, certa vez, Humberto,—tendo já penhorado todas as nossas joias, todos os nossos livros, todos os nossos objectos de uso,—tentou penhorar a um taverneiro assombrado—por quinze dias e vinte mil réis—a nossa liberdade e a nossa consciencia, unicos bens de que dispunhamos.

E possuia agora oitenta contos ! Por isso eu não me cançava de contemplal-o !

Nesse tempo eramos pobres. Ambos filhos do nordeste, herdando de antepassados a in-

sania migratoria, viviamos traçando projectos risonhos sobre um velho mappa geographico, onde o Amazonas corria azulado e tortuoso, e entontecia-nos com os seus mysterios, a sua riqueza desconforme e a sua desconhecida immensidade. Penetrámos muitas vezes por affluentes e confluentes do grande rio ; atravessámos florestas ; subimos montanhas ; pousámos em plena natureza, de lapis nas mãos, riscando o mappa e arfando de cansaço. E, cousa maravilhosa ! Eramos sinceros e tinhamos fé na victoria !

Fizemos assim, por hypothese, uma fortuna facil que esbanjavamos sorrindo entre os camaradas ; e promettemos, uma vez, ao Tiburcio, nosso copeiro, uma chacara no Rio Vermelho. Tiburcio quebrou um monte de pratos, tomado de emoção.

Não tinhamos a preoccupação do feminino. Humberto era um sceptico ; eu abandonara, melancolico e desenganado, uns olhos verdes e cheios de traição que moravam em São Bento. A unica saia que perpassava em nossos aposentos era a da nossa lavadeira, (**Regina lavatorum**, como a chamava o meu amigo,) viçosa e alegre como uma palmeira de oasis, mas de um negror de epiderme que nos desilludia e nos gelava.

Apesar de livres e moços tinhamos a sobriedade amorosa de um guerreiro da Illiada.

Tres annos assim vivemos. Mas, quando eu terminava o meu curso e o meu amigo passava com infimas notas de approvação no quarto anno de Direito, o seu caracter modificara-se ; tornara-se retraido e pensativo, continuamente encerrado no seu quarto, evitando os nossos proprios olhares, inaccessivel e triste. Começou a versejar e a emmagrecer. Eu sabia apenas que uns amores vulcanicos, para os lados aristocraticos da Victoria, lhe haviam tirado o fino humorismo e quasi o bom senso. Respeitei a sua persistente reserva, acompanhando de longe, maguadamente, num derradeiro interesse, o periodo agudo da sua estranha e tormentosa paixão.

No dia em que recebi o calice de amargura do meu gráo de Bacharel, elle deu-me os parabens com um sorriso funebre e um abraço debil.

Parti para a minha terra, levando as responsabilidades de homem formado e pobre, a esperar o primeiro emprego publico e a primeira desillusão. Atiraram-me — embrulhado numa escassa Promotoria—para os confins do sertão, onde soffri as torturas do isolamento e da rabulice durante dois annos. Depois enviaram-me para uma Villa do littoral. E foi ahi

que vim a saber vagamente, por um commandante de vapor, numa confusa noite de inverno, que esses amores do meu amigo tiveram um epilogo de tragedia.

Os annos passaram. Fugi da Villa, fugi do nordeste, emigrei, emfim, para o extremo Norte atraz da extrema felicidade.

E lembrava-me perfeitamente (emquanto Humberto ia concluindo um caso difficil e glorioso da sua advocacia) do que me succedera : —uma noite, a bordo, subindo o Amazonas, quando transpunhamos a larga fóz do Rio Madeira, um sujeito amarello e fino como um galho secco recostou-se ao meu lado na roda do leme e pediu-me phosphoros para o cigarro. Accendeu-o, agradeceu-me, e olhando o céo onde a lua branquejava solitaria, aventou, numa grossa baforada :

—Linda noite ! Não ?

Concordei que a noite era linda. O sujeito plantou-se diante de mim e começou—num velho e detestavel habito nortista—a dar-me noticias da sua vida, da sua profissão, da sua riqueza, da sua familia e da doença que o amarellecia e o seccava. Era do Ceará e seringueiro. Fôra passar uns mezes na sua terra e voltava agora para o **Abunã**, onde tinha propriedades e residia havia doze annos. Como indagasse do meu estado e da minha profissão, declarei logo

que era solteiro e Bacharel com ambições. O sujeito calou-se por um momento ; puxou outra fumaça e proseguiu :

—Ha quatro annos, mais ou menos, hospedou-se no meu seringal um moço formado tambem na Bahia, bacharel, como o Sr.

Notando o meu duro silencio, continuou :

—Moço distincto aquelle ! Talvez o Sr. o conheça de nome ao menos. Chamava-se Humberto. Dr. Humberto Saraiva, e era do Rio Grande do Norte.

Um grito ia-me sahindo da bocca. Sustive-o, e bradei :

—Humberto ! Muito ! Somos amigos ; somos como dois irmãos !

—Ora veja ! Dizia pasmado o seringueiro.

Contou-me, então, numa intimidade affavel que eu acceitava pressuroso, detalhes da sua hospedagem, gosando a minha anciedade. Agasalhara-o por alguns dias, auxiliara-o na descida até **Porto Velho,** onde Humberto ia tomar passagens para Manáos e para o **Acre.** Dissera-lhe que ia advogar, juntar um peculio e retirar-se de vez para o Sul.

—Talvez já tenha deixado o **Acre.** Em quatro annos deve ter feito o tal peculio que elle desejava.

—Talvez !

O seringueiro sentara-se ao meu lado, sorrindo, satisfeito com a palestra. Eu perguntava com interesse :

— E que fazia elle no **Abunã** ? Não lhe disse ?

— Fôra tratar de uma questão de fallencia. Mas parece-me que a tal questão não lhe agradou. Vi-o queixar-se disso uma vez.

Um anno depois, em Manaos, appareceu-me no meu quarto, no hotel, um collega patricio que vinha do **Acre**, desilludido e pobre. Convidei-o para jantar, e á mesa contou-me a série immensa das suas desventuras, num amargor de vencido, rematando :

— Terra para aventureiros, seu collega. Terra para bandidos ! Esses, sim, enriquecem depressa. Mas honestamente, decentemente ? Nenhum !

— Não viste por la um bacharel, Humberto Saraiva ?

— Mais de uma vez. Um, de bigodes, moreno, sempre de preto ?

— Esse mesmo.

— E' Promotor em **Senna Madureira**, e advogado. Muita sorte, muito cavador, muita protecção do Prefeito. Deve estar rico. Eu é que nunca me approximei desses mandões, nem os bajulei. Prezo muito a minha independencia.

E mais azedo, mais amargo, dando o ultimo trago ao café :

—Por isso não fiz nada. Estou mais pobre do que quando fui para lá. Porem posso levantar a cabeça. Aquelles patifes pensavam que eu havia de me curvar ao chicote. Pois sim...

—Mas eu queria apenas noticias de Humberto. Tu sabes : morámos juntos, somos amigos, e ha nove annos que não o vejo.

Iamos sahindo do restaurante, e elle respondeu-me com o mesmo azedume, sem occultar o despeito :

—Vi-o algumas vezes, mas nunca nos falámos. Achava-o muito secco, muito orgulhoso ; com pose. Eu detesto esses orgulhos.

—E' porque não o conheces de perto—resmunguei numa defesa secca.

—Pode ser. Mas eu não o tolero. Com elle perdi duas causas, porem tenho a certeza de que não foi pelo saber que elle alardeia, nem pela justiça.

—Então...

—Protecção, bandalheira, sabujice delle.

Tomava-me uma brusca indignação daquella grosseria ; e repliquei severamente :

—Pois olha ! Conheço bem o caracter do Humberto. Disse-te que eramos amigos e não respeitaste essa amisade. Vejo que te move um despeito selvagem e estupido. Boa noite.

Dei-lhe as costas. O collega ficou no meio da Avenida, interdicto, sem uma resposta, como se um cataclysma o tivesse emmudecido e pregado aos parallelipipedos.

Foi essa a ultima vez que tive noticias do meu amigo ; e nunca mais ouvi falar dos seus funestos amores. Por isso, impaciente, referi-me logo a elles, quando Humberto terminava a sua longa odysséa acreana.

—E a sua paixão ? Aquelles seus amores da Victoria, que o endoideceram ?

—Os meus amores—replicou-me, de cabeça baixa, sorvendo um copo dagua de Vichy—tiveram um remate tristissimo, doloroso, cruel.

—Ah ! Exclamei.

—Tristissimo — repetiu, emborcando o copo.

E eu, arrependido de ter tão levianamente tocado em tão viva chaga, procurava mudar de assumpto, num sorriso imbecil, quando Humberto continuou :

—Não nos chegaria o tempo para contar-lhe tudo o que se passou em anno e meio de martyrio. Vou entregar-lhe as minhas memorias—o meu **romance** como o chamo em dias de vaidade—porque, meu amigo, foi um terrivel romance de amor e de morte em que andei mettido, meio louco, como Você me deixou na Bahia.

Tentei gracejar ainda alludindo á sua loucura ; mas o meu amigo em vez de sorrir tambem, atalhou-me sombriamente :

— Pelo amor de Deus, não tente fazer espirito. Isso havia de magoar-me.

Calou-se, apoiando a fronte nas mãos.

Escurecia. Os creados de bordo passavam, accendiam as lampadas e mudavam as toalhas das mesas. No **Roadway** um grupo de moças procurava a prancha, falando e rindo, acompanhado por um sujeito obeso e fardado. Entraram, emfim, e o sujeito parou em frente a Humberto, muito cortez, enxugando o rosto vermelho :

—Não quiz ir á terra, Dr. ?

Humberto encarou-o circumspecto :

—Não, Commandante. Fiquei conversando aqui com este amigo. Quando sahiremos ?

—A's dez horas.

O Commandante foi juntar-se ás moças que o reclamavam alvoroçadas. Humberto ergueu-se, foi ao camarote e voltou logo com um embrulho na mão, que me entregou :

—Ahi está o **romance.** Você poderá lel-o tranquillamente em casa. Demais, é uma satisfação que lhe dou pela minha grosseria nos ultimos dias da nossa convivencia na **republica.**

—Ora, tolices...

—Sei que me perdoou, mas devo-lhe essa reparação. Esse **romance** foi escripto, tempos depois, quando me senti com sufficiente lucidez e alliviado das minhas torturas no meu exilio pelas terras barbaras de Matto Grosso e do Acre. Pode lel-o, guardal-o, queimal-o, se quizer, porque eu hoje desejo apenas o esquecimento de tudo e um cantinho na terra, bem longe e bem socegado, onde possa em silencio viver para a minha saudade.

—Deixe essas idéas sinistras, Humberto. Você ainda é muito moço. Isso passará, e a felicidade, como diz o velho Anatole, somos nós que a fazemos.

O meu amigo respondia-me com dolorosa certeza :

—Não me illudo. Já tentei fazel-a, essa Felicidade, por duas vezes, e convenci-me de que era inutil o esforço. Do antigo Humberto que você conheceu, creia, meu amigo, resta somente a carcassa com uma viscera deteriorada. E você bem sabe como eu tenho horror á pieguice, ao sentimentalismo, ás attitudes de martyr. Abro-lhe o meu coração como nos bons tempos da **republica** e da ventura : vivo de recordações e de espectros ; e não tenho desejos na alma.

—Pobre amigo ! Disse eu tomado tambem da profunda, desoladora tristeza que se lhe espalhava pelo rosto.

Elle continuou :

—Vou para Goyaz, não sei como nem por onde, porque só conheço esse Estado atravez da geographia, em que o vejo desenhado a cinzento. Foi a côr que me seduziu. E' justamente o cinzento que procuro na terra e desejo no espirito. Haverá no mundo um logar mais desconhecido, mais indistincto, mais abstracto do que Goyaz ?

—Creio que não.

Eu ouvia-o, impassivel, devotamente, como se assistisse a um **De profundis.**

O grupo de moças tagarellava nas nossas costas, mastigando sandwichs. A noite descera de todo enchendo o espaço de trevas mornas. As lampadas da **Manáos Harbour** scintillavam vivamente ao longo dos fluctuantes. Murmurei num gemido que me fugia da alma :

—Mas isso é horrivel ! Você conhece ao menos essa terra ? Sabe onde está ? Existirá Goyaz ?

—Existe. Sempre existiram as terras desenhadas nos mappas. Não é possivel, filho, que todos os geographos conspirassem para dar-me um desapontamento. Tenho fé que existe Goyaz, e vou.

—Mande-me, então, o seu endereço, quando lá chegar, e se puder, as suas impressões.

—Garanto-lhe o endereço, apenas o endereço. As impressões seriam um reflexo do meu espirito ennevoado : imperfeitas e tristes.

Conversámos ainda sobre outras cousas. O **gaiola** ia enchendo-se de passageiros, numa balburdia que feria os nervos doentios de Humberto. Apitou, emfim, avisando a sahida.

Despedimo-nos, e pareceu-me ver nos olhos encovados do meu amigo, sob a noite estrellada e quente, a agonia de um grande Destino.

Em casa devorei o manuscripto, soffrego. Fulgiam nas suas paginas estados de alma differentes : ás vezes revoltos como tempestades, ás vezes tranquillos e macios ; e aqui e alem o traço vivo do seu caracter : um fino e doce humorismo. Havia trechos immensos onde a lettra pequenina e firme mordia o papel, como se a idéa tardia e vaga fugisse caprichosa ; outros onde ella se estendia apressada e larga, correndo sobre a pauta, acompanhando a imaginação que esvoaçava.

Disse-me um psychologo que o **romance** tem defeitos : ha nelle paisagens que são apenas esboços ; personagens escassamente delineadas ; scenas inteiras sem colorido e movimento ; observações acanhadas, imperfeitas, perdidas. Mas sente-se em cada pagina, em

cada periodo, um forte sabor de verdade. E' esse—disse-me o arguto homem—o seu unico merito.

Tenho lido e relido esas paginas. Humberto ha cinco annos internou-se pelos brutos sertões de Goyaz, aonde vive como um anachoreta, num deserto lugubre.

Tomado dessa furia de publicidade, desde o momento em que li pela primeira vez essas paginas, escrevi-lhe pedindo o seu consentimento para mandar imprimir o romance—porque, apesar de bacharel, amo excessivamente a verdade. Humberto respondeu-me com essas linhas que transcrevo :

"Meu excellente amigo

Vai para trez mezes que Você metteu no correio uma carta que me fez.

Essa carta desceu todo o Amazonas, correu pelas costas do Atlantico, rodou nas estradas de ferro, e de estafeta a estafeta, atravessando cidades, rios, mares e montanhas, surgiu hontem aqui na "Solidão" (é o nome da minha Fazenda) presa á garupa do burro do Anastacio—unica via de communicação entre o meu deserto e o Mundo.

Tão perturbado fiquei ao recebel-a que deixando os trabalhos do campo corri para a casa, numa agonia, num vexame de criminoso

que vê de repente descoberto o seu esconderijo. Felizmente conheci a sua lettra, a sua grossa e larga lettra, ampla e serena, que logo me serenou. E sorri ! Bem sabia eu que della só me poderia vir o afago do seu coração ou a doçura da sua amisade. E realmente, vinha tudo isso, e mais o seu exquisito, original, extravagante pedido ; e tão insinuante, tão doce, tão insistente, que eu já havia cedido ao seu desejo, antes mesmo de terminar a carta.

Pode Você publicar o **romance** ! !

Quer motivos para essa acquiescencia ? Ahi vão dois : Primeiramente porque jamais me virá ás mãos o volume impresso dessas memorias da mocidade. Pelo menos o honesto burro do Anastacio nunca trouxe para esta ignota região, um livro, mesmo de versos. Depois, meu caro amigo, nem sei ao certo o que esse manuscripto contem. Foram factos passados ha dezesete annos, e nesse longo periodo muita paisagem modificou-se, muita gente desappareceu, muita sepultura abriu-se—menos a minha, ai ! de mim !

Recordo-me apenas das suas personagens principaes ; de alguns dos seus lances ; do seu vasto e confuso scenario ; de algum raro episodio alegre ou triste. E sei que o meu pobre espirito socegava e pairava acima das humanas abjecções, quando eu relia algumas das suas pa-

ginas, escriptas sem arte, sem luxos de erudíção, sem preoccupações de effeito, com a espontaneidade e a naturalidade de um homem que confessa a si proprio os seus dissabores e as suas venturas. Foi assim que escrevi, e nunca possui outra maneira de escrever. Demais, que podia eu, bacharel e inculto, sempre ás voltas com autos e chicanas, entender de romance e de prosa ?

E' por isso que não comprehendo a sua resolução e pasmo da sua audacia !

Publique-o, pois, querido amigo, se isso lhe apraz. Os seus leitores irão ter melancolicas decepções, e muitos jogarão para o lado o romance abominavel, accommettidos de tedio ou de rancor. Essas decepções serão incontaveis, porque o estylo, a forma, o enredo desse livro são de uma insipidez inedita. E penso que—como dizia Eça de Queiroz do Sr. Bourget—Você ingenuamente irá "revelar segredos que todo o mundo sabe num estylo que todo o mundo tem."

Comtudo, poderá ao menos servir de licção (grande e tremenda licção !) aos defensores de certos preconceitos sociaes, esses absurdos preconceitos que me tornaram para o resto da vida : romancista, agricultor e desgraçado !

Ha por ahi tambem uns homens terriveis, ferozes, amargos, que têm a desagradavel e dia-

bolica mania de fiscalisar e amordaçar os que dizem banalidades ou imbecilidades impressas. São os criticos! São os nossos Brunetiére, Remy de Gourmont, Saint-Beuve e quejandos pulverisadores de glorias. Mas como Você (nem eu, tão pouco) não aspira culminancias estonteadoras, poderá muito bem passar ao longe das férulas da critica patricia. Entretanto, pode succeder que ella, a Critica, vá descobrir em algum cantinho de livraria, o **seu** romance, e queira, então, dar-lhe a honra de meia duzia de palmatoadas, de desaforos, de trocadilhos e outros afagos. Se assim acontecer, peça a Deus— que nunca desamparou os criticados—a paciencia de São Francisco de Assis e a invulneravel prudencia de Sancho Pança.

De qualquer fórma, colha, sosinho, o castigo dessa temeridade.

Seu, como sempre

Humberto."

Obstinado, como sou, não attendi ás ponderações dessa carta, e resolvi publicar o livro, sem prefacio, sem recommendações, sem nada, para que elle possa atravessar o seu Destino— bem livre e bem só.

A. P.

II

Começava assim o romance do meu desditoso amigo :

* *
*

A primeira vez que a vi foi num estreito corredor de theatro em frente á porta de um camarote.

Havia nessa noite uma festa de gala, resplandescente e grave, e de todos os cantos, de todas as frisas, de todas as columnas, pendiam bandeiras de todos os paizes, como se o mundo inteiro vibrasse numa confraternisação esfusiante. Sobre o panno de bocca, no alto de um escudo reluzente, cruzavam-se os pavilhões da França e do Brasil, e envoltas em largas faixas vermelhas surgiam, fraternalmente abraçadas, duas lanças que faiscavam, que scintillavam nas pontas fulgurantes. Das galerias ás frisas

desciam pannejamentos de seda brilhando ao vivo clarão do lustre. E contrastando com a alegria ardente dos adornos e a exhuberancia das luzes—as negras casacas dos homens davam um tom discreto e fino á grande solennidade.

Eu nesse tempo vagava pela Academia atravessando o quarto anno de Direito, e nessa noite encalhava pelos corredores e pela platéa, sem rumo, ancorando por todo o theatro um começo de tedio.

Acompanhara-me o Jorge, companheiro de **republica**, de passeios e de estudos durante trez annos seguidos. Elegante e feliz, apertado na conveniencia e no aprumo do seu smoking, o meu amigo ficara pelas cadeiras cravando a impertinencia do seu monoculo pelas frisas e camarotes onde a elite feminina rutilava, sorria e perfumava o ambiente.

Temido pela satyra e pela força physica—satyra que lhe era espontanea e aguda ; força que cultivava com extremos cuidados em regatas e **foot-ball**—o meu querido companheiro possuia a intrinseca felicidade dos fortes de intelligencia e de musculos. No entanto, apesar da dissimilhança dos nossos temperamentos, a nossa amisade corria docemente sem arrepios e sem pressa.

A cadeira, o calor, o excesso de perfumes e um visinho, que pigarreava a todo o momento e deglutia a saliva, enfadavam-me. Por isso levantei-me e fui passear e fumar pelos corredores.

Foi num dos corredores que a vi. Ella surgiu, passou por mim, serena e formosa, e logo me offuscou e me deslumbrou, como se uma fulgida restea de luz subitamente ferisse os meus olhos. Foi, pelo menos, a impressão que recebi : um despertar attonito ; uma fascinação de sedas claras sussurrando ao meu lado ; um olhar tranquillo e brando que mal pousou nos meus olhos ; um sorriso quasi triste e quasi languido. Passou, levando-me a alma suspensa e inerte ; e lembro-me apenas de que o seu vulto luminoso rescendia á violeta e tinha um casto esplendor de mocidade.

Fiquei alli, no corredor, em frente á porta do camarote que um sujeito baixo e gordo bruscamente fechou, ao ver-me hypnotisado e mudo, sob os fulgores daquelles olhos que me pulverisavam. E sem vontade e sem força tive a sensação desoladora de que me tornara um verme insignificante achatado num desabamento.

Foi assim, dessa maneira absurda e melancolica, que o Destino me fez amar, abrindo a garganta desse abysmo da paixão em que me

precipitei resoluto, sentindo que começava a depender, atravez de toda a existencia, da fragilidade daquelle sorriso e da irradiação daquelles olhos. E como a porta do camarote interceptava-me essa estranha irradiação, voltei para a desdita da minha cadeira, violentamente impressionado, como se marchasse ao longo dos corredores para um desterro longinquo e desconhecido.

Sentando-me, observei ao Jorge, numa suprema imbecilidade :

—Creio que estou perdido, meu amigo ! Vi agora mesmo uma deusa que fugiu do Olympo ; e parece-me que estou desgraçadamente apaixonado !

Jorge acabava de sorrir para uma frisa onde uns olhos castanhos sorriam tambem ; limpou o monoculo no lenço, e falou :

—Nós vivemos a nos perder pelo mundo, e é possivel que na noite de hoje o Olympo esteja despovoado. Já divulguei por aqui, pelas frisas, **Venus, Ceres,** e penso que **Diana** tambem. Fugiram todas ! Felizmente ainda não vi nem um Deus no theatro !

Nesse momento a moça que eu vira no corredor appareceu no camarote, e mostrei-a ao Jorge, maravilhado :

—Veja ! Veja e pasme !

Elle assestou o monoculo, rapido :

—E' **Calypso**, com certeza ! Você tem razão : fugiu de **Ogigya** e anda talvez procurando esse asno do Ulysses.

Cada vez mais imbecilisado, suspirei :

—Quem me dera que eu fosse Ulysses ! Quem dera ! Que felicidade !

Jorge tinha um riso quasi ironico :

—Você, na verdade, deve estar horrivelmente obtuso. E' paixão ! Cale-se, Humberto !

Proseguiu no seu exame pelas frisas indicando outras divindades. Eu admirava a doce **Calypso** que agitava mansamente um leque de pennas.

Ergueram, emfim, o panno de bocca. E emquanto no palco um mocinho circumspecto, de bigodes lustrosos e de lunetas, leu um discurso enfadonho em que falava a todo momento de Adelina Patti, de Sarah Bernardth, de Duse, de Caruso, e de outros menores ; emquanto outro sujeito trovejou em agradecimentos, a erguer as mãos cabelludas e a brandir no espaço um lenço amarello, roncando sombriamente pela **igualdade** e pela **liberdade** ; emquanto se desenrolou, depois dos discursos, toda a tragedia da "Tosca"—eu olhava a deusa bemdita que surgia de vez em quando dentre as colchas de velludo do camarote. E tal era a minha absorvente fascinação que mais de uma vez pensei encontrar-me perdido no silencio e

na solidão entre as paredes do velho theatro. Nesses longos momentos via **Calypso,** o leque branco de **Calypso,** e aqui e alem um som perdido e indistincto de vozes ou de palmas. Nunca estive tão só, tão distante da humanidade, das galas, dos discursos e da tragedia, como nessa noite memoravel em que me cercavam cinco mil pessoas, tocava uma orchestra de cincoenta instrumentos, e trezentas lampadas electricas illuminavam um recinto de alguns metros quadrados. Nunca estive tão só !

Desviei os meus olhos, todavia, quando Cavaradossi berrou escandalosamente no aperto da cabeça, e mais tarde, quando o Barão de Scarpia cahiu apunhalado, no meio do palco, noutro berro tremendo, que achei indecente. Mas a orchestra abafou logo esse urro de morte, rugindo nos rabecões. O resto da tragedia ouvi-o impassivel, de olhos projectados para a creatura maravilhosa que abandonara a sua ilha de eterna primavera e descera á torpeza do mundo, para delicia e tormento dos homens.

Após a "Tosca," e ao levantarmo-nos, correram pelo theatro "psios" insistentes que nos contiveram, surprezos.

Jorge, inquieto, indagava para os lados :

—Que será ? Que será ?

Um visinho solicito informava-o que era o Sr. Bastos, o grande tribuno Sr. Bastos, que ia

falar. O meu companheiro torcia o nariz e segredava-me :

—Mais outro, filho ! E' uma enxurrada !

—Não, Jorge ; com o Sr. Bastos vai haver inundação !

Mas já o Sr. Bastos, de uma frisa, nos explicava,—arremessando para traz, soberbamente, a cabelleira veneravel, e empinando o thorax onde o peitilho engommado reluzia de brancura —que o Scarpia era uma gloria do palco francez, de passagem pela Bahia, e nos honrava com a sua presença e a sua garganta. E estendia-se em explicações, em confrontos, em definições, resumindo a historia de todos os theatros, numa eloquencia fatigada e senil.

Jorge mexia-se na cadeira e vociferava ao meu ouvido :

—Isto é sórdido ! Quando deixará de zurrar essa besta ?

Respondi com uma resignação absoluta, fitando Calypso que percorria com o binoculo de madreperola todo o theatro :

—Jamais !

O Sr. Bastos proseguia impavido, com o enthusiasmo que lhe era proprio, e só a elle emocionava. E tufando o peitilho, e agitando a cabelleira, e abrindo os braços para os encantos da fraternidade universal, roncava, gemia, sussurrava, bradava. Entrou pela Grecia e de

lá nos trouxe, aureolados pela gloria, Eschylo e Sophocles ; foi á Inglaterra e arrastou Shakespeare ; invadiu a Allemanha e empurrou Goethe, com sacrificio ; atravessou a Italia, perdeu-se, debateu-se, procurando celebridades, e emfim, arrancou D'Annunzio, mollemente. Receiando um exgottamento classico, abandonou os outros paizes, foi logo á França, cançado ; e com uma ternura valetudinaria martellou-nos com a Sarah, com a Rejane, com o Coquelin, numa erudição atroz.

Então, mesmo sob severos e longos "psios", o povo começou a mover-se—ao principio nas pontas dos pés, escoando-se rente ás paredes ; depois, numa rajada infrene, aos empurrões, entre cadeiras que estalavam.

Na balburdia infernal o Jorge agarrou-me pelo braço, com força, arrastando-me :

—Vamos, Humberto ! E' o estouro da boiada !

Eu deixava-me levar e dizia-lhe acabrunhado, rompendo a multidão :

—Mas que idéa fará de nós essa gloria da França ? Meu Deus !

Elle puxava-me quasi com violencia pela manga do smoking :

—Vamos ! Ha de dizer que sabemos fazer justiça !

Sahimos aos trambulhões e fomos parar e respirar no meio da Praça Castro Alves onde o povo se derramava aos grupos. Foi nesse momento—entre o discurso, os "psios" e a furiosa debandada—que perdi de vista a minha doce **Calypso.**

O seu claro perfil ficou-me, entretanto, na memoria, e jamais se apagou, mesmo no ar geiado da noite de inverno, mesmo na troça desabalada (a ultima do meu curso de Direito) com que commemorámos o grande acontecimento historico, num **frege** lobrego da Sé, entre pasteis de camarão e vinho verde—ganindo a Marselheza.

Nessa noite, alta madrugada, tive um sonho atribulado e barbaro, em que me encontrei no meio de uma praça enorme e deserta bradando contra a França que me arrebatara **Calypso.** E de repente, não sei como, apparece ao fim da praça o Barão de Scarpia, de chapéo bicorneo, calções, meias de seda e guarda-chuva, protestando. Não demorou um segundo a nossa discussão, e atracámo-nos no meio da praça, numa bulha indigna, rebolando como dois gatos selvagens pelo chão lamacento. Mas o Barão empunhava de subito o guarda-chuva e furava-me o estomago de lado a lado. Accordei extenuado e sedento como quem atravessa um deserto.

Os dias passaram. Sobre a cidade cahia uma chuva em fiapos. Pelos ares cinzentos corria em disparada um sueste louco, a gemer pelos ramos das arvores e pelas ruas. E na sombra e no frio em que mergulhavam os seres e as cousas, permaneci inquieto e angustiado, a pensar na visão do theatro e a sonhar accordado um sonho infinito e luminoso.

Passei esses dias de crespo inverno, mergulhado no crepusculo eterno do meu quarto, tecendo doces idylios, sob um frio que me entorpecia e ouvindo cantar sonoramente uma gotteira tristonha que alagava o soalho, que se alastrava e ia tomando as proporções de um lago ameno e domestico.

Depois veio o sól, veio o verão, o lago amavel lentamente seccou, e comecei a vagar pela Academia e pelas ruas em busca de **Calypso.**

*

* *

Vi-a pela segunda vez,—e sempre perturbadora e olympica—toda de negro, numa grande ceremonia funebre que eu acompanhava desinteressado e somnolento, deploravelmente comprimido num fraque preto do Jorge.

Na majestade do templo perfumado por nuvens de incenso que subiam em longas espiraes—a melancolia dos canticos sagrados; os

crepes mortuarios que revestiam as arcadas e as columnas; a branda luz matinal; o orgão resoando doridamente; o catafalco erguido como uma pyramide de lucto e cercado de cirios accessos; todo o luxo sombrio e formidavel que invadira a velha Cathedral; tudo, enchia-nos de indefinivel e vago mysticismo.

Nesse ambiente de religião e de pesar ella appareceu como um singular e esplendido contraste : a brancura de um crysanthemo destacando-se de um vaso de onyx.

Esqueci, então, a decencia e o momento, e sorri victoriosamente com uma alegria de encarcerado que abandona as trevas da sua masmorra e sente no rosto a claridade de uma doce manhã de sól.

Ao meu lado, na arcada, o Dr. Elesbão Mascarenhas, professor aposentado da Academia, medico e philosopho, com largos foros de sabio e de excentrico, alisava a cartola, erecto na sobrecasaca abotoada, os brancos bigodes retorcidos, os oculos de ouro dardejando superioridade e argucia. Era alto e claro, e sob a casemira negra que o vestia adivinhava-se uma soberba riqueza de musculos de onde sobresahiam espaduas rijas e deltoides salientes. Tinha uma testa larga, recta, vincada no centro em duas riscas immutaveis, e para alem da testa uma calva rosada, immensa e brilhante.

O sabio dava-me a honra commovedora da sua amisade e da sua convivencia, e em vastas palestras eruditas ia guiando a alegria e a superficialidade dos meus vinte e trez annos pelos embaraçados caminhos do saber.

Alisada a cartola, o Dr. Elesbão disse-me baixinho, numa serena confidencia:

—Matou-o (referia-se ao morto cuja alma se suffragava na occasião) uma cirrhose atrophica. Não revelo um segredo profissional, tanto mais quanto muita gente conhecia a sua intemperança occulta e caseira; a peior das intemperanças, meu amigo. A peior !

—A peior ! Repeti distrahido, seguindo com o olhar ávido a moça que se ajoelhava.

—Tratei-o—continuou o Dr.—durante um anno inteiro. Afinal, observando que era inutil a medicação, porque o meu cliente não abandonava o seu vicio nefasto, disse-lhe um dia, francamente, a verdade: a causa dos seus soffrimentos, a inefficacia das drogas, a morte proxima. Dias depois elle despedia-me cortezmente pretextando uma viagem á Europa e uma provavel estação em Vichy. Mas percebi que nunca me perdoaria a franqueza porque exigiu a conta dos meus honorarios.

—A conta ! Engraçado ! Exclamei absorto, olhando a creatura divina, numa inconsciencia absoluta do mundo em torno.

O sabio estranhou a idiota exclamação:

—Sim; a conta dos meus serviços medicos. Comprehendeu ? Ora, meu caro, quando um cliente pede a conta ao seu medico ou é para lhe demonstrar gratidão ou adquirir liberdade. Esse queria a liberdade—talvez a desgraçada liberdade de absorver o seu alcool, livremente, sem conselhos e sem drogas desagradaveis.

—Interessante, a sua observação, Mestre.

—Pois não falha. São quarenta annos de experiencia que me trazem essas deducções !

O Dr. Elesbão continuava falando, lisongeado, a explicar os seus processos de psychologo, emquanto eu fixava o olhar no rosto da minha amada **Calypso.** Mas subitamente, deixando a psychologia, o illustre homem perguntou-me se eu fora tambem amigo do morto.

—Era seu conhecido esse pobre Tavares ?

Disse-lhe que não, nem mesmo de vista, e estava alli por consideração ao filho, o Luiz Tavares, meu collega de curso e de redacção na "Revista Academica". Representava a Revista.

—Demais,—conclui—dizem que era um homem de certa illustração e de grande fortuna. Merece esse ultimo preito.

O Mestre cumprimentava um cavalheiro gordo e vermelho que sorria da arcada fronteira. Voltou-se depois para mim:

—Quanto á fortuna é verdade. Pagou sempre os seus compromissos, e parece-me até que os pagava adiantadamente, num invejavel excesso de escrupulo. Mas nada sei sobre a sua illustração. E' exquisito ! Diversas vezes tenho ouvido falar neste caso. Com elle convivi um anno inteiro em relativa intimidade intellectual, e jamais lhe notei esse apregoado amor pelos livros. Se algumas vezes eu discorria sobre assumptos mais elevados, o meu cliente fugia da palestra com positivo enfado e acanhamento. Talvez fosse reservado demais; talvez fosse um timido; talvez fosse um desses extraordinarios sybaritas que gosam silenciosamente as suas paginas de arte. Quem sabe ? Entretanto posso lhe affirmar que a sua bibliotheca resumia-se...

Mas um cidadão de cavaignac parava entre nós dois, cortava a palavra do sabio e apertava-lhe a mão, a perguntar pela saude de um amigo que estava sob os seus cuidados profissionaes. A' insistente solicitude do sujeito o Dr. Elesbão informava que o dito amigo tratava-se com outro collega, muito distincto. Elle apenas fora convidado para uma conferencia e declarara logo, depois do exame, que era um caso fatal. O homem segurava o cavaignac, perplexo:

—E' singular ! Pois disseram-me que era V. Exa. o medico !

—Informação errada, Coronel. Eu nunca tratei desse seu amigo.

O Coronel curvava-se, pedia desculpas e afastava-se, scismando, agarrado ao cavaignac, como se esse adorno do seu rosto fosse a unica certeza viva na terra.

Atraz de nós um grupo de homens falava sobre a crise politica do Estado, cercando um moço alto e grave que affirmava com orgulho a segurança de tudo:

—Estamos firmes, posso garantir aos amigos. Estou autorisado a garantir.

Eu voltava-me para admirar a evidencia da sua garantia, mas nesse momento um do grupo abanava a cabeça tomado de inexplicavel descrença, duvidando. O moço grave percebeu o gesto, fitou-o, asseverou enfunando o peito:

—O Governo nunca se sentiu tão firme como agora. Nunca !

O cavalheiro, então, deixou de abanar a cabeça. E todos socegaram, todos respiraram tranquillisados por aquellas palavras que pareciam vir de um intermediario feliz que resolvia tudo e por tudo velava. Sorriam, empurravam-se para o moço, bebendo a segurança do Estado.

A campainha do sachristão annunciava estridentemente o levantamento da hostia. O padre voltou-se para o povo, de mãos postas, o olhar humilde, supplicando:

—"Orate, fratres".

A minha amada curvava ainda mais a loura cabeça, e resava num livro de capa de marfim. Algumas senhoras batiam pancadas leves no thorax e balbuciavam orações. No côro o orgão abrandava em surdina. O grupo de homens politicos escoava-se para o escuro do corredor arrastando o moço intermediario. Defronte outros homens escondiam-se ás pressas, sorrindo. O Dr. Elesbão sussurrava-me atravez dos bigodes brancos:

—Toda essa gente esconde-se, some-se para o fundo dos corredores para não ostentar a impiedade da posição vertical, quando o ritual, a tradição, o respeito aos actos religiosos, a propria educação, mandam que nos ajoelhemos nesse momento em que, por um superior e impenetravel phenomeno theologico, um homem—que é o padre—vai absorver um deus—que era o Christo.

Fez uma pausa, puxou o lenço, desdobrou-o devagar, proseguiu :

—A Igreja não conhece, ou não deseja conhecer, o que se passa no tubo digestivo. Tem lá a sua logica e a sua opinião sobre o succo

gastrico. Mas não penetremos essas razões canonicas; e se viemos aqui para cumprir um dever de amisade e attenção, porque não cumpriremos um simples dever religioso ? E' uma questão de bom senso e talvez de decencia moral: se nos curvamos todos os dias aos preconceitos, se obedecemos aos costumes e ás leis, se contribuimos para o equilibrio do meio social— porque não prestigiaremos com o nosso respeito, a religião christã, a mais formalista, a mais ataviada, a mais inócua das religiões ?

Calou-se, emfim:

O padre curvava-se para o calice de ouro, profundamente compungido:

—"Domine, non sum dignus ! Domine, non sum dignus !"

O Dr. Elesbão estendia o seu lenço na lage :

—Que nos custa, pois, essa polidez para com o deus dos christãos, se somos tão polidos para com os homens ? E' insensato ! Vamos, meu amigo—ajoelhemo-nos, que lá se ergue a hostia.

Ajoelhámo-nos: o Dr. Elesbão no alto cumprimento do seu dever social—procurando o lenço no chão e amparando a cartola de golpes imprevistos; eu buscando por entre o povo uma brecha por onde visse a face amada que parecia absorta, longinqua, perdida no mysterio e na doçura da prece.

E alli ficámos, pensativos, martyrisados, sem religião e sem fé, maguando os joelhos na lage dura, sob um vasto e abafado silencio de terror, cortado a espaços pelo retinir da campainha e pelo soturno bater de peitos peccadores—emquanto o fraque do Jorge apertava-me atrozmente nas axillas.

O sabio fixava o olhar tristonho na lage solida, com paciencia e brandura. E suava, desconsolado. Assim estivemos uma eternidade. Por fim elle ergueu-se lentamente e tocou-me no hombro:

—Acabou-se.

Durante todo o officio religioso os nossos olhares (os meus e os de **Calypso**) mais de uma vez se encontraram como fagulhas que se cruzassem no ar parado e fino—os meus tão perturbados e ardentes que deviam dizer-lhe todo o amor que me enlouquecia nessa turva manhã de inverno, sob a luz desmaiada que os vitraes do velho templo derramavam mansamente; os della, indecifraveis e frios como ogivas de mosteiro. Nem um instante desviei os meus olhos supplices do seu vulto—nem quando o sabio discorria sobre a religião e a sociedade ; nem quando os homens politicos discutiam a segurança do Governo; nem quando o silencio nos envolveu piedosamente; nem quando os canticos funebres rolaram pela nave, sombrios

e retumbantes, no arrebatado clamor do **Dies irae.**

O que me impressionava era a singular coincidencia das duas vezes em que me fora dado ver tão amada creatura ! A primeira, no esplendor de uma festa de gala e no enfeitado recinto de todas as farças; a segunda, na gravidade, no lucto e no terror de uma lugubre ceremonia religiosa. E mais de uma vez pensei que o Destino,—mesmo para um simples estudante de Direito—tinha ironias desagradaveis !

Terminava a missa:

—"Requiescat in pace !"—clamaram os officiantes em côro.

—"Debemur morti nos nostraqui", como Horacio—sentenciou o Dr. Elesbão ao meu ouvido.

Sahimos. Lá fóra cahia a chuva enxotada pelo sueste bravio. Da Faculdade de Medicina, contigua, vinha um alarido de hospicio de alienados, e de vez em quando grupos de estudantes entravam ou sahiam ás carreiras e aos gritos, sob guarda-chuvas e capas. Na esquina, dentro de uma mercearia, sujeitos aborrecidos, molhados, enfarruscados, aguardavam os bondes com impaciencia, e tomavam cognac. Um cego sentado á porta da Cathedral recolhia no chapéo estendido moedas que as senhoras atiravam do alto, sorrindo e commentando a fe-

licidade do mendigo que o temporal arrojara para o templo. O cego bemdizia a chuva e o vento que lhe proporcionavam a esplendida colheita, e sorria, e tremia, encharcado, commovido, espantado da sua ventura.

O Dr. Elesbão dizia-me que não conhecia nada mais relativo e mais inconsequente que a Felicidade; e atirou tambem o seu nickel com circumspecção. Procurei pelo collete do Jorge a probabilidade de uma moeda de cem réis: estava mais limpo que um céo de verão. E foi o sabio que soffregamente me emprestou a esmola do cego.

O moço alto e grave, que garantia na arcada a estabilidade do Governo, gracejava para uma senhorita anemica e magra :

—Duas occasiões como esta, e esse cego estaria millionario !

Ella enrolava um rosario de madreperola e respondia indifferente e abstracta :

—Coitado !

Um cavalheiro magro e fusco travava a um canto uma conversa obscena com um velho que piscava os olhos e mordia os beiços lascivos. Os homens politicos reencetavam a palestra politica. A minha adorada **Calypso** ora voltava-se para um grupo de outras moças, ora fitava a chuva que zunia pelas calçadas. Eu escorava-me na pia de agua benta e olhava a

moça e escutava o sabio, com um desejo furioso e estranho de fumar um cigarro.

Meia hora estivemos todos alli, á porta da Cathedral. Eu pedia a todos os santos esparsos pela igreja— em fila pelas paredes, debruçados da abobada, elevados nos altares—que nos mandassem outra edição do Diluvio ou desencadeassem sobre o mundo um temporal eterno. Pedi, suppliquei, roguei, com devoto fervor e indomavel fé.

Mas não veio o Diluvio, e descri, então, de tudo : dos santos, da chuva, do vento, de toda a meteorologia e de toda a felicidade. A chuva parou, parou miseravelmente, de repente, sem uma causa séria, sem um motivo, sem nada, como se um sopro largo e brusco limpasse e varresse o firmamento.

Aqui e alli, pelo céo, surgiam nesgas azuladas ; o vento abrandava num sussurro cançado e macio, e a chuva doidamente passou á neblina, sumiu-se, evaporou-se nos ares. Todos sorriam, e eu descobria em todos um sorriso immenso de escarneo. Começaram logo as despedidas : das senhoras, entre risinhos e beijos estalados nas faces ; dos homens, com apertos de mão e "até-logos" languidos. O sabio tomou-me a dextra, formalisado, firme, a cumprir o derradeiro acto de um ritual—mesmo no mo-

mento em que eu recebia o ultimo olhar de **Calypso** :

—Adeus. Appareça para trocarmos idéas.

—Breve, pois não, Mestre.

E embarafustei por entre a multidão seguindo o vulto adorado.

Tomei o mesmo bonde, apertado entre uma matrona escura e um typo de capadocio que fumava e cuspia, de chapéo derreado. A moça ia na minha frente, dois bancos adiante, e eu via-lhe apenas os anneis do louro cabello esvoaçando-lhe pela nuca alvissima, sob o largo chapéo negro. Senti-me leve, feliz, inconsistente, sorrindo á natureza amiga. Creio mesmo que sorri para a matrona e o capadocio.

Ella desceu no Corredor da Victoria, em frente a um palacete; e recebi a suprema delicia do olhar surpreso e illuminado que me enviou ao descer.

III

No dia immediato á funebre ceremonia da Cathedral fiz-lhe uns versos.

Nesse tempo de mocidade e de Academia pensava eu que o verso era a suprema expressão das idéas e só elle poderia traduzir—resoante como uma orchestra e ardente como uma flamma—toda a humana sensibilidade. A prosa, mesmo emplumada e plasmada num dilacerante pesadelo de artista, mesmo aprumada e polida, com o fino sabor attico—era a inercia, a opacidade, a algidez, a indistincta vibração da palavra.

Era assim nesses alegres tempos academicos.

Por isso, dizia, fiz-lhe uns versos—versos horriveis, funambulescos, nephelibatas, retorcidos nas idéas e nas rimas, como os faziam os poetas desse tempo, quando Cruz e Souza pon-

tificava do alto dos **Broquéis**, e as **Flores do Mal** de Baudelaire incendiavam a mocidade das escolas.

Comparei-a a uma arvore, a um cirio, a uma nuvem de inverno, a um phantasma, a uma vaga de oceano, a centenas de cousas obsoletas e antagonicas, num accesso detestavel de liberdade poetica de que tenho hoje o mais negro e o mais triste remorso.

Mandei-os—os versos e mais uma carta vehemente em que havia allucinações de morphinomano—por um mensageiro habituado a essas incumbencias. Era um velho tintureiro, escuro e cynico, que mettido num esverdeado paletot de alpaca, vinha tropegamente exercendo a sua dupla profissão de intermediar e tingir, entre a galhofa e os calotes de duas gerações de estudantes. Chamava-se Antonio e cheirava mal. Porem não havia outro com a sua prudencia, a sua mansidão, a sua paciencia, a sua longa, indiscutivel habilidade de embaixador, vehiculando dia e noite pelas escabrosas ladeiras da cidade uma correspondencia anonyma e sentimental.

O tintureiro conhecia todas as **republicas**, todos os recantos, toda a gente, e possuia, alem dos predicados de velho emissario, uma persistencia de rochedo, uma baixeza de cão e uma sagacidade hebraica.

Após recommendações severissimas e promessas de farto pagamento, Antonio partiu— partiu levando nas mãos encardidas por trinta annos de anilinas, o mais puro, o mais casto e o mais fremente tumulto de paixão.

Fiquei em casa calculando-lhe todos os passos, numa agonia febril, e ouvindo bater o proprio coração, tão alto, tão forte, tão sonóro dentro do peito, que provavelmente a cidade inteira deveria sentir o seu vibrante, precipitado rumor.

E durante todo o tempo que levou o tintureiro para ir da humildade bohemia da minha **republica** ao esplendor do palacete da Victoria, torci as mãos, apertei a cabeça, andei, esbarrei pelas paredes, como um homem que ás portas da miseria, da deshonra e da morte aguarda offegante e aturdido, o milagre e a salvação. Nada sentia, nada via em torno, e percebia apenas, indistinctamente, atravez da nevoa moral que me cercava—um ruido de discussão na sala de jantar, o riso do Jorge como uma rajada silvando por toda a casa, o violão do Fagundes gemendo um acompanhamento e a voz do Murillo retumbante e grossa bramindo a valsa da Viuva Alegre.

Mas Jorge abandonava a polemica e batia á minha porta. Abri-a, e elle vendo-me a phy-

sionomia traçada de emoções, indagava atrapalhado :

—Que tem Você, homem ? Que houve ?

Fechei a porta e abri os braços no meio do aposento, como se esperasse alli mesmo a cruz para o meu supplicio :

—Não sei. Mandei uns versos e uma carta á **Calypso**, pelo Antonio. E' nada, e é tudo !

—Pelo Antonio, tintureiro ?

—Sim.

Jorge sentava-se na cama, puxava um cigarro, franzia o rosto e obtemperava :

—Fez mal, muito mal. Antonio é uma macula ambulante. Não devia pôr as mãos immundas em cousas tão puras, e certamente essa moça não receberá de um typo tão sórdido uma correspondencia dessa natureza. Demais, Você não acha os versos excessivos, Humberto ? Quem sabe lá se essa creatura os comprehenderá, os entenderá ? Pode ser bella, deslumbrante mesmo, como deusa que é, e não perceber nada de versos. Olhe que isso é commum.

Não respondi, e o meu companheiro aproveitando o silencio proseguía nas suas divagações psychologicas sobre a vulgar antipathia das mulheres pelos vates e pelos philosophos. Mas no momento em que Jorge emittia tão prosaicas opiniões, bateram á porta. Era o mensageiro que voltava, e trazia um semblante de-

silludido, flacido, mortificado, que logo me desesperou.

Calypso devolvia tudo, verso e carta, sem nenhuma resposta, orgulhosamente, como quem evita uma cortezia importuna !

Antonio tirava o chapéo, limpava o suor com as costas das mãos e depunha sobre a minha mesa o enveloppe intacto. Eu seguia-lhe os movimentos e arrepelava os cabellos e olhava espantado para a mesa como se aquelle enveloppe fosse um objecto intruso e amargo, e o mais vivo, o mais rude e o mais pungente sarcasmo do destino. Por fim suspirei desconcertado :

—Nada, Antonio ? Nem mesmo uma palavra ?

O velho tintureiro sorria com infinita estupidez :

—Nada. A creada levou a carta e voltou logo dizendo que a moça nem quiz ver a papelada. Que não é dessas, por ahi...

—Dessas, como, imbecil ?

—Foi a creada que disse, seu Dr.—repetiu timidamente. Eu não tenho culpa. Fiz o que pude. Nunca vi uma cousa assim...

E atordoado procurava safar-se. Atirei-lhe um nickel, indignado.

Em frente aos destroços sobre a mesa amaldiçoei o meu estro e a minha pobre sorte,

começando a duvidar da felicidade e a desconfiar do mensageiro. Comtudo rasguei o envolucro malfadado e mostrei os versos ao Jorge. Elle recitou-os e atirou-os para a mesa :

—Tremendos, menino ! Estão tremendos ! E' um incendio !

—Mas Você ás vezes tem elogiado os meus versos. Será possivel que eu já esteja doido ?

O meu amigo olhava-me numa sombria e penetrante analyse :

—Não. Doido de todo, não. Mas desorientado, o bastante. Sempre os elogiei, mas esses ! Isso é uma calamidade !

—Oh !

—Não se altere, Humberto. Você está fulminado pela paixão, ou fulminado ou desorganisado até a ultima cellula. Está impedido de pensar, de reflectir, de "raciocinar com clareza" como diz o meu professor de Physiologia e de logares-communs. Por isso não comprehende que uma senhora, mesmo intelligente e erudita como Madame de Stael, repilla com horror essa avalanche de symbolismos, assombrada com tantas comparações apavorantes. Fique sabendo, meu amigo, que ninguem quer ser comparado, mesmo em versos, a uma vela de cera ou a um cypreste. Ninguem !

Abatido, sumido para o fundo do quarto, observei ao Jorge, num violento suspiro de dor:

—Mas a moça nem os leu, nem os viu.

Elle ia sahindo e atirou-me da porta :

—Considere-se, por isso, um homem feliz —um homem que evitou um terremoto !

A critica grosseira do Jorge era um aviso cheio de bom senso e de sinceridade, porem feria-me a vaidade como um dardo que atravessa um corpo.

*

* *

Nesse mesmo dia, por um acaso digno de nota, o nosso barbeiro, o Ambrosio, visitava a **republica.**

Ambrosio era pardo, baixo, magro e entendido em lettras. Morava no Pelourinho, possuia com orgulho uma cabelleira enroscada, e ejaculava—entre os cortes de cabello da freguezia—versos e pensamentos para postaes. Alem desse fecundo labor litterario, Ambrosio interpretava e concebia Charadas e Logogriphos, lia todos os Almanachs e cuidava de trez gaiolas de passaros. Nós o admiravamos e elogiavamos o seu persistente e demasiado trabalho intellectual, e elle, contente com essa admiração e esses elogios, abria-nos na sua loja um credito largo e lento.

Levei-o para o meu quarto e puz-lhe bruscamente diante dos olhos redondos toda a

infernal versalhada. Sentei-me e esperei o effeito. Ambrosio ia lendo as estrophes, esbugalhando os olhos, passando a mão pela face oleosa, contrahindo e distendendo as rugas da testa, num evidente esforço de percepção. Afinal—como se de repente o inundasse estranha claridade—sorriu, ergueu o rosto transfigurado e balbuciou enternecido :

—Ah ! Isso é que é talento ! Isso é que é ser poeta ! Nunca vi uma poesia tão linda ! Nunca !

Respirei, commovido. Elle proseguiu cada vez mais illuminado e risonho :

—Talento ! Grande talento ! Estes versos (e agitava como um trophéo a folha de almasso) em qualquer parte do mundo serão um successo.

Aconselhou-me logo que os mandasse para qualquer Almanach, garantindo que seriam publicados, e queixou-se dos litteratos da terra que ridicularisavam as suas poesias e os seus Pensamentos. Mas tinha fé na justiça dos homens, uma longinqua justiça, é verdade, porem, fatal.

Eu consolava-o, citava exemplos de martyres das lettras que depois de humildes e negros annos de soffrimentos viam um dia, subitamente, os offuscantes clarões da Gloria. Citei Camões, Dante, Shakespeare e outros menos il-

lustres. Descrevi-lhe scenas de miseria de Artistas e Philosophos.

Diante de tanto soffrimento Ambrosio consolou-se com facilidade e acamou para traz a cabelleira, num gesto grave, afim de que eu lhe visse na fronte escura e convexa a aureola do martyrio. Depois voltou aos versos, leu-os novamente, elogiou-os novamente, e sem se poder conter—pallido, tremulo, guttural—declamou a primeira estrophe, junto á mesa, apoiado ao encosto da cadeira :

—Arvore ! Sob os teus ramos distendidos
—E a chlorophyla humida e sombria
—Das tuas folhas—passam doloridos,
—Brancos phantasmas da Melancolia !

—Lindos para um postal ! Lindos ! Clamou, emocionado. Podiam ser assignados pelo Casimiro de Abreu.

—E' bondade...

—E' justiça !—bramiu com ardor e convicção.

Pediu-me uma copia dos versos. Dei-lhe o original. Daria tudo por aquelles elogios espontaneos e honestos ; e tive no pensamento uma phrase amarga para o Jorge. Ambrosio guardou o papel, agradeceu-me e despediu-se, abraçando-me e chamando-me seu irmão de

Arte, num carinho tocante, com os olhos humidos e a cabelleira revolta

*

* *

A repulsa de Rosa (era esse o seu nome) foi uma decepção que me transtornou, mas o meu amor pairava acima de todas as decepções, sereno e forte como um albatroz dentro das coleras do Oceano. Por isso fiz-lhe outros versos, mais accessiveis e humanos, cheios de comparações classicas, anteriores mesmo ao **Cantico dos Canticos.** Deixei em paz as arvores, os cirios, as nuvens,—e assignei-os com brio. Junto aos versos uma carta temerosamente longa e confusa em que havia apenas phrases vulgares e arrebatamentos ingenuos. Mandei tudo pelo correio. Ella, compassiva e piedosa, ou talvez aterrorisada com essa fastidiosa producção, ou por ignorar o meu endereço, (segundo a opinião do Jorge) guardou a carta e os versos com um silencio que me pareceu um tenuissimo assentimento.

Os dias passaram. Passei e repassei centenas de vezes pelo Corredor da Victoria, espreitando as janellas da sua casa e devorando-as e perscrutando-as com uma soffreguidão que me desvairava. E nas tardes em que recebia a doce misericordia dos seus olhos azues, sentia

dentro da alma a immensa felicidade de viver.

Um dia, emfim, quando eu lhe fazia pela decima vez a decima carta de amor, a minha excelsa **Calypso** respondia-me em doze linhas de castas promessas.

Lembro-me bem desse dia bemdito entre todos os dias : era uma tarde transparente e suave. O sol declinando entrava pela janella do meu quarto numa visita costumada e jovial. A brisa do norte vagava pelas ruas tonta e meiga. O sabiá de um visinho cantava na varanda um canto dolente. Tudo era alegria e sonho na tarde radiosa. Assim deviam ser as claras tardes do Olympo, quando Jupiter suspirava entre os perfumados braços de Venus ; as harpas e as cytharas enchiam os ares translucidos de languidas harmonias ; pela verde planicie dançavam e sorriam as nymphas desnudas ; Pan soprava no alto de uma collina a sua flauta de zagal ; á beira de um regato, enfeitado de pampanos, Baccho estirava a sua eterna indolencia ; os proprios Cyclopes monstruosos abandonavam a escura forja de Neptuno, enlevados e pensativos ; e por toda a parte fulgia e resplandecia a graça eterna das deusas.

O tintureiro entrou com a carta na mão agitando-a como um estandarte arrebatado no fragor das batalhas.

Não enlouqueci de todo, mas arrojei ao peito do velho que tremia, o resto da minha mesada, e abracei-o delirando.

E comecei a ser o satellite desse astro que tão bem se disfarçava em mulher, e que nas tardes encantadoras de verão brilhava serenamente, limpidamente, nos largos passeios da Victoria á Barra.

Rosa era loura e franzina como um **Anjo da Guarda** de Buonarotti, e morava num palacete azul, enorme, com um jardim á frente onde se via—heraldico e firme dominando hervas e arbustos—um longo renque de palmeiras.

IV

Trez mezes voaram. E em todo esse tempo versejei, sonhei, romantiquei,—noctivago e pertinaz—contando ao luar, ás estrellas, ao céo e á Bahia inteira as minhas desagradaveis afflicções de apaixonado. Passei noites sem fim ao penetrante relento do inverno, de olhos cravados na fachada do palacete de Rosa, aguardando o seu apparecimento á janella costumada.

Invariavelmente perdia o ultimo bonde, e marchava, então, a pé, alta noite, para a casa, absorto e silencioso, vencendo a fadiga e os kilometros.

Dias de incandescente canicula ou de enervante chuva encontraram-me alli, no Corredor da Victoria, rondando todo o bairro, como uma sentinella incançavel esquecida num acampamento. Nem os olhares insistentes dos tran-

seuntes, nem os risos dos creados, nem as indirectas dos garotos me deixavam entrever o ridiculo das minhas attitudes. Aos meus olhos appareciam Rosa e o seu palacete e o seu jardim—o resto do mundo era uma immensa nevoa cinzenta e cerrada.

Por isso um dia tremi de vergonha e de raiva, quando uma preta, que tinha por alli, numa esquina, o seu taboleiro de doces e a sua larga freguezia, perguntou-me num sorriso impudente :

—O Sr. é da policia ?

Rosnei um "não" feroz e fugi ás pressas, ouvindo-a dizer ainda num falsete alegre que me alcançou como uma chicotada :

—Pois parecia, meu branco. Desculpe a má pergunta.

Mas não findou ahi a serie das minhas desventuras. Já toda a visinhança indagava, intrigada, o motivo da minha permanencia naquelle bairro quieto e aristocratico. Comecei a ver e a sentir (desde o dia da preta) essa impertinente curiosidade nos olhares que me trespassavam, nas janellas subitamente abertas onde se agglomerava toda a familia, nos sorrisos, na irritante estupefacção das creanças, nos incisivos exames de toda a gente. Veio-me, num raro momento de lucidez, o instincto da

prudencia ; mas a prudencia, por excessiva, tornou-se um mal. As minhas cautelas, os meus subterfugios, os meus grosseiros disfarces iam semeando desconfianças pela rua. E uma noite, ao chegar em casa, absorvido pela paixão e derreado pela caminhada—o Jorge disse-me, pensativo :

—Olhe, Humberto ; desfiz hoje a custo uma tragedia a seu respeito, no Corredor da Victoria.

—A meu respeito ? Que tragedia ? Interroguei surpreso.

Jorge, na sala de jantar onde me esperava, de pyjama, sustentando numa das mãos uma estearina, proseguiu :

—Muito simples. Como Você passa o dia quasi todo por lá, scismaram que podia ser algum anarchista, nihilista, ou opposicionista furioso, ou qualquer cousa terrivel e antisocial, vigiando a residencia do Governador. Dizem até que lhe viram com um embrulho parecido com uma bomba de dynamite ! Quem me informou de tudo foi a Lucia, hontem. (eu agora tenho um namoro ferrado com a Lucia). Ora, isso é grave, pode trazer-lhe qualquer aborrecimento. Portanto, está Você avisado. O que eu não comprehendo é como lhe acharam na physionomia esse traço fatal de revolucionario, e fico a pensar se na verdade haverá pelo mua-

do anarchistas de collarinho alto, perfumados, elegantes como Você. Se os ha assim, estamos perdidos, filho !

Uma vermelhidão repentina devia ter tingido o meu rosto. Certamente—porque a chamma da estearina vacillava ao vento e mal clareava a sala—Jorge não percebeu a vermelhidão ; e piedosamente, sorrindo :

—Mas desfiz tudo, acabei com a lenda, descrevi o que era um anarchista classico, tal qual a gente encontra nos livros de Gorki e de Tolstoi. Acreditaram e sorriram. Mas inventei uma infamiasinha : disse que Você era um romancista e andava colhendo observações na alta sociedade bahiana para um livro a sahir. E agora toda aquella gente quer figurar no seu livro ! São uns simplorios.

—São uns imbecis !—gritei enfurecido. São umas bestas !

—Nem tanto—dizia o Jorge lentamente, espevitando a vela.—Os seus gestos, os seus modos, a sua persistencia tinham de ser notados. Era fatal.

Fez uma pausa e continuou :

—Ultimamente Você anda como um urso bravio. Nem a mim se dirige ! Tenho consciencia de que continúo a merecer a sua confiança. Porque, então, essa fuga, esse silencio, esses modos esquivos ? Você não dizia que era-

mos como dois irmãos ? Não sou o mesmo ? Não tenho feito o possivel para cultivar a nossa amisade ? Não estou eu agora aqui, ás duas da madrugada, esperando-o e avisando-o do que se passa a seu respeito ? E Você pensa que isso não me incommoda ? Se um de nós tenta quebrar essa amisade de trez annos, sem motivo, sem razão, sem nada, não me cabe nenhuma culpa. Você é o culpado. Comprehende ?

Jorge perdera a sua doce jovialidade, e fitava-me duramente como se da minha resposta dependesse um rompimento decisivo. Eu esquivava-me aos seus olhares frios, de uma frieza immovel e aspera, emprestando á solidão e á meia sombra da grande sala de jantar, áquella hora sombria da madrugada, um tom formidavel de tragedia. E num resto de reflexão e de arrependimento, sentindo no intimo da alma a consequencia da minha leviandade,—murmurei quasi sorrindo :

—Não é nada, Jorge. Nós somos os mesmos, a nossa amisade é a mesma. Mas tenho andado meio idiota nestes ultimos tempos. Depois ; daqui a alguns dias, lhe contarei tudo. Perdoe-me.

Elle não modificou a dureza e a firmeza, mas percebi nos seus olhos um relampago de compaixão. E separámo-nos tristemente, como

se aquella fosse a ultima noite da nossa ultima entrevista na terra.

Deixei, entretanto, o vicio diurno, passando a rondar apenas á noite, adorando a minha amada recostado aos postes da illuminação publica, num extase de fakyr desoccupado.

A reducção das horas exaltou profundamente a minha paixão, e tornou-me um selvagem, odiando a sociedade que espionava os meus actos. Alem disso comecei a trocar os meus habitos, dormindo o dia inteiro e passando as noites pelo Corredor da Victoria ou pelas ruas desertas da cidade, como um cão desconfiado e vadio.

Foi numa dessas noites que o Ernesto, irmão da Rosa, á uma hora da madrugada, ao recolher-se, encontrou-me firme e distrahido junto ao poste fitando as janellas da sua casa. Ernesto era estudante de medicina, no sexto anno, com um curso notavel. Conheciamo-nos desde o inicio do meu bacharelato, e foramos— em certo tempo—quando elle namorava desabridamente uma linda moreninha do Largo da Polvora— companheiros de serenatas e passeios. Distinguia-me dentre os demais rapazes da **republica,** e eu admirava-o pelas maneiras de gentleman intelligente e rico e pela sua ruidosa e esplendida alegria.

Mais tarde a sua paixão pela irrequieta moreninha passara por uma phase de espiritualidade e arrefecimento, e á proporção que arrefecia, iam diminuindo os nossos longos passeios e terminavam as madrugadoras serenatas. Mas a nossa amisade subsistia, apesar de mais raros os nossos encontros.

Desde, porem, que soube do seu tão proximo parentesco, esquivei-me á sua convivencia, e apenas o cortejava de longe com polidez e gravidade.

Ernesto reconheceu-me sob o poste, atravessou a rua, veio directamente a mim com um sorriso enigmatico :

—Que faz Você por aqui, oh ! Humberto ! Tão tarde...

Embaraçado, confuso, sem encontrar explicações precisas, balbuciei impensadamente, sob o seu olhar interrogativo :

—Aqui ? Agora ? Nada. Isto é, observo...

E numa rajada de inspiração que me pareceu genial, conclui :

—Observo ! Estudo architectura. Você já reparou como são interessantes, a estas horas, neste silencio, estas fachadas de palacetes ? Nunca reparou ! Pois são admiraveis ! Evocam o passado, meu amigo, o passado colonial, o passado imperial do Brasil ; esses remotos tempos patriarchaes em que...

Mas Ernesto rompia numa gargalhada que abalou a solidão :

—Você ! Estudante de Direito, estudando architectura e evocando o Brasil colonial, o Brasil imperial, de madrugada, em frente á minha casa ? E' espantoso ! E' feerico ! E' adoravel !

—Entretanto...

—Oh ! Cale-se ! Deixe-me rir á vontade. E' de arrebentar !

Continuou a rir, assoando-se no lenço, os olhos cheios de agua, a fitar-me, de bocca aberta. Eu observava-o, aparvalhado, sem perceber onde estava o motivo para tão estridente alegria. Afinal, passou-lhe o accesso de riso, e vi-o recostar-se á grade do jardim, offegando ainda. Então implorei, resoluto :

—Pare essa gargalhada, Ernesto. Tenha um pouco de piedade ! Se sabe o motivo por que estou aqui, sem coragem para abandonar este poste, soffrendo o ridiculo desta situação— peço-lhe que não continue a zombar. Se não sabe, vou dizer-lh'o com absoluta sinceridade.

Elle não respondeu. Tomou-me o braço e seguimos vagarosamente, rua acima. Na primeira esquina parou e falou :

—Sei que Você namora á Rosa. Ella disse-me tudo, porque entre nós dois não ha segredos. Não a censurei por isso. Você é um su-

jeito sério, de bôa familia, intelligente, etc. Não havia motivos para me oppor a esse futuro casamento. Digo-lhe mais, Humberto : conheço-o bem, nestes dois annos de convivencia, e sinto uma certa tranquillidade ao ver que a minha irmã soube escolher o seu noivo. Se não lhe falasse agora sobre esse assumpto, pode ter a certeza de que qualquer desses dias eu iria procural-o.

—Obrigado, muito obrigado.

—Mas—continuou, sem me deixar expandir em agradecimentos—penso que não será essa a opinião do meu pai. Ha muitos annos elle faz questão que os casamentos em nossa familia sejam entre parentes, e creio que ha trinta annos tem sido assim. A mim mesmo quer impingir uma prima em segundo gráo, uma lourinha, a Alice, que mora na Barra. Resisti logo ás primeiras investidas, e resisti heroicamente, dizendo-lhe que não acceitava imposições ao meu senso esthetico. Qual ! Foi peior ! Meu pae não comprehende bem essa cousa de senso esthetico e acha que é mais uma perfidia do regimen republicano que elle abomina do intimo da alma. Por isso tornou-se feroz e intransigente.

—E' barbaro—ia eu commentando, apprehensivo :

Ernesto jogou fóra o cigarro, num gesto elegante, e atalhou-me vivamente :

—E' horrivel ! E' incoherente ! E' brutal ! Aviso-o, pois, dessa estranha circumstancia. Meu pae é um homem sem defeitos : honesto, sincero, carinhoso, dedicado, mas torna-se terrivel quando ousam contrarial-o nesses casos matrimoniaes. Enlouquece, commette absurdos, não cede. E' assim, mesmo que se trate de parentes distantes, porque se habituou a ser o arbitro de toda a parentella, e no seu pequeno reinado é um grande despota.

Baixou a cabeça um momento, tomado de preoccupações, e concluiu :

—Não sei como hei de me safar, porem não posso esquecer o compromisso de honra que tomei ha dois annos com a Adelaide, filha do Dr. Luiz Osorio. Seria um infame se a enganasse. Posso namorar, posso divertir-me por ahi, mas só me casarei com ella. E toda a familia sabe disso ! Você, que é sério, já viu cousa mais séria que um casamento quando ha compromisso, e toda a familia sabe ?

—Nunca !

—E agora, quando meu pai souber do que ha entre Você e a mana vai ser um inferno ! Reduz Carthago a cinzas !

Sorrindo, proseguiu :

—Já dizem que a Rosa está destinada—lá no seu canhenho genealogico—a um primo do interior, um que é Juiz. Ella ignora a trahição, e certamente ha de reagir. Meu pai tem fumaças fidalgas e não quer sangue novo na familia. Tome cuidado !

Ia passando nesse momento a ronda policial—algumas praças e um cabo que marchava á frente, desabotoado e fumando. Olharam-nos, viram o fraque cinzento do Ernesto, a sua pose, o seu riso esplendente, e seguiram numa entranhada palestra, rua abaixo. Os seus passos morriam ao longe pelo calçamento echoando na quietude da noite perfumada e fresca.

Ernesto aconselhava-me que deixasse de vez os meus nocturnos passeios pela Victoria, a bem da tranquillidade da irmã e para evitar a maledicencia dos visinhos. Avisou-me que tinha uma tia, na Piedade, bonissima creatura, que Rosa visitava todos os sabbados á tarde.

—Vou apresental-o á tia Amelia, aliás a verdadeira mãe de Rosa, a mãe que ella conheceu. Em casa della Vocês poderão conversar de vez em quando. E' melhor. Esse namoro bohemio, pela calçada, alta noite, não é digno de um sujeito como Você. A tia Amelia é uma santa, e estou certo de que a Rosa já lhe fez confidencias, como a mim.

—Não sei como lhe agradeça, meu amigo —disse eu, emocionado pela bondade do Ernesto.

Elle sorria sempre, com uma ternura immensa nos olhos castanhos :

—Você faria o mesmo por mim, talvez mais. Amanhã iremos juntos visital-a, e espere-me no jardim ás seis da tarde. E antes de nos separarmos hoje quero ainda lhe dizer o seguinte : Rosa nunca olhou sequer para esses rapazes que lhe têm feito a côrte. Nunca ! E' uma alma pura, simples e digna porque foi creada e polida pela bondade, pelo carinho, pela quasi ingenuidade da tia Amelia. Fiquei surpreso quando ella me confessou que o estimava. E agora, até amanhã, ás seis, no jardim.

—Até amanhã.

Largou-me a mão, seguiu pela deserta calçada, e vi-o entrar em casa.

Fiquei alli ainda um momento, duvidando da minha ventura, a sentir a alma leve e alegre, e tão cheia de luz, tão resplandecente como um céo subitamente estrellado numa noite de inverno.

*

* *

Na tarde seguinte fui á casa da tia Amelia, num primeiro andar á rua Direita da Piedade.

A boa senhora appareceu logo na sala de visitas, risonha, abraçada ao Ernesto. Era magrinha e baixa. Os cabellos quasi brancos, annelados e finos, enfeitavam-lhe a cabeça pequena e bem feita e o rosto sem rugas, rosado e puro, onde brilhavam com limpidez os grandes olhos negros.

Enviuvara cedo e não tinha filhos. Irmã da mãe de Rosa—que fallecera quando essa começara a andar e a falar—a tia Amelia creara a sobrinha até os quinze annos. Nessa idade o pai reclamou-a com egoismo e dureza, e maguada com o procedimento do cunhado, isolara-se, desde então, havia quatro annos, no seu primeiro andar, vivendo dos rendimentos das casas que possuia na cidade. O isolamento não conseguira destruir-lhe o bom humor, e entre os santos do seu oratorio e a adoração pelos dois sobrinhos, alli vivia, tranquilla, bemaventurada, feliz, enfrentando alegremente os cincoenta annos que mal lhe pesavam sobre os hombros estreitos e frageis.

Ernesto beijava-lhe o rosto e apresentava-me no meio da sala :

—Tia Amelia, trago-lhe este malandro : é estudante de Direito, poeta, republicano, pedante e atheu. Sobre essas calamidades, é o futuro noivo da sua Rosa, que, aliás, teve um pessimo gosto.

Eu sorria, torcendo a corrente do relogio. Tia Amelia vendo o meu embaraço veio em meu soccorro, solicita, apertando-me as mãos com força :

—Oh ! Não se incommode com as doidices do Ernesto : é um desastrado. Eu já o conhecia de vista e sabia de tudo, contado pela Rosa. Fui eu quem a creou desde que a mana falleceu, e ella não poderia ter segredos para mim. Posso dizer mesmo que li todas as suas cartas, todas. Eram lindas !

—Oh ! Minha senhora—murmurei num acabrunhamento que me desesperava.

Ernesto clamava de braços erguidos :

—Meu Deus ! Não ha como as mulheres para os elogios de corpo presente. Lindas cartas ! Está tudo perdido !

Mas a tia Amelia rindo-se, numa alegria corada e viva, ralhava com o sobrinho exigindo-lhe que me pedisse desculpas. E Ernesto tomando um ar demagogico pedia a palavra para explicar a **malandrice**, a **veia poetica**, o **atheismo.** A boa senhora fazia-o sentar imperiosa e risonha :

—Sente-se. Você está hoje espirituoso demais.

Ernesto protestava, e emquanto discutiam eu ia examinando a salinha estreita, pintada a oleo, com duas janellas para a rua. Pelas pare-

des, pelos cantos, sobre as consoles, viam-se photographias de parentes e amigos. No centro, sob o espelho de christal, um grande retrato de Rosa, ajoelhada, de véo e grinalda, na attitude ingenua da primeira communhão, dava á pequena sala um tom religioso de socego e encanto. No alto, dois retratos: tia Amelia, moça, talvez aos vinte annos, sempre corada e sempre com a mesma expressão de bondade e alegria; o outro, de um cavalheiro moreno e sympathico, o bigode ralo a descer-lhe pela bocca, mettido num redingote: fôra o marido.

Nos espaldares das cadeiras, no pequeno sofá, por todos os moveis, pannos de crochet e labyrintho, alvissimos, adornavam candidamente a salinha asseiada. A um canto, junto á janella, jazia, pesado e mudo, um piano allemão.

Tia Amelia ergueu-se, chamou a creada que accendeu os bicos de gaz do pequeno lustré.

Lá fóra um crepusculo fulvo cahia sobre todas as cousas, envolvendo-as na penumbra e na tristeza. O sino da Piedade pausadamente badalava o Angelus, e outros sinos distantes plangiam sonoramente.

Palestrámos meia hora. Ernesto puxava um cigarro, batia uma das pontas na unha do pollegar e declarava que eram horas do jantar:

—Vou-me chegando, tia Amelia.

Ella achava cedo ainda, pedia mais uns momentos de palestra. Mas Ernesto apresentava razões : tivera outra discussão, pela manhã, com o pai, sobre casamentos. Alteraram-se, houve mesmo palavras asperas de parte a parte, e não queria que elle o julgasse um covarde ou um grosseirão, faltando ao jantar.

—Aquillo lá por casa se vai tornando uma bellezinha !

Tia Amelia indagava inquieta, olhando piedosamente o sobrinho :

—Sempre as mesmas idéas ? Quer que Você se case com a prima Alice ?

—E logo, antes mesmo da formatura, em Setembro.

—Que mania ! Que intolerancia ! Exclamava a compassiva senhora.

E voltando-se para mim, muito seria, numa triste previsão :

—Faço idéa quando chegar a sua vez !

—Nem sei—murmurei desanimado, começando a achar desagradavel o Commendador.

Ernesto abraçava-a. Levantei-me tambem. Tia Amelia pousava a sua pequena mão sobre o meu hombro e dizia :

—Considero-o como meu futuro sobrinho e meu amigo. De hoje em diante tem que me tratar por tia Amelia, e não admitto que me chame por outro modo. Todos os sabbados ve-

nha ver-me á tarde. Rosa estará aqui tambem, e tomaremos juntos o nosso chá.

Agradeci commovidamente perturbado.

E nessa alegre esperança das tardes de sabbado vivi dentro de uma scintillante aureola de felicidade.

V

Dentro dessa illuminada ventura que me proporcionara a tia Amelia, corria a minha vida.

Abandonei os estudos de Direito e atirei-me á litteratura. Despejei uma violenta caudal de versos pelas Revistas e jornaes da cidade, e fui socio effectivo e ardoroso do "Gremio Rio Branco" que funccionava na rua dos Capitães e se dissolveu—justamente quando ia começar a viver—numa noite memoravel, entre exaltações, gritos e cadeiras que voavam pela sala. Presidia-lhe os destinos um moço truculento de Alagoas. Havia dois mezes que na sala da rua dos Capitães, cedida por um dos socios, ia correndo a discussão dos Estatutos. Emfim, foram approvados, e tratava-se agora de organisar uma Revista que dignamente espargisse o nosso saber. E foi na organisação da mesma,

nessa noite celebre, que inexplicavelmente surgiram opiniões sobre escolas poeticas. Ao principio eram palavras levianas, alegres, fugitivas, que ora faziam rir, ora se perdiam no ar, imperceptiveis. Depois, alteraram-se todos. Os nomes de Baudelaire, Musset, Cruz e Souza e Raymundo Corrêa, corriam pelo ambiente confuso entre ditos, pilherias, insultos e gestos de punhos fechados. Alteraram-se mais. Não era um ruido, era um clamor de revolta. E de repente, o moço truculento de Alagoas deixa a Presidencia, agarra na cadeira da Presidencia e atira-a a um contendor que a recebe na cabeça e cahe ferido. Estabeleceu-se a lucta. Visinhos surgiam a ver a sessão infernal. Por fim entrou a policia que olhou, observou, sorriu e sahiu.

Desse modo, tumultuoso e antipathico, se desfez o Gremio. E comecei a temer as sociedades litterarias.

Continuei, entretanto, a versejar, e á proporção que versejava ia crescendo dentro em mim o horror pelos compendios.

Perguntei a mim mesmo, muitas vezes, para que serviriam essas investidas atravez do saber, e se a felicidade perfeita não seria a perfeita ignorancia ! Adandonei os livros. Nunca mais, á minha mesa de trabalho, sob a luz do candieiro de petroleo (cujo pavio nunca estava

aparado e fumaçava como uma chaminé de fabrica) abri um Tratado. Para que ? Não sabiamos nada ! Havia milhares de annos que os homens varavam os laboratorios, desciam ás furnas, olhavam os astros, fundiam os metaes, estabeleciam principios philosophicos, dissecavam cadaveres, espreitavam todas as **Causas.** Para que ? Depois de tantas investigações, tanta curiosidade, tanto labor, que nos trouxeram elles, os homens ? Que nos deu, depois de tantos seculos penosamente atravessados, essa sombria caravana de sabios ? A Duvida ! A Duvida cada vez maior, cada vez mais viva, cada vez mais triste ! Não sabiamos nada ! Nem ao menos podiamos explicar e comprehender esse futil, insignificante, elementar phenomeno da Vida, que vem da Monera ao Homem !

E com a cabeça a doer, pensei uma noite—em que insomnia me transia os nervos—que tinhamos apenas a nos distinguir dos velhos **Platyrrhinios** das cavernas :—a verticalidade e a maldade.

Com essas idéas temerarias entrei em banca de exames do quarto anno, numa aziaga sexta-feira de Novembro. Fuzilei com interrogações os professores, sob uma atmosphera de espanto e risinhos abafados. Os examinadores

aconselharam-me uma Casa de Saude e **simplificaram-me !**

*

* *

Por esse tempo o meu estado moral ia contribuindo para o meu abatimento physico, e uma fadiga, um cansaço, umas longas quebreiras derreavam-me horas seguidas pelos cantos da casa, isolado e mudo, como alguem que espera somente o fim do trabalho de um coveiro para estirar-se na sepultura, consolado e tranquillo. Agitava-me noites inteiras espicaçado por uma insomnia diabolica, a ouvir as horas monotonas de todos os sinos vibrando no fundo silencio nocturno.

A minha saude decahia. Desapparecera-me a antiga voracidade, uma voracidade que amedrontava os companheiros á mesa da **republica** e levava-os a tomar precauções.

Esse symptoma era alarmante—disse-me um dia, o Jorge, piedosamente ; e então, resolvi procurar um medico que me salvasse da inappetencia, ao menos.

Numa tarde amavel bati á porta conhecida e amiga do Dr. Elesbão, na Graça. Levava a esperança intangivel de que esse monumento de sabedoria, facilmente—como quem remove um obstaculo facil—sanaria os meus males digestivos. Eu sahiria da sua casa rejuvenescido

e feliz, porque elle, com a sua desmedida sciencia de quarenta annos e dez mil volumes, afastaria de mim o espectro da morte que me seguia, enfastiado e lugubre.

Jamais (pensei, ao calcar o botão da campainha electrica) dessa torre de erudição alguem sahira sem a certesa de um diagnostico e sem a possibilidade de uma cura. Um gesto, uma palavra, um simples olhar do grande sabio bastavam para levar toda a tranquillidade e toda a felicidade aos que imploravam o seu inexgottavel e demasiado saber.

Entrei, todavia, emocionado.

O Dr. Elesbão recebeu-me com um sorriso sereno, na sua fecunda bibliotheca, de altas, solennes estantes de mogno.

Era uma grande sala, branca, de espiritualisante claridade, com as janellas abertas para o nascente. Por ellas se via o pequenino jardim onde uma palmeira imperial, ao centro, se elevava nobremente, cercada de roseiras florindo. Proximo a uma das janellas, um girasól tristonho ostentava, pendida para o poente, uma grande flor amarella. Sobre a larga mesa de estudos havia livros esparsos, papeis, varios objectos e um tinteiro de prata com uma aguia de azas distendidas na ancia de um vôo fremente. Junto á mesa, num dunkerque de ebano, pousava uma caveira sobre um supporte nicke-

lado. Pelos cantos columnas de marmore ostentavam estatuetas e jarrões, e atraz da cadeira do Mestre surgia o busto de Hypocrates, saliente e austero como o de um deus pensativo. Entre duas estantes um pendulo alto e negro marcava as horas antecedendo-as de um minuete elegante do tempo do Rei-Sól. Nas paredes dois quadros a oleo : — uma cabeça de velha a sorrir com brandura e uma alacre marinha em que se notava sobre um oceano infinito uma vela perdida. Um sofá de molas envolvido em capa de linho branco e algumas cadeiras de jacarandá com espaldares em alto relevo, completavam o severo mobiliario.

O Dr. Elesbão vestia um terno de casemira clara, e de todo o seu vulto aprumado e rijo sobresahia um vigor magnifico e um asseio esfregado.

Sentei-me proximo á mesa e elle começou, espalmando uma das mãos na immensa calva :

—Surprehenderam-me, meu amigo, os seus exames deste anno. O Sr. que vinha tão bem, com certo brilho mesmo, a levar agora essas **simplificações** ! Que lhe succedeu para tamanho desastre, quasi no fim do seu curso ?

—Foi simples—respondi a custo, roendo as palavras. Não estudei nada, e só á misericordia dos professores e talvez aos meus passados

exames, devo as minhas approvações deste anno.

—E' incrivel ! Dizia o sabio.

Continuei affrontando o seu pasmo :

—Os examinadores foram excessivamente benevolos. O meu exame foi um escandalo na Faculdade.

—E' incrivel ! E' incrivel ! Repetia o Dr. Elesbão, consternado.

Sobreveio um curto silencio, o embaraçado silencio das confidencias que terminam desagradavelmente e deixam a alma gelada e acerba. Ponteava-o o tic-tac do pendulo negro como as systóles e diastoles de um grande coração pulsando sobre os destroços de uma catastrophe.

Então, commovido diante daquelle interesse, e desejando terminar a mudez mortificante, disse-lhe a que ia e o fim da minha visita—visita de cliente que pedia conselhos e remedios.

Despi o paletot. O sabio percutiu-me com vagar, methodicamente. Os seus dedos batiam sobre as minhas costellas com um choque surdo e impressionante que me confrangia. Collou depois o ouvido ao meu peito, demoradamente, baixando a cabeça onde eu via raros fios de cabello branco vivendo sem forças no craneo relusente como se por alli houvesse passado uma devastação de incendio.

A sua physionomia tornara-se inquieta. Prolongando o exame fez-me deitar no sofá. Apalpou-me o estomago, o figado, o baço, os intestinos, procurando com vehemencia alguma viscera combalida ; e a cada apalpadella, a cada compressão, perguntava sombriamente :

—Dóe, aqui ?

Eu respondia "não" com timidez e tristeza, indignado porque os meus orgãos internos funccionavam com incivil regularidade. O Dr. Elesbão voltava ao exame, soffrego. Por fim, cançado, indagou :

—Porque motivo procura um medico ? Diga-me o que sente, o que tem, afinal. Nada encontro que indique uma perturbação ou uma infecção no seu organismo.

Parece-me que sorri com perversidade, e disse-lhe gosando a impotencia do seu saber :

—Nada sinto, e é isso o que me atemorisa. Sei apenas que vou definhando, que perdi o appetite, que tenho uma sensação de vasio, como se todas as minhas visceras houvessem fugido. O coração, os pulmões...

Mas já o Dr. Elesbão grudava com força a orelha pequenina sobre o meu coração e os meus pulmões, num "ah !" victorioso que me estarreceu. Por alli esteve, por alli se quedou em longos, desapiedados minutos, emquanto eu suffocava, suado.

Despregou-se, emfim ! Ergueu-se, olhou-me de frente, risonho. Senti o allivio de quem escapa a um castigo, ouvindo-o dizer :

—Não ha nada de anormal no seu organismo, a não ser uma perturbação do systema nervoso. Os seus orgãos essenciaes estão perfeitos. Entretanto, tome cuidado com os pulmões que não respiram com a amplitude necessaria. O Sr. vá para o sertão agora nas ferias, e a sua mocidade fará o resto. Não lhe dou remedios : seria uma deslealdade ou um crime obrigal-o a tomar as panacéas pharmaceuticas. O meu amigo submetta-se a um bom regimen : durma e accorde cedo ; largue o tabaco ; faça exercicios ; faça gymnastica respiratoria. Emfim, (e fitou-me fixamente com um olhar agudo) tranquillise o seu espirito perturbado.

Eu ia responder e garantir-lhe a integridade do meu espirito. Elle, porem, calcou a mão sobre o meu hombro e continuou, fixando-me :

—Sou um pouco medico de almas tambem. Na minha profissão—que só exerço hoje para os amigos—apprendi a curar o mal physico primeiramente, mas ao encanecer vi que os peiores males são os moraes. E o seu estado moral é peior que o seu estado physiologico. Alguma causa psychica transtorna-lhe a vida, altera-lhe as funcções, modifica-lhe o caracter.

Resisti á insinuação negando com desfaçatez a minha evidente desorganisação espiritual. Mas elle teimava, carregando o sobrolho :

—Não commetto a indiscreção de perguntar-lhe o motivo por que lhe anda o cerebro desordenado. Seria isso impertinencia e descortezia, mas não lhe dou o direito de tão brusca negativa, tão mal justificada. E' este o seu caso, e não ha necessidade de derrubar das estantes Tratados de Psychologia para o comprehender. A sua physionomia é a de um homem consumido por uma obsessão, martyrisado por uma idéa fixa.

Não havia nas suas palavras fatuidade e arrogancia. Parecia antes um discorrer sereno e confiante de amigo sensato, com as prerogativas da idade e da experiencia. A minha obstinação desfallecia e murchava como uma folha de arvore no outono.

Então, mais calmo, vasei no seu peito amigo o meu longo segredo de amor. Contei-lhe o motivo do meu desastre nos exames ; a minha paixão absorvente ; o horror que me causavam os estudos scientificos ; a desorganisação moral que me atordoava—vivendo uma vida de demente com raros momentos de lucidez e intermittencias de ridiculo.

O grande homem ouviu com piedosa attenção a minha estranha confidencia. Vi que

lhe despertava commiseração e esperei o conforto do seu conselho. Elle baixara a cabeça, pousando distrahidamente os olhos sobre a caveira que lhe ficava ao lado. E, alheio, longinquo, perdido numa larga divagação, como se falasse para si proprio, criticando em capitulo banal de psychiatria, começou :

—O meu amigo é uma caso pathologico de psychose atavica. A impressão recebida pelos seus centros nervosos (que anteriormente á essa paixão funccionavam com regularidade) foi muito violenta, não porque o fosse em si mesma, mas porque o terreno em que ella medrou fôra longamente preparado. Bastou encontrar a semente propria a elle destinada para que se estabelecessem bruscamente as condições de fertilidade. Esse é o unico modo, vulgar e rasteiro, com que lhe posso explicar o phenomeno scientifico do atavismo. O Sr. é simplesmente—para empregar o termo justo—um tarado !

Eu ouvia isso, pasmado e frio, olhando tambem a caveira que o Dr. Elesbão afagava docemente, e que parecia ter para nós dois um sorriso sarcastico e branco !

O sabio demorou um segundo e concluiu :

—Já teve na sua familia, nos seus antepassados, alguem que foi um passional doentio,

atacado dessa morbidez que o vai agora devastando.

—Mas, Dr....

O sabio já não me ouvia, perdido nas suas demonstrações :

—Essa predisposição—dizia—vem talvez atravessando gerações inteiras. Ora perturbada na sua evolução, ora contida por effeitos mesologicos e ethogenicos, ora modifcada pelas correntes transmissoras e receptoras, chegou, emfim, ao seu cortex cerebral. Do estado latente passou á uma vitalidade exagerada, e o Sr. soffre hoje as consequencias desse atavismo que pode leval-o ao hospicio.

Largara a caveira, e essas ultimas palavras eram ditas na minha face, com o dedo espetado no ar, tragico e rigido como uma lamina de espada que ameaçasse do alto uma fronte de reprobo.

Eu recuava espavorido, e pude apenas murmurar, cahido no sofá de molas, com o aspecto de um condemnado á morte :

—Jamais me constou, meu caro Mestre, que existissem na minha familia casos dessa natureza. Os meus avós eram simples sertanejos, de austeros costumes, secularmente castos !

—Não importa,—sustentava o illustre homem. As vezes nessas rudes organisações de sertanejos ha deliquescencias surprehendentes.

Como são persistentes e apaixonados no odio, podem ser fracos nos sentimentos affectivos. São identicos desiquilibrios moraes, porque todo o sentimento exaltado é uma anormalidade, e o homem perfeito é extreme de odios e affectos excessivos. Esse exemplar (era assim, com essa deploravel irreverencia, que o Dr. Elesbão designava um dos meus avós !) que lhe transmittiu tão desastrada paixão pode ser tão antigo que haja escapado á sua chronica genealogica. Mas existiu. E' uma herança ; má herança, é verdade, (pessima herança !—pensava eu) que o meu amigo recebeu sem querer...

—Pudera ! atalhei suspirando.

—...e ha de propagar por sua vez. Portanto, é preciso, é logico, é necessario que não se case nunca. Essa sua paixão morrerá. E' um estado transitorio curavel ainda com a ausencia da causa provocadora e com estudos bem orientados. Leia, leia muito, leia incessantemente, e ha de ver o triumpho admiravel da Sciencia.

Arfou o thorax, satisfeito com a prelecção, gosando o effeito das suas palavras, e scismando, talvez, que é um grande conforto a certeza da estabilidade propria diante da instabilidade alheia.

E emquanto o sabio illustre falava tecendo panegyricos á Sciencia, eu ia pensando que essa herança macabra devia remontar a millenios, vinda de algum avô troglodyta que já suspirava na sua gruta de pedra e traçava com algum osso de mamuth, no silencio e na poesia das tardes primevas, sobre as paredes da rocha bruta, o incerto perfil da amada. Via esse avô, todo nú, hirsuto e feroz, rangendo os dentes, ululando de desejos ou gemendo de saudades, a evocar a creatura ambicionada que vira algures, á beira de um lago ou num pendor de serra, coberta nos hombros com uma grossa pelle de urso, a chupar os ossos de algum diplosaurio. Devia ser assim a minha avó !

Talvez fosse mais remota ainda a maldita herança—e recuei espantosamente até o principio de tudo, anciado e inquieto. Talvez ! Na massa gazoza e informe da Terra, quando era uma insignificante Nebulosa vagando no espaço, já certamente estariam fixados, resolvidos, decididos, os factos que se realisariam milhões de annos depois. Era o **Determinismo,** santo Deus !

Livrou-me da escalada pela Origem a palavra do sabio ao lado :

—Não esteja a pensar, meu amigo. Disse-lhe a verdade, isto é, aquillo que penso que é a verdade, porque o estimo e quero vel-o curado

e forte vencendo a batalha da vida. Penso que lhe disse a verdade, mas fique sabendo que não existe a verdade. Em todo o caso, cuide da sua saude e esqueça-se do atavismo.

Sentindo a intima bondade das suas phrases, respondi com tristeza :

—Eu scismava no prestigio das Theorias, nas vantagens do saber e um pouco no **Determinismo.** Grandes cousas essas, caro Mestre !

—Grandes cousas—repetia o sabio. Mas primeiramente vá para o sertão e leve bons livros. Leve os **Primeiros Principios,** leve a **Critica da Razão Pura,** bons Tratados de Sociologia e Biologia. Verá em pouco tempo o effeito bemfasejo. O seu mal, ou por outro modo, o seu difficil e singular sentimento affectivo, não é só o resultado desse distante atavismo. O Sr. tem sobre a sua paixão absurda o descalabro de uma montanha de litteratura, e não comprehende que está fóra do seu meio e do seu tempo. Por isso...

O Dr. Elesbão ia continuar, mas surgiu á porta o rosto macilento de um cliente, cançado da espera.

Desculpou-se, abraçou-me.

Sahi. No pequeno largo da Graça havia silencio e solidão. E a tarde ia morrendo lentamente, numa agonia quieta, amortalhada num sudario roxo e triste.

VI

Antes de partir, em férias, para o meu Estado e o meu sertão, despedi-me de Rosa, uma noite, no jardim da Piedade, (porque a tia Amelia seguira para o interior a tratar de um certo arrendamento) emquanto a multidão elegante e alegre namorava e circulava pelas aleas.

Rosa deixara por um momento as amigas que a acompanhavam, e eu, vendo-a isolada, conduzindo pela mão uma pequenita de grande laço nos cabellos, segui-a com timidez e alvoroço. Caminhámos, então, juntos até um angulo do jardim onde rareavam os passeantes e os reflexos dos combustores morriam discretamente sob os altos ramos das amendoeiras. Ahi parámos. Escassamente transitavam proximo do nosso abrigo. Apenas um typo baixinho e magrinho, de longo fraque negro, e ro-

dando entre os dedos um junco amarello, fitava a janella de uma casa fronteira. E na janella, num primeiro andar, um vulto feminino, romantico e pensativo, olhava o moço magrinho e scismava recostado.

No piano de um club carnavalesco, na esquina da praça, alguem machucava melancolicamente uma valsa arrastada. Um vendedor de gelados passava empurrando pelo calçamento o carrinho com a lanterna vermelha á frente; e de vez em quando gania lugubremente annunciando sorvetes. No botequim, defronte, jogadores de dominó discutiam alto, contando pontos, cercados de individuos displicentes; e da sala contigua vinham gargalhadas e estalidos de bolas de bilhar. Por vezes espoucavam pelas mesinhas de marmore garrafas que se abriam, e uma turba suspeita e suja vagava pelas portas.

A noite era quente, escura, pejada de nuvens grossas, cortada de relampagos longinquos, numa suffocante agonia de tempestade proxima.

Rosa estava visivelmente triste, e o seu claro olhar azul deixava transparecer a intensa emoção do momento. Eu embaraçava-me nas palavras, ora tentando uma phrase de espirito que me sahia murcha e sem brilho, ora alludindo á nossa breve separação—e disfarçando

pessimamente a intima commoção que me torturava.

A pequenita escapara-lhe das mãos para ir ver outras creanças que brincavam distante, e Rosa, interrompendo bruscamente a minha desnorteada loquacidade, deu-me a entender, entre receiosa e risonha,—num murmurio mais leve que o ruido da aragem pelas folhas das amendoeiras,—que o seu pai se oppunha ao nosso futuro casamento, e seria preciso para o demover de tão dura teima, toda uma serena e habil diplomacia.

Ainda não terminara a sua revelação e todo o sangue affluia-me ao rosto, violentamente, como se me atirassem uma injuria nefanda. E rugi num desespero bravio, como se o pai de Rosa, o Commendador Noronha, alli estivesse, á minha frente, soberbo e bruto, esmagando-me com o seu orgulho :

—Mas, porque essa opposição ? Porque ?

O meu rugido de revolta e de dor resoou na sombra e no silencio,—e resoou tão alto, tão vivo, tão estupido, que o sujeito de fraque se voltou com surpresa para o nosso lado ; um passeiante suspendeu o passeio, e parece que as proprias lampadas electricas avivaram de subito o brilho vehemente.

A minha doce amada baixava a cabeça ; eu mordia os beiços, livido, desconcertado com o grito. Ella, entretanto, explicava a recusa.

—Não sei. Papai foi sempre assim : exquisito, com essas prevenções inexplicaveis para tudo o que é de fóra, que não está no seu meio e na familia. E' um espirito conservador, intransigente, indomavel. Comtudo, tem um excellente coração, e é por ahi, por esse coração, que devemos tentar o assalto. Demais, nada me disse positivamente : eu o sinto, apenas.

Penalisada com o meu desespero, continuou :

—Dahi... talvez seja um simples presentimento meu... Talvez seja somente o receio de ver perturbados os nossos projectos...

Tranquillisado e dominado pela caricia da sua voz, retorqui-lhe com socego :

—Não. Não é presentimento seu. Ernesto já me havia avisado dessa resistencia. Fale-me, pois, sem rodeios e sem consolações. Estou calmo, estou sereno. Elle disse-lhe que se oppunha ao nosso casamento ? Disse-lhe o motivo dessa opposição ?

Rosa olhava-me o rosto, quieta e triste.

—Não. Não disse. Dá-me a entender por meias palavras, por indirectas, quando se trata do casamento do Ernesto.

—E porque Você nunca me falou sobre isso, nem nas suas cartas, nem em casa da tia Amelia ? Porque deixou para o momento da nossa despedida esse amargo assumpto ?

Meigamente ella ia explicando, torcendo nas mãos pequeninas o lencinho bordado :

—Para que havia eu de falar sobre isso nas minhas cartas ou nas nossas tardes de sabbado ? Eramos tão felizes ! E eram tão curtas essas tardes ! Não seria maldade levar esse desgosto ? No emtanto, eu tinha remorsos porque Você ignorava esse incidente, e resolvi revelal-o hoje, para que mais tarde não me viesse uma queixa que poderia maguar-me.

Eu succumbia diante da sua bondade. Ella falava ainda, affirmava que essa recusa em vez de diminuir o seu affecto, cada vez mais o augmentava, dando-lhe um aspecto de aventura romanesca :

—E' melhor assim, Humberto : fugimos á banalidade dos casamentos desejados por todo o mundo.

Sorria alegremente como eu a vira sorrir nas enlevadas tardes da tia Amelia.

Mas um immenso desanimo tomava-me, cortava-me a palavra, demolia-me a vontade pela base como um alvião que excavasse os alicerces de um muro. Não podia disfarçar a minha covardia, o meu surdo despeito perante

esse evidente e intransponivel obstaculo. E vagamente, friamente, riscando com a bengala a areia do jardim, disse-lhe com esforço :

—Sinto-me afflicto com essa noticia. A nossa felicidade era grande demais, e por isso resente-se até o amago com qualquer imprevisto que a transtorne.

Ella, porem, não acreditava no transtorno dessa felicidade e asseverava que esse estorvo exaltaria ainda mais os nossos sentimentos ; e venceriamos a resistencia paterna. Previa o nosso futuro, tranquillo e alegre : um chaletsinho no Rio Vermelho ou na Barra ; um jardimsito ; o mar em frente—e sobre tudo isso, maior do que o mar, a nossa infinita, transbordante felicidade.

Falava ás pressas, citando casos identicos de amigas suas, zombando dos meus receios. E vendo-me cada vez mais taciturno, concluiu :

—Seremos felizes ! Muito felizes !

Diante da sua terna bondade, do seu carinho e do effluvio da sua graça, mais se cavavam na minha alma os sulcos da tristeza, pensando que ella iria soffrer quando se approximasse o desfecho de tudo.

Rosa não insistiu, e olhando-me o rosto cavado e apprehensivo, pedia :

—Não o quero assim, Humberto. Deixe esses modos, essa excessiva preoccupação. Faz-me mal o seu aspecto.

—Não é por mim que me entristeço,—disse-lhe. E' por Você. Não tenho medo da lucta. Sou moço ; sou livre. Nada, portanto, poderá abater-me. O que me entristece é ver que Você tem de arrastar commigo, que não lhe mereço, esses dissabores.

—Saberei ser forte—atalhou-me Rosa, com serenidade. Exijo apenas a sua confiança, e com ella venceremos.

Calou-se um instante, fitou-me demoradamente, estirou-me a mão que tremia :

—Adeus.

Sem uma phrase, parado, sentindo em torno o Mundo immobilisado, apertei-lhe a mãosinha fragil.

Assim nos despedimos, sem lances patheticos, sem suspiradas desditas, sem lagrimas, sob os ramos discretos das amendoeiras.

Rosa chamou a pequenita e seguiu para o grupo das amigas. Fiquei um momento ainda, suspenso e absorto, contemplando o seu vulto que ia desapparecendo por entre os crotons e as flores, e deixando no espaço por onde passava um perfume de violetas e uma restea de luz. Estava só, agora. O sujeito de fraque, esguio, desconsolado, pequenino, tomara na es-

quina da rua, em frente ao botequim, outra posição estrategica, e rodava o junco nos dedos. O vulto feminino lá continuava, branco, romantico, silencioso, a seguir com os olhos tristonhos o seu idolo de fraque.

A passo lento fui caminhando para a casa, ruminando a minha grande ventura, envolvido no meu grande sonho, e dentro delle esquecendo a vida, o passado e o futuro, e traçando á minha felicidade um circulo de aço que a separava do resto da Terra e da humanidade.

No meu quarto, derreado sobre a enxerga de lona, cerrei os olhos tentando sustar as idéas que tumultuavam em danças de duendes. Na **republica** havia um silencio escuro e fundo, e apenas em baixo, no andar terreo, o violão do Fagundes—um calouro triste da Parahyba—gemia desconsoladamente um acompanhamento em lá-menor. Nenhum outro ruido violava a treva de toda a casa, quieta, emfim, áquella hora da noite, quando todos os companheiros se divertiam pela velha cidade. Estirado, combalido de corpo e de espirito, senti saudades do tempo em que, despreoccupado e quasi inconsciente, arrastava tambem os meus passos pelas tortuosas viellas da Sé ou pelas claridades da Praça Castro Alves, em companhias bohemias, contente e distrahido, a gosar toda uma independencia de animal sem dono. E agora, alli

estava, perdido em duvidas e cogitações, sombrio e sentimental, sentindo o travo da paixão que começava a crescer e a amargar.

Durante meia hora tive reflexões, analyses e confrontos que me faziam estalar a cabeça, e não podendo resistir a tão profundos raciocinios, ergui-me para fugir á impressionante solidão do meu quarto. Mas nesse momento surgiu á porta, embuçado num lençol, esgrouviado e tragico, o Almeida, de Santa Catharina, segundo-annista de Pharmacia. O seu olhar fuzilava na penumbra do aposento ; e de pé, mesmo da porta, falou indignado :

—Não se pode dormir, Humberto. E' um calor dos diabos, e ainda por cima esse violão infame, desde ás seis da tarde, a tocar, a tocar, como um castigo. Eu endoideço nesta casa ! Não ha quem resista á estupidez de um acompanhamento trez horas seguidas !

Desejando acalmal-o, e tentando desculpar o Fagundes, disse-lhe quasi a sorrir :

—Deixa o pobre calouro. Chegou ha pouco da terra, e naturalmente anda cheio de saudades. Deixa-o espanejar as maguas no violão. Está a recordar-se da namorada, da familia, dos coqueiros da Parahyba, coitado ! Todos nós somos assim, no começo ; depois é que cahimos em peccado e esquecimento.

Mas o Almeida segurava o lençol e esbravejava :

—Maguas ? Saudades ? Pois sim ! Do que elle precisava era de um **trote** ; um balde de agua sobre a cabeça de burro e o violão nas costas, aos pedaços. Só assim se podia corrigir esse bruto !

Agitava-se, ameaçava, jurando uma vingança inaudita. Mal humorado com a bravata, e conhecendo-lhe a covardia intrinseca, desabafei :

—Então, vai lá ter com elle. Dá-lhe o **trote**, esborracha-o, mata-o, se quizeres ; mas deixa-me em paz. Eu ando mal dos nervos.

Elle sahiu, com um "bôa noite" secco, o olhar de louco girando nas orbitas.

E emquanto descia as escadas ia eu pensando nas singularidades desse Almeida, que se fazia detestar por todos os companheiros e creados, rosnando queixas continuas, a pedir silencio pela irrequieta **republica**, de quarto em quarto, porque ia dormir, porque ia estudar, por motivos absurdos que não comprehendiamos. Sobre esse defeito tinha manias de desiquilibrado : dormia ás vezes pelo soalho, de borco, resonando como um suino ; deixava crescer a barba e o cabello durante semanas, e de repente, uma tarde, apparecia-nos todo raspado, a cabeça reluzindo ao sól. Cantava em

allemão e fumava num cachimbo de cereja exotico e monumental, que tresandava a sarro. Por vezes discutia espiritismo, aos gritos, esmurrando as cadeiras, congesto e desorientado com os apartes. Era sonambulo, e olhava para tudo fixamente, cravando os olhos desvairados, rolantes e côr de cinza. Nos dias de bom humor, rarissimos, offerecia-nos matte e contava-nos historias galantes de Joinville, sua terra natal, expondo á nossa admiração e á nossa escondida maldade um grande retrato do Kaiser, tremendamente fardado. Nós achavamos tudo insipido e ridiculo : o matte, as historias e o Kaiser.

Atravessando a sala de jantar e o quarto onde o Fagundes, em ceroulas e escanchado na rede, repenicava no seu violão, perguntei a mim mesmo porque a natureza juntara tão desencontrados elementos ao estranho organismo do Almeida !

A nossa **republica** funccionava num velho casarão de dois andares, amplo e sem moveis, onde as paredes grossas como as de uma fortaleza, tinham externamente uma côr indefinida e archaica. Na frente existia um pequenino quadro de terra, que certamente em tempos mais austeros fôra jardim, mas que se transformara aos poucos num quintalejo agreste em que vicejavam, descuidados e livres, tufos de

hervas desconhecidas sob os ramos bravios de um maracujáseiro que era o nosso cuidado e o nosso orgulho. Debaixo dessa vicejante trepadeira havia um banco de pedra—uma lage de granito sobre dois pilares de alvenaria. Uma grade de ferro e um portão sempre aberto, enferrujado e perro por cinco annos de immobilidade, separavam-nos da rua.

Foi justamente no banco de pedra que fui encontrar o Soares, o mais velho dos companheiros, doutorando em Medicina e já com ares de madureza e de experiencia no rosto gravemente vincado, em que os grossos e negros bigodes luziam de brilhantina.

Soares, afogueado pelo calor da noite ameaçadora, descançava na lage, desabotoado e esbaforido. Ao ver-me, afastou-se, offerecendo-me um logar.

—Sente-se aqui, Humberto. Que noite, hein ? Estou alagado, e alem de alagado, furioso. Sobretudo, furioso !

Sentei-me, disposto a escutar os furores que o atormentavam. E Soares, enxugando o suor e cravando-me os olhos pretos e estrabicos, falou, desabafou toda a furia :

—Tive hoje, ainda ha pouco, uma scena detestavel ! Como Você sabe, tenho relações com a familia do Major Pereira, desde Junho do anno passado. Todos consideravam-me,

tratavam-me bem, convidavam-me para almoçar de vez em quando. As relações foram se tornando cada vez mais intimas, e por fim eu frequentava a casa todas as noites, num habito agradavel e innocente. O Pereira, a mulher e as duas filhas tinham as minhas visitas tão certas, tão pontuaes, que lhes causava espanto quando eu por acaso falhava uma noite. Ia assim correndo a amisade. As duas filhas, já moças, davam-me tratamento quasi fraternal, e eu quasi fraternalmente as estimava. Uma delicia, não ?

—Parece ; conheço peiores.

—Estavamos nisso ha mais de um anno. Pois bem, hoje, depois da ceia, quando eu fumava o meu charuto na janella, uma das moças, a mais nova, approximou-se, e ingenuamente, ou fingindo ingenuidade, disse-me de sopetão :

—"Então, Soares, é amanhã o pedido de casamento ?"

Fiquei tão estupefacto que deixei cahir o charuto. Ella continuou, a sorrir :

—"Quer-nos fazer surpreza, não é ? Amanhã a Carmen (é a irmã mais velha) faz annos, e eu sei que Você vai pedil-a. Mamãe falou nisso hoje."

Soares desabotoou ainda mais o collete procurando respirar com desafogo. E voltou-se para mim gravemente.

—Avalie, Você, Humberto, o que eu senti nesse momento ! O choque ; a decepção ; o espanto ! Eu, noivo ! Eu, compromettido ! Eu, ameaçado !

—Realmente... dizia eu penalisado, vendo-lhe a angustia na face.

Elle passou o lenço pelo pescoço e continuou :

—Voltei-me para a moça e disse-lhe que estranhava esse casamento. Nunca tinha dado a perceber semelhantes intenções, e continuava com as minhas idéas de celibatario. Ella, mais espantada ainda com a minha resposta, esquivou-se a outras explicações e olhou-me como se me desconhecesse. Fiquei ainda um momento na janella, e ao voltar-me para a sala onde estava toda a familia notei que todos me fitavam de um modo quasi aggressivo. Tomei o chapéo e sahi. Assim terminou hoje esse tempo de paz e de ceias magnificas. Assim, senti na cabeça a maldição dos fados...

—E assim, matou Você as esperanças da Carmen—conclui.

Soares replicava-me com bom humor :

—Pode ser. Mas não me cabe a culpa. Muitas vezes até dei a entender áquella gente

que não me casaria nunca ; que acho absurdo o casamento. Não posso crer que uma mulher como a Carmen deseje casar commigo, commigo ou com outro homem qualquer, a não ser por interesse ou por estupidez. Sempre disse isso, sempre externei essas idéas. Não creio que uma moça possa encontrar attractivos em sujeitos como nós. A mulher é toda um encanto, toda uma doce harmonia de formas, dos pés á cabeça. O homem é execravel da cabeça aos pés. E Você repare que somos tão horrendos que a mulher, não encontrando em todo o nosso corpo um recanto para as suas caricias, nos vai logo á cabeça. E' na cabeça, afagando-nos os cabellos, que todas ellas demonstram a divina meiguice dos seus carinhos. Não temos outra região decente e artistica : temos apenas a cabeça. E Deus, que tudo vê e não nos perdoa os peccados, desde o Paraizo, vai, por isso, castigando-nos e creando pelo mundo essa infinita legião de carecas. E' a suprema ironia divina !

—Oh ! Soares !

Mas o meu companheiro continuava, exaltado :

—O casamento é antihumano e sobretudo anti-natural, porque condenna o adulterio. Como se pode comprehender que apenas nós, os homens, tenhamos o direito e a liberdade

do adulterio ? Porque negamos esse direito ás mulheres, physiologicamente sensiveis como nós, com o mesmo sangue, o mesmo systema nervoso, o mesmo cerebro, as mesmas idéas ? E' o requinte da hypocrisia ! Por isso vemos todos os dias esses dramas de sangue que ha vinte mil annos se repetem, porque as pobres mulheres, coitadas, prevaricam ! E' incoherente ! Não me caso ; não quero casar ; não casarei nunca ! Não contribuirei com as minhas velleidades para a desgraça de uma creatura.

—Acho que faz bem, Soares... Com essas idéas...

Elle segurava-me a manga do meu casaco e defendia as suas idéas.

—Podem ser exquisitas as minhas idéas neste seculo de ignorancia e egoismo dos homens. Mais tarde serão idéas communs e justas, porque são sinceras e fundadas em principios biologicos.

Ergueu-se do banco, e de pé, disse-me ainda :

—Não se case tambem, Humberto, e se não tem forças para resistir a uma tentação, faça como o Jorge ; reze a oração do Jorge.

—A oração do Jorge ? Perguntei.

—Pois, Você não sabe ? Elle reza todas as noites, esse bandido. Todas as noites, ajoelhado no soalho, nú em pello, pede a Deus que

faça com que elle não se case ; e si se casar que a mulher não o engane ; e se ella o enganar que elle não saiba nunca ; e se souber que não se incommode.

E numa risada larga e fresca o Soares tomou-me o braço e levou-me para dentro porque a tempestade estava proxima.

Os relampagos abriam-se mais rapidos e mais vivos inundando de clarões azulados as paredes do meu quarto. Trovões consecutivos estrondavam no alto abalando toda a casa. O vento rugia pelo telhado, e emfim, veio a chuva, uma chuva grossa, brutal, inpetuosa, roncando pelos tectos e alagando as ruas desertas.

Ao deitar-me, pensei ainda nas palavras de Rosa, naquella indesejavel "aventura romanesca" que começava a inquietar-me como um pesadello. Mas as idéas do Soares appareciam-me tambem como esgares diabolicos na escuridão do meu quarto e no mundo das minhas tristes illusões. E deitei-me immensamente aturdido e impressionado. Toda a **republica** jazia num silencio de necropole, e o violão do Fagundes calara-se, afinal, timidamente, aos rugidos do vento e da chuva.

VII

Eu atulhava de roupa as minhas malas, rogando pragas ao Commendador Noronha, quando me appareceu no quarto, subitamente, --o Ernesto, com um crysanthemo na botoeira do fraque marron. Trazia um activo perfume que logo se espalhou por toda a casa, e empunhava uma bengalinha flexivel. Afastara para a nuca o chapéo de palhinha mostrando a testa branca e lisa e o cabello de um louro desbotado como o da irmã, partido ao meio numa risca geometrica. O bigode frisado, curto, eriçava-se nas pontas com petulancia e graça ; e de todo o seu rosto oval desprendia-se, constante e viva, uma esplendida alegria. O fraque novo e bem feito delineava-lhe o corpo rijo. As calças estreitas desciam com elegancia num vinco forte, e de um torçal de seda preta que pendia sobre a alvura do collete oscillava um monoculo.

Deixei as malas. Ernesto apertou-me a mão com intimidade e com força, e sentou-se precavidamente na minha unica e remendada cadeira de estudos — uma velha cadeira que, dizia elle, eu devia mandar para algum museu de archeologia como preciosidade historica.

—Quem sabe ? Humberto ! Quem sabe se não foi nesta cadeira que se sentou Moysés, no deserto ? Quem sabe se ella não pertenceu a Carlos Magno ? Você é de um desprendimento imperdoavel : esta cadeira vale ouro, filho !

Com volubilidade, sem me deixar falar, disse-me que ia á missa das dez, em São Francisco, ver a Adelaide, mas passava por alli para me dizer cousas de importancia e de urgencia. E immediatamente, num impeto :

—Olhe ! Deu-se o que previ e lhe disse ha tempos. O velho, meu pai, descobriu o seu namoro.

—Oh ! Como ? Perguntei assustado, de pé, olhando-o de frente.

—Foi o Ferreira, o Arnaldo Ferreira, pai daquellas duas magricellas nossas visinhas, que lhe transmittiu tudo, informado pelas filhas.

—Imbecil ! Canalha ! Rosnei no meio do quarto.

Ernesto proseguiu calmamente, rodando o monoculo :

—O Ferreira é doido por um mexerico. Você não imagina ! E' a gazeta falante do Corredor da Victoria. O papai ficou apopletico, furioso, desesperado. O Ferreira disse-lhe tudo hontem pela manhã, e hontem mesmo, á noite, elle chamou a Rosa na sala de visitas e perguntou-lhe se era verdade "esse namorico indecente" (é assim que elle traduz o seu grande amor) e se ella queria continuar com essa "brincadeira ridicula". Mas isso, menino, foi dito de um folego, ás vergastadas de sarcasmo, estourando de raiva, louco, vermelho, com olhares terriveis para a pobre. O Ferreira é um patife conhecido e desacreditado, mas deve ter feito com habilidade a infamiasinha.

Suspenso, estonteado, eu ia emittindo "ohs !" anciosos. Ernesto crusava as pernas, esticava a ponta aguda de um sapato mostrando as meias de seda, onde eu via idiotamente estrellinhas bordadas. Continuou :

—A mana sustentou que era verdade, que continuaria e que não era um "namorico indecente" como elle pensava. Pedia-lhe que se acalmasse, que a ouvisse, que não perdesse a cabeça nem désse escandalo. Foi peior ! O velho gritou mais, ameaçando-a com prisões, com exilio pelo sertão, com supplicios, se ella não terminasse a "indigna comedia". Eu estava escondido atraz de um reposteiro ouvindo

tudo, assombrado com a scena, com o furor do velho, com a serenidade hirta da Rosa. Ella estava de pé, junto ao piano, immovel, e tão branca, tão branca, que tive medo de uma syncope. Meu pai esmurrava o encosto de uma poltrona e falava, e bradava e rugia e exigia a obediencia filial, aos berros. Então, Rosa, vendo que as supplicas eram inuteis, reagiu, horrivelmente pallida :

—"Faça o que quizer, meu pai, mas fique certo de que não me demove. Saberei soffrer todos os castigos, todas as injustiças."

—Meu Deus ! Exclamei esgazeado, fitando o Ernesto que de pé imitava os gestos da irmã. Elle terminava :

—E tinha outra personagem no drama, na sala de visitas, que sorria a um canto e zombava da altivez da mana.

—Quem era esse miseravel, Ernesto ? Quem era ?

Elle sentava-se, puxava a cigarreira de prata, tirava um cigarro :

—Era o meu tio Virgilio, que Você conhece pelo menos de vista, e sempre dá toda a razão a meu pai porque vive á sua custa. Tambem se metteu na scena, nessa altura.

—Seu tio ?

—Sim. Elle socialmente, legalmente, decentemente, nada tem que ver com isso. Nada.

Foi por adulação, pelo habito de querer ser agradavel. Em certo ponto, quando a colera de meu pai estava em carne viva, elle poz os dedos na cava do collete e declarou que o caso era simples e ia resolvel-o rapidamente. Espanto ! Exclamação ! Assombro por toda a sala ! Meu pai socegava um pouco e olhava o irmão, — que considera intelligentissimo — convicto de que elle salvaria a situação. Era simples, affirmou sorrindo o tio Virgilio :— Rosa não tinha culpa ; o culpado era Você, e Você merecia um castigo, uma desmoralisação em plena rua, no Corredor da Victoria. Era só isto ! Mais nada ! E elle encarregava-se da desmoralisação ! Bastava uma chibata !

Senti no rosto a vermelha impressão de uma chibatada ; e ou devia estar muito afogueado ou muito pallido. Comtudo, repliquei friamente :

—Agradeço-lhe o aviso, Ernesto. Mas se puder, diga ao seu tio que prefiro a morte á uma chibatada no meio da rua. E para elle é mais facil e mais rapido dar-me um tiro.

—Deixe-me continuar—pedia o Ernesto. Sei bem o que Você faria se fosse ao menos ameaçado. Não ha necessidade de dizer-m'o. Mas deixe-me continuar : a scena da sala ia correndo em lances largos como nos dramalhões do Theatro São João. Nada faltava—ha-

via a donzella, o centro nobre, o cynico. Faltava o publico, mas eu representava o publico atraz do reposteiro, e estava indignado com a idéa do tio Virgilio. Meu pai olhava o irmão e quasi sorria, satisfeito com o rompante. Nesse momento formidavel, Rosa deixa o piano, caminha direita, firme, até junto do tio e diz-lhe alto, o dedo erguido, vibrando :

—"Isso é uma covardia ; uma indignidade ! Tenho a certeza de que o Sr. não fará o que disse ; mas declaro-lhe que se o fizer serei a primeira a desprezar esse moço !"

—Meu tio recuava atrapalhado e enxugava o suor do rosto, repetindo :

—"Pois verá ! Pois verá !"

—Eu nem sei como me continha atraz do reposteiro. Rosa seguia-o, falando, escarnecendo daquella fanfarronada :

—"O Sr. não o desmoralisará, porque é um covarde ; sempre foi um covarde !"

—Meu pai surprehendido com a attitude brusca e energica da mana calou-se e arrastou o tio Virgilio para o gabinete, enfiado e atarantado. Eu delirava de alegria ! Tinha suores frios de emoção e uma vontade doida de bater palmas e vaiar o cynico. Entrei na sala, beijei-a. Ella soluçava abraçada commigo, pedindo-me que a não desamparasse. Perdi a cabeça. Fil-a sentar e varei para o gabinete onde

estavam os dois homens. Puz a mão no hombro do tio e disse-lhe duramente :

—"Tome cuidado com a lingua, tio Virgilio ! Tome cuidado ! Se Humberto souber dessa ameaça Você está em maus lençóes ! Veja lá ! Rosa pode avisal-o, e nesse caso não dou muita cousa por sua pelle."

—Ambos ficaram calados, caladissimos. Voltei á sala e levei a mana para dentro.

—Que scena ! Que impressionante scena ! —murmurei commovido, quando Ernesto terminou.

—Verdadeiro quinto acto, Humberto ! Houve até trovoada ! Aquella trovoada de hontem á noite.

Levantou-se, então, consultou o relogio, foi á janella, foi ao espelho, examinou o laço da gravata e as pontas do collarinho brilhante e alvissimo. Passou a escova no cabello alisando-o com vigor, e perguntou-me dando meia volta :

—Você vai mesmo no "São Salvador" ?

—Vou. Se quizer alguma cousa...

—Felicidades. Irei a bordo. E olhe : aquillo do tio Virgilio fica entre nós, esquecido, não é ?

—Pois não.

Desceu a escada, lentamente, com elegancia. Fui á janella para vel-o sahir.

Na rua tranquilla e suja raros passeiantes subiam e desciam com vagares de ocio, gosando a madraçaria do Domingo. Defronte, as duas meninas Gomes, debruçadas nas janellas, de casaquinhos bem decotados, exhibindo as curvas dos seios morenos, olhavam para a nossa **republica,** aos risinhos, acotovellando-se. Eram (como as baptisara um dia o Jorge) as **Sobremesas.** E só as tratavamos, só as conheciamos em casa pelas **Sobremesas.** Nas palestras ouvia-se frequentemente: — "Sabes quem vi na rua ? As **Sobremesas.**" Apparecia um boato, um enredo, uma intriga ? Foram certamente as **Sobremesas,** porque ellas tinham esse largo privilegio de tecedoras, de autoras de cartas anonymas, de fonte original dos mexericos. Assim eram conhecidas porque não participavam dos namoros sérios, elevados, com intenções honestas. Serviam apenas para as brincadeiras, para os deboches, durante o dia ou á noite, quando voltavamos dos amores platonicos, cheios de ideal, de sonhos, ou desapontamentos.

As duas irmãs namoravam simultaneamente todos os estudantes, e namoravam por indole, por distracção, por vicio, sem ciumes e sem idéas de casamento. Eram ambas morenas, esguias, baixinhas, de olhos negros e doces e diabolicos. Alem disso possuiam

esplendidos cabellos que soltavam por vezes, aos Domingos, num desalinho provocante e lubrico. Tinham sardas que disfarçavam com o excesso de pó de arroz, e faziam bordados e travesseiros de setim que rifavam continuamente. Essas rifas eram para nós um pesadello mensal. E muitas vezes, nas nossas intoleraveis decadencias financeiras, quando qualquer companheiro recorria a outro, ouvia-se com infinita melancolia : — "Não ; não é possivel ! Só tenho o dinheirinho da rifa; dinheiro sagrado, como sabe ! "E era sagrado ! Se não comprassemos o malfadado bilhete cahiriamos no desagrado, perderiamos o prestigio, a amisade e a desmedida complacencia das **Sobremesas.** Por isso, o Jorge, de uma felicidade inaudita nos sorteios, possuia dois travesseiros de setim ! Dois travesseiros que elle expunha nos dias de festa na sua cama de lona ! Eu tinha apenas uma toalha bordada, imprestavel e modesta.

O pai das duas moças, o Sr. Severino Gomes, funccionario da policia civil, gostava de tocatas, de pandegas, e bebia aguardente. Tinha uma côr escura, baça, indefinida, uma calva lustrosa e uma voz assobiada e fina. Nunca estava em casa, e por qualquer motivo dava festinhas intimas com danças até tarde.

Severino, alem das duas filhas, possuía a mulher, D. Sebastiana, uma creatura branca, de um branco triste, sempre com cançaços e uma tosse secca. Como andava de mansinho pela casa, D. Sebastiana apanhou uma vez o Jorge aos beijos com a filha mais velha, a Candoca. A triste senhora teve um espanto, um "oh ! que é isto !" e retirou-se em seguida como uma sombra vaga e lenta, sob os olhares ferozes da filha. De outra vez, na escada, ainda a Candoca, com o Fagundes, tambem abraçados furiosamente, aos beijos. Outro espanto, outra silenciosa retirada. Acostumou-se, porem, aos abraços e aos beijos, e só entrava na sala, nos quartos, no quintal, tossindo alto, avisando. Foi assim que adquiriu o habito do pigarro e da tosse.

Quando se falava nessas amaveis condescendencias das Gomes, o Jorge sustentava, indignado, que toda a **republica** vivia a se beijar indirectamente atravez das **Sobremesas,** e já sentira, uma tarde, o cheiro da brilhantina do Soares e dos charutos ordinarios do Fagundes, ao beijal-as ambas na escada. Tivera até nauseas nesse dia, e achava o caso repugnante e perigoso. Como vivia ás voltas com a Bacteriologia, no terceiro anno de medicina, propoz que cada um de nós gargarejasse soluções anti-

septicas—e passou a denominal-as : **caldos de cultura geral.**

Junto ás Gomes morava o sapateiro Firmino, velho e paciente credor de alguns rapazes da **republica.** Firmino olhava-nos com doentia desillusão, e batia amargamente, o dia inteiro, a sua dura sola. Aos sabbados mandava-nos o aprendiz com as contas amarelladas e rotas. O Soares dizia que aquillo era um vicio do pobre homem, vicio que deviamos alimentar com piedade e constancia. Se pagassemos o honrado artista não teria mais aquelle doce prazer dos sabbados, e podia muito bem morrer de desgosto. Por isso, mal o aprendiz surgia na sala —em regra geral na hora do almoço—o Soares, piedosamente, dando-lhe no hombro pancadinhas de conforto, dizia compungido, os olhos de estrabico em alvo :

—Coitado ! Coitado do amigo Firmino ! Venha no sabbado proximo, sem falta.

O aprendiz mugia um "sim senhor" humilde, e voltava cabisbaixo.

Firmino limitara-se afinal a deitar os olhos turvos para as nossas janellas, e a suspirar, a suspirar desditosamente, como um desilludido dos homens, das cousas, de Deus e das proprias solas. Assim, dois annos já.

Mais adiante, á direita, numa casita de porta e janella morava o amargo Sr. Theodoro

Monteiro, professor primario aposentado e nosso voraz inimigo. Possuia o Sr. Theodoro um piano desafinado e uma filha já velhota que nos batia a janella todos os dias num odio cruel e sem termo. Jamais o Sr. Theodoro quiz a nossa alegre amisade ; e vivia sempre fechado, sempre retrahido, com um rancor que lhe amarellecia a face, espalhando pelos vizinhos a nova da sua breve mudança, a fim de não dar á sua **menina** o espectaculo dos nossos escandalos. O professor teria cincoenta annos sobre a carcassa magra ; fazia palitos e andava de sobrecasaca.

Ia fazer cinco mezes que o Sr. Theodoro nem ao menos nos cumprimentava—desde um desgraçado e fatidico episodio. Fôra pelo São João. Como era tradiccional em todas as **republicas**, mandámos aos vizinhos e conhecidos cartas em versos (dessa vez com interessantes versos do Fagundes) pedindo cangica e laranjas para commemorarmos a noite festiva. O professor recebeu tambem uma carta, e tomado de um accesso de inexplicavel bondade, ou desejando por termo a uma desavença inutil, mandou-nos uma bandeja de prata com doces e vinhos e um cartão sobre os guardanapos com o seu nome, a sua profissão, e em baixo, num bastardinho asseiado e correcto, isto : **"Hodie mihi cras tibi".**

Acceitámos com soffreguidão a alliança, os doces, o cartão e o proverbio latino.

Mas—facto estranho e grotesco !—no dia seguinte, quando o Professor Theodoro mandou buscar por um creadinho a sua bandeja de prata, essa havia desapparecido mysteriosamente, singularmente, como numa pasmosa magica de feira. Procuramol-a por todos os cantos, revolvemos todas as malas, excavámos pelo quintal, e,—apesar dos furiosos protestos da cosinheira—pela cosinha tambem. Nada ! A bandeja eclypsara-se vergonhosamente num capricho que nos angustiava. E foi o Soares que repuxando os cabellos, desorientado e imbecilisado, entregou ao portador os guardanapos sujos, as nossas desculpas, os nossos agradecimentos e a nossa lamentavel deshonra.

O facto desmoralisava-nos. A visinhança toda commentava aquella miseria e associava-se ás diatribes do Professor Theodoro que falara mesmo em ir á policia. As proprias **Sobremesas**, alliadas eternas da **republica**, cochichavam de porta em porta, pingando sobre o caso gottinhas quentes de malicia.

Procedemos a investigações terriveis para nos salvar da ruina moral; e só dias depois pudemos descobrir que o Fagundes empenhara a nefasta bandeja do professor, por dez mil réis, a um mercieiro das Portas do Carmo. Exigi-

mos que elle a tirasse immediatamente sob pena de expulsão e castigo. Obedeceu-nos.

Entretanto, a furia do professor não teve limites, e mais augmentou desde o dia em que recebeu a sua bandeja com um cartão do Fagundes e a phrase em latim : "**Sit tibi terra levis**".

Da quitanda ao lado vinha uma algazarra de pretos. Creanças núas brincavam á porta, e um capadocio passava no meio da rua, gingando, o chapéo para a nuca, num desafio.

Na casa do Ferraz, negociante e solteiro, a creada estendia pelas janellas os tapetes escovados, cantando e fazendo acenos para o Almeida, que do primeiro andar, sorria, com o olhar desvairado.

Do lado da Sé vinham repiques de sino e foguetes. Do céo lavado e doce descia sobre a terra e os homens um socego luminoso.

Ernesto transpunha o portão da **republica**, sorrindo e cumprimentando as **Sobremesas.**

Deixei a janella, e a passeiar pelo quarto comecei a pensar nos acontecimentos que me iam envolvendo pouco a pouco, numa teia solida em que eu começava a debater-me e a sentir-me tolhido. Veio-me, então, um desanimo largo, um confuso arrependimento, um remorso de tudo e uma vontade irrefreavel de fugir,

esconder-me num canto ignorado e viver apenas para a minha saudade e a minha expiação.

Desconfiei desse tresvairado sentimento que tão alto se elevava e de tão pouco vivia. Descri dessa paixão lugubre, tortuosa, cavalheiresca—paixão toda intellectual, de rutilas e fulgurantes roupagens, romantica e doentia, que me arrastara para o delirio, para o desespero e quasi para o hospicio.

O meu amor assemelhava-se a uma arvore immensa, plantada no cume de uma rocha, vicejando num largo sopro de vida, e com as raizes frageis perdidas nos intersticios das pedras. Bastava, pois, uma rajada mais forte do vento para derrubar bruscamente essa arvore maravilhosa. E essa rajada (comparei estupidamente) era o meu raciocinio !

Pensei : era tempo ainda de deixar arrefecer essa ridicula insania. Eu embarcaria e esqueceria certamente nas terras patricias esse episodio da mocidade, tão banal, tão commum, que se contava aos montes na Academia. Seria uma fuga, uma covardia, uma infamia—mas o recurso unico. Rosa, passados os primeiros tempos, um ou dois mezes, sem cartas, sem noticias minhas, comprehenderia que tudo isso fôra apenas um fogo-fatuo que passara, fulgira e se perdera para sempre no vasto monturo das miserias humanas.

VIII

Scismava eu ainda na torpeza da minha fuga e no desenlace dessa complicada aventura, procurando para a villeza do meu acto pontos de apoio na vastidão dos exemplos, quando o Jorge surgiu no corredor, cantarolando, toalha ao hombro, a mostrar o peito largo de athleta, saliente e moreno.

Jorge fôra sempre o meu confidente, e jamais entre nós houvera discordias, a não ser uma vez somente quando elle, após ter levado uma **bomba** justissima nos exames do segundo anno, tentou aggredir o lente no meio da rua. Tive de censurar-lhe com aspereza o injusto procedimento. Esperava que se enfurecesse, que se revoltasse com a censura, mas vi-o abraçar-me com força, e sorrir.

Desejei, pois, informal-o da minha resolução e pedir-lhe conselhos.

Elle approximava-se do meu quarto cantarolando. Chamei-o, expuz-lhe de um folego todos os acontecimentos, até a visita do Ernesto. Pedi-lhe a opinião. Não achava excellente a minha idéa ? A fuga ? O silencio ? O abandono ? Não era verdade que só assim resolveria honestamente o caso delicado, salvando-me e salvando essa moça de desgostos futuros ?

—Não sei—respondeu o Jorge no meio do quarto. Você quer saber de uma cousa certa, verdadeira, simples demais ? Eu não o comprehendo absolutamente. Você tem idéas de uma originalidade unica. Você é um enigma, uma esphinge, um Tratado de Bacteriologia—qualquer dessas cousas inaccessiveis, que não estão ao meu alcance.

—E' que Você está obtuso—disse-lhe offendido.

—Pode ser. Ultimamente os microbios, sobretudo esse indigno bacillo do typho, têm-me atordoado um pouco. Mas a verdade é que Você muda de idéas com uma facilidade surprehendente.

—As minhas idéas são as mesmas e sempre claras. O que varia é a sua interpretação. Você confunde tudo.

Jorge sorria com brandura e bom humor :

—E' o que o perde, Humberto—esse terrivel malabarismo de palavras. Você não ha de

se esquecer de cousa alguma. A sua paixão está acima do seu raciocinio, e não procure convencer-se de que a pode dominar. E' o destino ! Não pense nisso e deixe ir tudo como vai, num fatalismo de indio bravio. E' o meu conselho. No fundo Você é um romantico do seculo dezoito ; um sentimental. Se fosse eu, sim ; era zás-tráz !

E querendo exprimir as palavras com o gesto, traçou e destraçou sobre o peito a toalha de banho. Eu indignava-me com o desplante :

—Porque Você, apenas ? De onde veio agora essa superioridade ?

—Não é superioridade, menino. E' escola, é temperamento, é logica. Tenho tido nesses trez annos, na Bahia, uma duzia de paixões. E paixões sérias...

—Oh ! Jorge !

—Sérias, sim, com crises agudas, cartas, flores, cachos de cabellos, promessas de casamento, o diabo. Até versos ! De cada vez julgo-me um homem ao mar, desgraçado, casado. Mas lá um dia vem uma questão, um ciume, uma tolice, e acaba-se tudo. As vezes até, não vem nada, e se acaba tambem. E Você ?

—Mas, isso não é paixão— é namorico, é passatempo. O meu caso é outro. Você não vê o que se tem passado commigo ?

Jorge fechou a mão, como um **boxeur**; exaltou-se, gritou :

—Namoricos ? Passatempo ? Cada uma ! A differença é que Você é um romantico e eu sou o producto do tempo e da sociedade. Ahi tem ! Não vivo de sonhos nem amo o proprio Amor com sensibilidade doentia. Amo uma creatura, vivamente, sexualmente, apenas com uma aureola de idéal, bastante para acompanhar a civilisação que me cerca. Se a paixão fosse uma pouca dagua, Você seria a areia que a absorve ; eu a lage que deseja somente humidade e frescura. Você ficaria impregnado ; eu, consolado. Está ahi a differença, Humberto ! Você sonha ; eu observo, colho as doçuras da paixão e vou passando. Sou um...

—Pernostico—disse-lhe, furioso.

Mas Jorge continuava, impassivel :

—Não. Sou um dilettante. Você, desde que o conheço (afóra as beliscadellas nas **Sobremesas**, a que todos nós estamos sujeitos, como a um tributo fatal) só se apaixonou agora ; e mudou logo o caracter, a vida, a saude, tudo. E' falta de **training**. Eu, em cada paixão que me apparece, mudo apenas de roupa. Custa-me um terno de casemira cada uma !

Enfurecia-me a sua tagarellice, e bradei, atalhando-o :

—Quer, então. Você, comparar os seus namoros vulgares com um sentimento elevado e digno ? E' estupida a sua cegueira. Você hoje está impermeavel !

—Namoros ? ! Berrava o Jorge. Então, a minha loucura pela Stella, que me custou uma **aza quebrada** no segundo anno, foi um simples namoro ?

—E' que Você não estudou Anatomia. Foi reprovado justamente, já lhe disse mais de uma vez.

—E podia eu estudar Anatomia ? ! Pensar que aquella moça fosse como todos nós : com aponevroses, glandulas, tendões, ossos !

—Por isso Você quiz ver de perto os ossos do Professor da cadeira...

Jorge ergueu os braços, clamando :

—Pelo amor de Deus, Humberto, não desçamos até o enxurro onde fossa esse pachyderme ! Causa-me nauseas. Quer outra prova ?

—Para que ? Serão todas como a da Stella, coitada !

—E a minha doidice pela Santa. Não se recorda ?

—Por piedade, Jorge ! Eu estou falando sério !

—Olhe. Quer mesmo um conselho, não é ?

—Dê o que Você quizer, mas poupe-me a paciencia e os nervos.

—Pois, fuja, suma-se da Bahia, vá para o sertão, namore por lá alguma matuta, e cale-se. Verá como tudo se acaba em dois mezes. E' um milagre a distancia ! Já tenho experimentado mais de uma vez.

Rodou, sahiu, cantarolando.

Em baixo, na sala de jantar, estrondavam gargalhadas do Murillo e gritos hystericos do Almeida. Maria, a nossa cosinheira, entrava no meu quarto e pedia-me dinheiro para as compras, (eu exercia na **republica** o alto e perpetuo cargo de thesoureiro) por que fora insufficiente o da vespera. Era uma preta alta e gorda, com um eterno sorriso que lhe mostrava os dentes largos e brancos. Servia-nos havia trez annos. Ao principio horrorisava-se com os costumes dos rapazes : dias e dias sem trabalho, sem lume, sem ter o que fazer, quando a **brisa**, como Annibal ás portas de Roma, rondava-nos a casa ; scenas de amor que a envergonhavam ; nudezas cruas, quando o Jorge, antes do banho, reproduzia estatuas gregas, no quintal ; bebedeiras tremendas do Augusto, nas noites de sabbado, para esquecer uma paixão que o enlouquecia. Por fim, acostumou-se. Nos dias amargos de **brisa** emprestava-nos dinheiro e abria credito na taberna ; como não entendia de arte grega, jogava baldes de agua fria no Jorge ; e muitas vezes, agarrava sosi-

nha o Augusto, deitava-o no quarto e trancava-lhe a porta. Era inviolavel e discreta.

Maria transpoz a porta :

—Vim buscar dinheiro para a ceia. O de hontem não chegou.

—Não é mais commigo, Maria. Passei a thesouraria ao Jorge porque vou embarcar.

Ella calcou as mãos grossas nos vastos quadris que tremeram.

—Lá vou eu entender-me com esse maluco. Tambem que lembrança ! Passar o dinheiro a esse doido !

E sahiu logo, batendo as chinellinhas pelo soalho, gritando :

—Nhô Jorge ! Nhô Jorge !

Maria tinha na **republica** um unico desafecto. Era o Almeida—"o allamão atrevido", como ella o chamava. O Almeida, ao chegar á Bahia, pedira-nos hospedagem por alguns dias, emquanto arranjava um hotel decente, blasonando riquezas e desejando conforto. Demos-lhe um quarto no sotão, escuro, sem janellas, que era o deposito das nossas bagagens. Elle acceitou porque era por uns dias apenas. E lá foi ficando, havia oito mezes. Desconhecendo a castidade e os musculos da nossa cosinheira, tentou-a, seduzindo-a com promessas. Maria repelliu-o. Elle enfureceu-se, agarrou-a uma tarde na cosinha, possesso de luxuria. Então,

a preta subjugou-o, arrastou-o pelo chão negro e esmurrou-o com uma gana feroz. Jorge que chegara nesse momento presenceou a lucta e declarou muito serio, á mesa do jantar, que a Maria era uma pugilista de primeira classe.

—Cada murro, meninos, de fazer agua na bocca !

—E porque não os separou ? Indagou o Soares.

—Não. Eu estava radiante. Apenas arbitrei o **match** com imparcialidade.

O Almeida levou uma vaia brutal e passou alguns dias amuado, mandando comprar vidros de arnica. E vingava-se da cosinheira, reclamando melhores pratos, achando pessima a comida.

Jorge naturalmente escondera-se, porque a Maria subia de novo a escada, aos berros :

—Nhô Jorge ! Onde estará esse diabo, minha gente ?

Entrou outra vez no meu quarto, remexeu em baixo da cama, atraz das malas e sahiu.

Fóra, na rua, passava uma negra engommada, de chale á cintura e taboleiro á cabeça, annunciando aos guinchos—**acáçá de leite.** O sól penetrava pela janella, brandamente, numa caricia luminosa. Dormi. Quasi á hora do almoço, o Soares despertou-me, assustado :

—Oh ! Humberto, accorde. O Ambrosio já veio aqui duas vezes á sua procura. E está lá em baixo, esperando.

—O Ambrosio, barbeiro ?

—Sim. Você deve alguma cousa a esse typo ?

—Nada, nem um real. Só se é conta de algum companheiro.

—Minha não é—atalhou presto o Soares. Não lhe dou essa confiança. Mas elle está com uma cara de **cadaver** e um papel no bolso que lê de vez em quando.

Enfiei umas calças e pedi :

—Faça-me um favor : dê um grito ahi na escada para esse animal subir logo.

O grito estrugiu echoando por toda a casa. Ambrosio subiu devagarinho, timido, e estacou á porta do quarto, de chapéo na mão, acanhadissimo, pedindo desculpas, com o olhar perdido a examinar o aposento. Vinha todo de branco, perfumado a jasmin, e trazia uma gravata verde que esvoaçava e ia-lhe até os hombros. De um bolsinho do paletot pendia um lenço de seda cor de palha, e apesar de escuro estava pallido.

Mandei-o entrar, amavel e desconfiado :

—Sente-se, meu caro. Só agora soube aqui pelo Soares que me procurou duas vezes.

Eu estava dormindo. Passei toda a noite a ler, a trabalhar. De que se trata ?

O barbeiro, quasi livido, com um sorriso molle na bocca, estava commovido, com um ar embaraçado de collegial. Poz o chapéo sobre a mesa e sentou-se apalpando a minha cadeira historica, que gemeu, como de habito. Metteu a mão no bolso do paletot e saccou de lá uma folha de papel almasso que desdobrou com os dedos tremulos.

Eu examinava-o, curioso. Soares, sentado na cama, arregalava os olhos, intrigado, e perguntava se a sua presença era importuna. Ambrosio falou, emfim, respondendo e retomando alguma tranquilidade :

—Não, Sr., Dr. Soares. Pode ficar.

E voltando-se para mim :

—Sei que o Sr. está de partida para a sua terra, e por isso venho pedir-lhe um favor, um grande favor, se não o incommodo.

Falava tropeçando nas palavras, desviando os olhos redondos para todos os lados, como se confessasse, com immenso sacrificio, um desgraçado delicto.

Respondi ao barbeiro—tomado do receio de uma cobrança, ou cousa peior :

—Pode pedir, Ambrosio. Sem ceremonia.

Apesar de mostrar a maior calma possivel,

tomava-me indefinida impaciencia e achava aquillo exquisito e lugubre.

Ambrosio enxugou o suor do rosto e proseguiu, mais firme :

—E' isto : desde que o Sr. me mostrou aquelles seus versos, que eu fiquei scismando, impressionado. Lá no bairro todos ficaram doidos por elle. Dei para mais de vinte copias, e o Joca Peixoto poz muzica nelles. E' a modinha mais linda que se canta hoje.

—Obrigado pela honra—murmurei respirando.

—Não tem de que. Então, metteu-se-me na cabeça tentar alguma cousa parecida. O Sr. sabe que ha muito tempo dedico-me nas horas vagas á poesia.

Soares franzia o rosto, enojado. Respondi alegremente :

—Sabia, meu amigo. Todos nós sabiamos e apreciavamos os seus versos.

—Pois, ha trez mezes—continuava o barbeiro,—que trabalho neste soneto, dia e noite. Venho mostral-o, pedir a sua opinião de mestre. (Eu estava imperturbavel). Se prestar, diga-me com toda a franqueza.

Passou-me o papel com um ligeiro tremor nas mãos. Recebi-o como um rei que recebe um vassallo, complacente e digno, deitando um

olhar de triumpho ao Soares que emmudecera de vergonha.

Alli estava, naquella folha de papel almasso, o producto inicial de um cerebro que era o reflexo do meu cerebro. Senti—ai de mim !—que começava a chefiar uma caravana que me seguia, Ambrosio á frente, incensando-me. E o meu orgulho crescia, alastrava-se, entumecia, ás rajadas acclamadoras dos discipulos.

Scismei assim, um minuto, olhando o evidente dissabor do Soares. Ambrosio pedia-me que lesse os seus versos, lesse-os alto, commentando-os severamente. Abri o papel. Era um soneto, escripto em lettra esmerada, ampla, perfeita como nunca vi, nem mesmo nos Paleographos. Em cima, o titulo :—**Lagrimas.**

Comecei, declamando com emphase, de pé, engrossando a vóz :

"Gotta ! Porque te gelas e desmaias ?"

Magnifico, este ! E' um verso sem defeito. Você que diz a isto, Soares ?

—Esplendido ! Rosnou, de cabeça baixa.

Mas, interrompi a leitura. Jorge varou pelo quarto, de volta do banho, esfregando os olhos com a toalha. Entrou e perguntou logo de que se tratava, e se era demais a sua presença.

Ambrosio atalhou-o, amavel :

—Oh ! Não, Dr. Jorge. Até estimo.

E como ninguem era demais para o barbeiro, expliquei logo de que se tratava. Valia a pena ouvir a opinião do Jorge, redactor da "Revista Academica".

Jorge sentou-se junto ao Soares, a rir, esfregando as orelhas :

—Então, aqui estamos no Cenaculo. Desculpem a toillette.

Tomei posição e repeti o verso, sob o silencio de todos, e com a voz mais cava.

Mas Jorge esbugalhava os olhos, e com a mão aberta para que eu parasse a leitura, explodiu :

—Basta ! E' puro symbolismo. E' symbolismo demais ! Essas **tigelas** são esplendidas ! Até logo, gentes.

Ambrosio corava, agoniado, dizendo que não tinha dado pelas **tigelas.** Era um descuido, um perdoavel descuido para um novo na arte e na escola.

Jorge, implacavel, fulminava-o :

—Mas Ambrosio, isso não é questão de arte nem de escola, homem de Deus. Isso é um cacophaton, desgraçado. E um cacophaton após trez mezes de gestação é grave, inutilisa um homem para toda a vida. Essas **tigelas** são a galé perpetua...

Atalhei-o pedindo que não demolisse como um demagogo tão bellas esperanças. Era injusto, era mau, era indigno.

Jorge sentou-se. Poz um dedo na testa e emendou, solicito, risonho :

— Estava brincando, Ambrosio. Isso não tem nada de grave. Fossemos nós catar as asnices de todos esses poetas consagrados e encontrariamos cousas peiores. Você concerta as tigelas e tem um verso perfeito, um verso a Verlaine.

Em seguida, com um brilho fino no olhar:

—Pode até ser publicado este soneto, na Revista.

—Publicado ? Balbuciou o barbeiro, interdicto. Isso é brincadeira do Dr. Jorge. Quem sou eu para ter essa honra ? !

Era o sonho, a ambição, a loucura do Ambrosio. Varias vezes tentara realisal-o, mas escorraçavam-n'o das redacções, repelliam-n'o, troçando da sua tolice ou apontando-lhe simplesmente a porta da rua. Na "Revista Academica" correram-n'o um dia sob assobios dos typographos, dos revisores, dos redactores. Dahi em diante elle guardou com dignidade o seu rancor e os seus versos. Mas não perdera a esperança.

Jorge erguera-se solenne, arqueando o peito nú e envolvendo-se na toalha de banho como um rei antigo na sua purpura :

—Digo-lhe que pode ser publicado o soneto porque sou redactor e posso mandar naquella joça. Ha apenas uma difficuldade, uma unica : a Revista está um tanto atrapalhada, atravessa a sua maior crise financeira. Por isso os typographos, bons rapazes, aliás, mas que precisam viver, não trabalham a credito. As tarefas são pagas adiantadamente. Mas isso não é vergonha, Ambrosio. Em Roma, no tempo de Tiberio, era assim, e creio que tambem na Grecia. Entretanto, um soneto é barato— assim, uns dez mil réis. Se Você quizer poderá pagar o seu para sahir no proximo numero.

Eu devia estar escarlate, porque sentia um brazeiro no rosto. Soares pediu licença e retirou-se relampejando para o Jorge os olhos estrabicos. Ambrosio estava attonito, com um largo sorriso na bocca, torcendo as pontas da gravata. E um curto silencio, um torturante silencio, asphyxiava-nos. O barbeiro falou, deslumbrado :

—Eu nem me atrevo ! Mas se o Dr. Jorge permittir irei amanhã mesmo á redacção levar o soneto e o dinheiro.

—Não precisa Você ir—adiantava o Jorge. Eu mesmo levarei tudo, e dá mais força. Serei

intermediario, e amanhã cedo pagarei o typographo e indicarei a pagina em que deve sahir.

Ambrosio, então, (sob o olhar esfusiante do Jorge) metteu a mão no bolso,tirou duas notas de cinco mil réis e entregou-as, profundamente abalado, pedindo perdão por não ter um enveloppe. E tartamudeou :

—Agradeço-lhe de coração esse favor.

E entregou-lhe o soneto que me arrebatou das mãos.

Jorge recebeu o soneto promettendo alterar apenas as tigelas. Dobrou-o deixando dentro os dez mil réis, com uma altivez de nababo. Apertou rijamente a mão do barbeiro e sahiu num passo lento e forte. Ambrosio despediu-se logo e partiu pela escada, lepido e feliz. Dei apenas tempo para que elle chegasse ao ultimo degráo, e rompi para o quarto do Jorge, que estirado na cama dava risadas seguidas, grunhindo, abafando a bocca no travesseiro.

Eu, de pé, enfurecido, censurei-o pelo acto infame, aproveitando-se indecentemente da vaidade e da bôa fé do pobre barbeiro para lhe extorquir aquelles miseros dez mil réis. E rematei bruscamente :

—Isso é um roubo ! Será possivel que não lhe dôa a consciencia, Jorge ?

Elle não respondeu, e desabafava numa gargalhada bestial, que estalava pelo quarto e fazia tremer a cama. Continuei :

—Você estará tão embotado que não comprehenda tamanha miseria ? ! Essa Revista já falliu ha muito tempo, caloteando os typographos, os assignantes, os revisores, tudo. O seu procedimento foi vil, repugnante, odioso, torpe. Devolva esse dinheiro.

Jorge suspirava, arquejava, cançado. Não deu uma palavra. Tirou uma nota de cinco mil réis e passou-m'a :

—Tome : é a sua parte. Agora confesse perante Deus e o Mundo que sou um genio financeiro. Não dá para tudo, é verdade, mas chega para o almoço.

—Mas, Jorge...

—Ande ; receba e confesse.

—Não. Não nos fica bem, isso.

—Deixe os escrupulos e fique sabendo que ouvir uma besta daquellas, toda de branco e de gravata verde, por dez mil réis, é de graça !

—Lá, isso...

Creio que me convenceria com argumentos peiores. Embolsei a nota e alvitrei, quasi alegre :

—Aquillo no Ambrosio é convicção, coitado !

Jorge calçava os sapatos, apressado :

—Qual convicção, qual nada! Aquillo é doença. E' syphilis cerebral: só mercurio!

Vestimo-nos e fomos almoçar na "Gruta Bahiana", sob as iras do Soares que nos invectivava do alto da escada:

—Vocês são uns bandidos; uns gatunos; uns miseraveis!

A "Gruta" estava cheia áquella hora. Conseguimos uma mesinha a um canto, e veio servir-nos um creado pallido e amavel, de avental sujo. A' nossa frente, numa mesa redonda, estava um grupo onde se via uma mocinha de lorgnon, duas velhas gordas e um sujeito calvo e magro. Palestravam criticando com risadinhas e cochichos o serviço mal feito. Outros creados, atarantados com o excesso de freguezes, iam e vinham, gritando á portinhola da cosinha.

Eu escolhia os pratos emquanto Jorge deitava olhares faiscantes á mocinha de lorgnon, achando-a desfructavel e diagnosticando com segurança:

—Solteira; do Norte; talvez do Pará; rica; viajando para o Rio; analphabeta.

—E' sufficiente! Não vá mais longe, Balzac! Quer vatapá?

—Nunca! Peça uma cabidella.

Atacámos os pratos. No outro canto dois inglezes silenciosos mastigavam pão e espera-

vam pelo garçon. Aqui e alli, caixeiros, commerciantes, homens de negocio, funccionarios publicos, discutiam factos politicos. Um sujeito de physionomia amarga roia com lentidão os ossos tristes de um frango. Outro adiante, lia o "Diario da Bahia" palitando os dentes, chupando-os com uma estridencia nauseante. Um creado gordo e affavel conversava á uma mesa, recostado, contando anecdotas.

—Que gente ! Que restaurante ! Rugia o Jorge.

Entrámos na cabidella, a dois, fazendo calculos sobre a despesa. Jorge entre duas garfadas perguntou-me baixinho :

—Dá para o Collares ?

—Pode pedir meia garrafa... Eu não bebo, como sabe.

—E charutos ?

—De duzentos réis, no maximo.

—Somos dois millionarios ! ! !

Bebeu, então, com solennidade, á saude do Ambrosio, ferrando o namoro com a do lorgnon.

Ao sahirmos despedi-me dizendo-lhe que ia dar o ultimo passeio á Victoria. Convidei-o ; respondeu-me :

—Não. Não posso. Desculpe-me.

E atirou-se para o bonde em que iam o careca e a mocinha analphabeta.

No dia seguinte á tarde embarquei.

Ao contrario do que pensava, senti uma saudade immensa, dolorosa, profunda, como se a minha pobre alma estivesse despedaçada como um trapo miseravel batido pelos ventos e oscillando no espaço. A minha paixão devorava-me sombriamente, e arrependi-me da minha idéa de tudo terminar com a ausencia. E ella, tão nobre, tão pura, de tanta altivez, nem ao menos negara o seu affecto ante a ameaça paterna, recebendo o insulto e o castigo, imperturbavel na borrasca domestica !

Ernesto viera a bordo com um grande ramo de rosas que a irmã lhe entregara.

No camarote, derreado sobre o beliche, esmagado de emoções, perguntei-lhe recebendo o ramo :

—E Rosa, meu amigo ? Como está ? Que se passou mais ?

—Não houve mais nada. Deixei-a em pranto.

Agarrei as flores, beijei-as loucamente, num delirio. Ernesto sahiu, commovido, sem uma palavra.

Durante a viagem isolei-me no camarote e tornei-me um companheiro indesejavel. Por isso, abandonaram-me. E o Soares, que ia

commigo, dois dias depois, no porto de Maceió, ao desembarcar, arrastava a mala e dizia-me com furor :

—Adeus, Humberto, e fique sabendo que não é nada agradavel viajar a bordo de um navio do Lloyd com um Hamlet de pyjama !

IX

A ausencia, entretanto, ia amortecendo aos poucos a insania que me assolara, e a minha melancolia vinha agora por accessos menos intensos e a longos, espaçados intervallos. Comecei a acreditar na sciencia do Dr. Elesbão e no bom senso do Jorge.

Outras paisagens, outra gente, as solicitudes do lar, a caricia materna afastando a paixão avassaladora—desviaram muitas vezes o meu obstinado pensamento.

Em casa, por indiscreção de um parente que recebera as minhas confidencias em cartas successivas, todos sabiam do meu desiquilibrio de saude e de espirito. E não raro eu surprehendia olhares que me atravessavam com impertinencia ou piedade. Demais, o meu aspecto, as minhas attitudes, as minhas distracções, as minhas tristezas deviam causar espanto e

confusão. Difficilmente comprehendi que me ia tornando cada vez mais grotesco e magro. Temia as perguntas e não tinha forças para ostentar a alegria que me abandonara de vez.

No meio das minhas crises de angustiada saudade tive sempre a impressão—apezar de me ver dentro da minha propria casa e rodeado dos mais puros carinhos—de que era um viajante perdido, que só encontra pelos caminhos estalagens desertas.

Uma tarde, poucos dias depois da minha chegada, meu pai avisou-me, quando nos levantamos da mesa do jantar :

—Amanhã chegam os animaes para Você ir ao sertão. O Amancio está encarregado de hospedal-o na **Agua Bôa**, onde descançará esses dois mezes de ferias ou o tempo necessario para se restabelecer.

E erguendo-se da mesa, com severidade :

—Não sei porque motivo ficou assim, neste estado... um esqueleto. Nada me disse nas suas cartas.

Eu tentava sorrir sob o enleado silencio de todos, e atrapalhadamente explicava :

—Muitos estudos e uma doença de estomago, insupportavel. Mas vou melhor, muito melhor. Nada lhe disse para não o assustar.

Elle interrompeu-me, dobrando o guardanapo, de pé :

—Já sei ; já sei. Vi as suas notas de approvação deste anno.

Penso que fiquei livido, mas comprehendendo o meu martyrio e a minha vergonha, meu pai abrandou com piedade :

—Veja bem, meu filho, que não é mais uma creança ; que é tempo de tomar juizo. Emfim, tudo isso passou, graças a Deus ; e o sertão vai refazer mais um homem.

*

* *

Na manhã seguinte parti.

A vida ao ar livre, a simplicidade e a bondade da gente sertaneja, os longos passeios a cavallo, as caçadas e a alimentação primitiva e honesta, curaram-me com rapidez. Em breve tempo deram-me novas forças e trouxeram ao meu espirito uma paz de velho benedictino.

Ao fim de um mez eu dormia como um santo e comia como um carroceiro. Demais, tinha mimos e caprichos de adolescente : obediencia absoluta e absoluta liberdade.

Depois de quatro annos de estudos e de cidades, o sertão surprehendia-me como um reino encantado onde tudo tomava aos meus olhos aspectos de maravilha. Por isso diversas vezes achei-me no meio do matto, de carabina ao hombro, contemplando uma arvore que flo-

ría, um riacho que passava entre pedregulhos, uma florsinha que surgia pelas hervas ou um lagarto que gosavâ o calor do seu dia. Tinha uma secreta adoração por tudo e engordava com paciencia.

Intellectualmente — apesar dos conselhos do sabio—trabalhava á noite na mesa das refeições copiando modinhas para os matutos com requintes calligraphicos que me envaideciam, e estudava no livro ameno da Natureza as leis do menor esforço.

Na ancia de restabelecer-me depressa para voltar depressa, pedi que não me remettessem cartas nem jornaes, e do resto do mundo tinha apenas vagas noticias por algum viajante nas raras noites de pousada.

De longe em longe, por alguma purpureada melancolía de sól-posto, ou por noites de dormente luar, assediavam-me languidas, penetrantes saudades de Rosa. Mas a minha tenebrosa paixão ia passando por uma phase quieta e luminosa. Evitei recantos sombrios e monologos pela solidão ; e raramente invadiam-me a alma nostalgicas amarguras. Sob o céo amplo, sob o alegre sól do sertão, respirando o ar encantado das selvas, o meu amor adquiria claridades, desanuviava-se, perdida a aspereza e a sombra. Era um largo, profundo amor, bracejando ás rajadas do nordeste serta-

nejo, como uma arvore moça que agitasse os seus ramos verdes.

Pensava em Rosa, admirava-lhe a graça perturbadora, a alma purissima, a terna constancia. Entretanto, não lhe escrevia, e intimamente desejava que o tempo ou o acaso extinguisse a minha paixão e salvasse para sempre a minha amada das torturas que a pungiam.

Foi justamente em um desses momentos de tristeza e de saudade, ao luar refulgente, sob o alpendre, que o Amancio, velho vaqueiro da Fazenda e sabedor tambem da minha historia, notando o meu silencio que tanto o incommodava, deu-me um carinhoso conselho :

—Deixe isso, meu amo. Porque não conversa commigo ?

Accordei das minhas recordações e volteime para o seu lado. Elle continuou :

—Deixe isso. Faça como nós que até nos casamos sem conhecer a creatura que Deus nos manda.

—Mas Amancio....

O vaqueiro proseguiu inflexivel, como se não desejasse perder tão flagrante opportunidade :

—Eu sei que Vosmincê anda apaixonado em demasia, e isso pode lhe fazer perder o juizo e a sustancia do corpo. Ai ! Meu amo ! As mulheres são todas iguaes, mais gordas ou

mais magras, somente. Quando Vosmincê for entrando na idade é que vai ver como eu tenho razão. Umas mais gordas, outras mais magras ; e todas ellas com a mesma maldade na alma, o mesmo engano, as mesmas manhas.

—Tudo isso — disse-lhe eu a sorrir — já passou. Agora o que tenho é saudade, uma saudadesinha de vez em quando. São essas tristezas que Você viu. Mas o perigo já passou.

Amancio não se convencia, e desconfiado desse perigo tão facilmente destruido, respondeu com tristeza :

— Qual ! Eu sou matuto mas tenho cincoenta annos pelas costas, meu amo ! Em cincoenta annos, mesmo no matto, a gente vê muito, sente muito. Vosmincê não quer abrir o seu coração. E' uma pena que tão mocinho esteja tão succumbido. A mim isso me doe aqui dentro porque posso dizer que quasi o vi nascer, e nunca teve segredos para o seu velho amigo.

Calei-me. Era debalde. Amancio, pela idade, pelos longos serviços, pelo puro caracter, era como um prolongamento da familia, participando das nossas venturas e dos nossos dissabores. Tinham-lhe dito aquillo em casa, quando foi buscar-me. Era o bastante. Poderia o mundo todo affirmar o contrario—elle não acreditaria no mundo ; e olhava-me e tratava-

me como um doente grave entregue aos seus cuidados e á sua experiencia.

Com o mesmo desejo de confidencias que me assaltara no austero gabinete do Dr. Elesbão, despejei no vasto coração do Amancio o meu curto e triste romance. Contei-lhe tudo, de um folego, sob o luar scintillante, e conclui com serenidade :

—Tudo isso, como lhe disse, vai passando. E' o milagre da ausencia, do sertão, do ar puro e creio que tambem dos churrascos.

Amancio accendeu o cachimbo, achegou-se humildemente para o meu lado e continuou a falar, esgravatando a terra com o phosphoro apagado :

—Eu não comprehendo nada dessas cousas que me disse. Pra que dizer que vi quando não vi ? Mas se essa dona quer tambem se casar, então se case com ella. E prompto ; acaba-se tudo.

—E o pai ? O Commendador ? Você se esquece de que elle não quer o casamento; que é pai ; que ella é menor; que está tudo embrulhado ?

Amancio coçava a cabeça numa atrapalhação penosa. Mas, subitamente, arrojando o phosphoro :

—E' ; nem me lembrava. Mesmo assim, se case, nem que vá tiral-a da camarinha nas

barbas desse bruto. Ou, então, não se atormente desse geito, que Deus ha de lhe dar outra igual ou melhor. Ellas não faltam neste mundo, pra mal dos nossos peccados.

Foi nesse momento de amena palestra que os cães ladraram no pateo e approximou-se um vaqueiro nosso conhecido, baixo e claro, todo encourado, pedindo pousada. Era o Rufino, da **Santa Maria.** Montava um cavallinho branco, vivo e gordo, que relinchou vigorosamente reconhecendo o pouso amigo.

Amancio recebeu-o, hospitaleiro :

—Desapeie e abanque-se pra cá. Que anda fazendo por esse nosso lado ? Novidade ou passeio ?

Rufino amarrou o cavallo num dos esteios do alpendre, apertou-nos as mãos, sentou-se e explicou logo que não era passeio nem novidade. Apenas andava atraz da egoa alazã da patroa.

—Não a viu por aqui ? Teve um poldrinho castanho na semana atrazada e descangotou-se nesse ôco de mundo, que não ha meio de apparecer.

—Primeira cria ? Indagava o Amancio, interessado.

—Primeira. E' por isso que anda mal assombrada pelos mattos. Já fui na Varzea, no Amargoso, na praia ; nada. Agora vou appro-

veitar a noite de lua e me largo pelo Varadouro, especulando.

A conversa entre os dois vaqueiros encaminhou-se por ferros, signaes, carimbos, explicações de bichos perdidos ou mortos. Vieram casos identicos aos da egoa da patroa do Rufino. Era uma longa, infindavel meada de factos passados e presentes.

Felizmente, o Tunico, cria do Amancio, surgiu no alpendre, somnolento :

—Pra ir cear que'tá na mesa.

Erguemo-nos e entrámos. A' mesa, na escura sala de jantar, onde apenas uma lamparina de petroleo dava uma luz vermelha e fumacenta, sentou-se tambem o Rufino, pedindo desculpas do traje, com luxos de quem não ignora o protocollo, e cuspindo grosso pela janella. Amancio perguntava-me sorrindo — como fazia todas as noites, invariavelmente— com a colher e o prato na mão :

—Quer que encha o prato ? A coalhada hoje está um brinco.

—Encha, Amancio—respondi enternecido. Estou com uma fome de Gargantua.

Rufino suspendeu a colher, espevitado :

—Engraçado ! Fome de garganta ! Esse seu Dr. Humberto tem cada graça !

Afflicto com o engano do vaqueiro, expliquei com brandura :

—Não é garganta, Rufino ; é Gargantua-- uma personagem de Rabelais, que comia demais.

O rapaz olhou em redor, olhou o tecto, bateu na testa e na borda da mesa, num vivo esforço da memoria. Nada encontrando voltou-se para mim, perturbado :

—Rabélé ! Rabélé ! Não me lembro agora. Mas daqui não é, seu Dr. Só se mora pra lá de Sant'Anna do Matto.

Pairou sobre a mesa um acabrunhado silencio. Amancio raspava o fundo do seu prato dizendo que tambem não se lembrava "dessa creatura". Levantei-me e despedi-me do Rufino que partiria logo depois da ceia, atraz da egoa, e naturalmente a perguntar pelo Rabelais, sertão afóra.

*

* *

Sahi para o terreiro e fui ver a lua, aguardando a hora do somno. O céo estava limpo, sem uma nuvem, azulado e alto. A lua cheia resplandecia serenamente, muito branca, derramando um clarão frio e doce que se fundia pelo pateo e dava sombras phantasticas ás arvores proximas. De vez em quando os **téotéos** soltavam gritos de alarme para o lado do açude. Corujinhas cortavam o espaço sinistramente, ruflando as azas presagas. O cão de

um visinho uivava ao longe em desesperada melancolia. Um sapo coaxava lugubremente, infatigavel e nostalgico, junto aos curraes. Do chiqueiro das cabras vinha um alarido violento de sensualidade— e macia e terna rondava em torno dos seres e das cousas, na noite limpida, uma brisa inquieta e larga. Vagos perfumes de jurema e pereiro partiam da matta mysteriosa, e sobre a floresta, os montes e as aguas cahia um silencio branco.

As saudades de Rosa cada vez mais iam crescendo e fluctuando sobre o meu espirito, e vinham-me recordações que me deliquesciam como se outro luar, mais suave e mais triste, illuminasse a minha alma.

Lembrava-me das tardes da tia Amelia ; o meu coração a bater desordenado e alvoroçado quando a esperava, á janella ; o seu vulto esguio e leve a surgir ao fim da rua, a sorrir ; os olhos azues inundados de graça e de alegria; os seus passos que se apressavam como se a paixão a fizesse deslisar pelas calçadas. Depois a sua voz encantadora a gorgeiar por toda a casa ; o chá ; um trecho de Beethoven ao piano ; as nossas juras ; as nossas mãos geladas que se apertavam em emoções asphyxiantes ; a nossa felicidade projectando-se por toda a parte como uma luz maravilhosa, e reflectindo-se no rosto pequenino e rosado da tia

Amelia que nos fitava embevecida. E depois ainda, ao sól posto, a partida ; o seu perfil desapparecendo ao fim da Praça da Piedade ; o sól morrendo no horisonte ; eu, sentindo, positivamente sentindo, que com a ausencia della e do sól o Mundo se ia envolvendo numa treva eterna, infinita, absoluta, sem movimento e sem vida, atravez do tempo e do espaço.

Depois . . Mas o Amancio chegava devagar, e devagar ia-me dizendo, enlevado e carinhoso :

—Sabe no que eu estava pensando ? E' que meu amo se forma este anno e vai ser um Doutor, vai mandar, vai ser grande. Isto para mim é uma alegria desconforme, porque sei que nunca ha de se esquecer do seu velho vaqueiro ; ha de ter sempre uma lembrançasinha do Amancio, da Agua Bôa, do sertão. E' só o que eu quero : é que meu amo, de vez em quando se lembre daqui e que venha logo para aqui quando se sentir fraquinho pelos trabalhos.

—Nunca me esquecerei, meu amigo—disse-lhe, pondo a mão sobre seu hombro, mais rijo que um tronco de aroeira.

Todavia tive a sensação de um desabamento. Amancio chamava-me á detestavel realidade : o meu proximo bacharelato, a promotoria insipida de uma cidade do sertão, que me espe-

rava como um carrasco espera a victima que tarda. Era o magro ordenado ; os apertos ; o embrutecimento--a lenta, continua fossilisação. Era a minha sina ; a minha pobre sina de Bacharel !

Então, desconsolado, triste, achando que a vida era um negro inferno ; que tudo era illusão na terra ; que a natureza era uma blague e que o luar enervava--disse ao velho vaqueiro, suspirando :

—Estupida cousa, a vida, Amancio !

--Quando não ha alegria no coração, meu amo—respondeu docemente.

X

Manoel—filho do Amancio e seu ajudante nos serviços da Fazenda—seguia adiante, escanchado entre as malas de viagem que pendiam das lombadas do burro. Eu ia atraz, sobre um **quartáu** castanho, alto e duro de marcha.

A escura mudez que nos envolvia era como um fluido e asphyxiante lençol estendido sobre as nossas cabeças, e apenas o rangido das malas de couro e o compasso secco da marcha dos animaes quebravam a espessura da treva em torno. Para dispersar essa negra quietude indaguei do rapaz, riscando um phosphoro para o cigarro :

—Quando chegaremos á cidade, Manoel ?

Elle ergueu a cabeça, olhou os astros, respondeu batendo o isqueiro que fuzilou na escuridão :

—A alva ainda está muito alta. São trez e meia ou quatro horas, se tanto. Nessa marchinha de passo vamos gastar cinco horas de viagem. E' só fazer as contas : lá pras oito e meia ou nove horas.

—Só, Manoel ?

—Sim senhor. São cinco legoas puxadas.

Durante o curto dialogo atrazara-se, mas, pedindo licença, tomou novamente a dianteira explicando que o burro vê melhor á noite e avisa com as orelhas qualquer perigo na estrada.

E cahimos no passo e no mutismo.

Ia-me invadindo um fundo constrangimento. Tão felizes, tão calmos, tão vasios tinham sido esses dias de sertão, que delles me afastava tomado de angustia, deixando em cada recanto da terra amavel—na velha casa, nas arvores do pateo, nas lages do rio, em tudo—um pedaço dalma a pousar com serena saudade.

A paz desse bucolismo virgiliano que me arrastara por esses campos, essas florestas, essas farpadas caatingas e essas varzeas fecundas, e me fizera adorar com o enthusiasmo de Dyonisios e a ingenuidade de São Christovam, as alegres manhãs de sól e as noites povoadas de mysterios e de estrellas—tolhia-me a vontade e dava-me desejos de voltar e continuar para sempre a vida soberanamente sim-

ples de pastor da Arcadia, ocioso e contemplativo.

O meu desejo crescia como as sombras das arvores ao sól poente.

E pensei que, talvez o meu desgraçado amor houvesse desapparecido nesses dois mezes de ausencia, sem cartas, sem noticias de Rosa, como se nos separasse um mundo morto em que se estendesse um oceano immovel e gelado; dormisse num somno eterno uma eterna floresta, e o illuminasse, num pallor sinistro, o sól das noites polares.

Talvez ella sentisse, agora, como eu o sentia, esse amortecido silencio da paixão em que tudo era confuso e frio. E Manoel, como se me seguisse o pensamento, cantava em cima do burro :

—O amor é onda na praia ;
—E' rasto que se apagou.

Nesses dois mezes de sertão tudo se apagara. Mesmo sem leituras, sem **Darwin**, sem **Kant**, sem **Spencer**—como insinuara o Dr. Elesbão—eu esquecera a sciencia e o amor. Tudo me fugira da memoria em continuas debandadas : fugira o saber, creio mesmo que fugira o raciocinio, e Rosa parecia fugir tambem, e apagava-se na minha lembrança como uma

tarde de outono que vai morrendo lenta e doce.

Toda a philosophia e toda a sciencia lá iam, no meio das minhas roupas, dos meus sapatos e das melancias do Amancio (unico presente do bom velho) nas malas de couro, ao chouto compassado do burro. Representavam-n'as uma **Physiologia** intacta, de trez autores reunidos; uma soberba **Biologia**; um **Tratado de Direito Internacional**, virgem tambem, com que matei uma noite um rato desavergonhado; os **Primeiros Principios**, e essa **Critica da Razão Pura**, impenetravel e profunda, supremo allivio das minhas primeiras insomnias; supremo assombro do Amancio, que por vezes escutava alguns periodos, estarrecido, mudo, arregalado de pavor, dando-me a impressão de que pelos seus olhos passava e repassava um macabro comboio de alienados.

Atravez da treva que se dissipava pouco a pouco, fitei a mala que levava tão alto saber, e pensei que jamais aquella pobre alimaria conduzira ás costas tão gloriosa carga. Porem que importava ao burro a excelsa gloria? A sua physionomia revelava honradamente que nada entendia dessas loucuras dos homens. E marchava sempre, resignado e firme, batendo os cascos na terra dura, numa circumspecção immutavel—porque não ha nada mais serio que a seriedade de um asno caminhando ao

relento da noite sertaneja, absorto e melancolico.

Manoel continuava cantando sobre a cangalha prehistorica, pendentes as pernas pelo pescoço da cavalgadura, e de vez em quando fazendo estalar no espaço o longo chiquerador.

A indecisa claridade da ante-manhã se ia diluindo pela estrada vermelha e pela matta quando aportámos a uma Fazenda, o **Amargoso.** O vaqueiro, um rapaz moreno e alto, offerecia-nos leite e conduzia-nos ao curral, junto á casa. Acceitei e tomei um copo deliciado. Manoel absorveu duas cuias seguidas, sorrindo á minha incapacidade estomacal de civilisado, e arrotando alto num ruido de valvula com excesso de vapor. Os dois rapazes iniciavam uma palestra socegada : o do **Amargoso** indagando do Amancio, de um jumento fugido e do **mal-triste** que apparecera em **Carapebas** ; Manoel explicava tudo—e ambos entravam no curral, sorrindo, alisando aqui e alli um dorso de animal.

Fiquei na porteira a olhar o gado. Todas as vaccas urravam chamando os filhos, presos num curralsinho menor, ao lado. Um garrotão malhado circulava impaciente em torno de uma novilha magrita e esquiva. Do chiqueiro das cabras, visinho, vinham gritos da meninada tangendo os retardatarios, e de outro chi-

queiro sahia, balindo, em longa fila, o rebanho de carneiros. Um bode vermelho, de enorme cavaignac, passou junto a mim, focinho no ar, arrebitado e lúbrico, aspirando não sei que perfume, num cynismo de velho satyro.

Uma bafagem fina e leve rondava pelos ares. O sol, emfim, começava a apontar, e a estrella d'alva desfallecia languidamente, lucida e casta, na flammejante apotheose das cores. Tudo despertava do somno das trevas : á frente, o pateo onde se via um lote de cavallos pastando tranquillamente ; á esquerda o carnaúbal ostentando as palmas verdes, de um verde esfusiante alegrando a paisagem, e á direita, ao longe, na varzea immensa, ia desapparecendo o rebanho de carneiros como flócos de neve que se desfizessem ao fulgor da alvorada.

Nunca eu o vira assim, ornado de tantos attractivos, esse rude sertão ! Na indolencia, no descuido e na animalidade desses dois mezes jamais me apercebera dessas pompas magnificas, desse fausto, desses surprehendentes atavios. E talvez nunca mais pudesse ter ante os olhos o enlevo dessas paisagens, a alegría desses passaros, a magestade desses montes longinquos, e a pureza, a harmonia, a graça dessas lindas manhãs. Nunca mais ! E eu re-

cebia, enternecido, esse doce beijo do sol, como se fosse um longo e mudo e derradeiro beijo.

Partimos. Manoel ao meu lado contava uma difficil historia de caça naquelles taboleiros do **Amargoso**, havia tempos, em companhia não sei de quem. Mas o meu pensamento ora voava para a Bahia, ora voltava ao sertão, inquieto e desordenado.

—Ahi, apontei e fiz fogo !...

—Fogo em quem, Manoel ? — perguntei accordando do meu atordoado pensar.

O rapaz olhou-me num exame desconfiado :

—No que havia de ser, seu Dr ? No veado !

—Ahn !... logo vi !

—Parece que Vosmincê não ouviu bem. Foi assim : era eu e o Totonho e um cachorrinho paqueiro do Jesuino...

E lá se perdeu outra vez na malfadada historia, emquanto o meu pensamento voava, voava, delirante e afflicto, entre o sertão, a cidade, o amor e o meu curso de direito.

Mas o meu guia terminava a narrativa e seduzia-me para um café, alli perto, na casa do Quincas, o maior trovador daquella região do Rio Salgado, e eximio fabricante de queijos. Accedi com alegria.

Atravessámos o carnaubal, e deixando a estrada tomámos por uma trilha á esquerda, assignalada por uma vetusta sucupira. E logo se nos deparou a residencia do poeta, um casebre pequenino, de porta e janella, coberto de palha nova, com um cercadinho ao lado, um joáseiro á direita, florido e viçoso. Sob o alpendre via-se uma sella pendurada a um gancho ; um banco tosco e alto ; cabrestos pelos cantos, e num tripé de aroeira o pote dagua.

Perguntei a mim mesmo como viria a inspiração naquella choça banal, mettida naquelle bruto **carrasco**, sem horisonte, sem perspectivas, quasi sem céo, como um covil selvagem cravado na base de uma rocha. De onde viria o veio sagrado que corria, perenne e limpido, para essa Castalia sertaneja ?

Fiz a pergunta ao Manoel, que sentado no chão escavacava o pé tirando um espinho. Elle, pouco attento, presumia :

—Eu penso que elle canta assim porque gosta desse joáseiro sempre verdinho, aqui junto do pote dagua, pra de vez em quando molhar a garganta. E' isso ! Vosmincê não acha ?

—Pode ser. Mas por onde andará esse Quincas ? Dê um grito pelo poeta.

Manoel suspendeu a operação cirurgica, ergueu-se num pé, e fazendo das mãos porta-voz, soltou um longo **aboio**, chamando.

Outro **aboio** partiu das caatingas, em resposta. Não tardou muito e appareceu o caboclo trazendo ao hombro uma cabaça dagua que largou no alpendre.

Manoel adiantava-se e apresentava-me :

—Aqui é o Dr. Humberto, que estava na **Agua Boa**, se tratando. Agora vai pra Bahia se formar em leis. E' o anno derradeiro.

O dono da casa estirava-me a dextra que havia esfregado com força na calça e na blusa :

—Vosmincê vá entrando. A casa é sua. Eu vou fazer um cafésinho.

Abriu a porta do casebre e nos foi levando para a sala escura onde á primeira vista os objectos apresentavam contornos indefinidos. Habituando-me á sombra do aposento, fui distinguindo. Havia uma pequena mesa de pernas cravadas na terra batida, encostada á parede de rebôco. Sobre a mesa, num prato amarello e dentado como uma serra, estavam uns queijos frescos que tentavam o meu appetite. Uma chicara de esmalte, uma caneca e um garfo sem cabo e com dois dentes apenas completavam a baixella. E era toda a copa do vate. Pelas paredes, em ganchos de pau, estavam a viola, encapotada num sacco, uma can-

galha nova, cabrestos de couro crú, esporas, fôrmas de queijo, velhos chromos de folhinhas. Num quadrinho azul, uma Nossa Senhora, cercada de flores seccas e palha benta, parecia sorrir, dentre as nuvens e os anjos que a circumdavam, para aquella pobreza do poeta.

Mas a chaleira fervia, e veio o café. Comprei os queijos, e num longo abraço despedi-me do Quincas.

Transposto o estreito caminho, tomámos a estrada larga, tortuosa, vincada dos sulcos dos carros, que á luz forte e viva da manhã se tornava mais vermelha e alegre. O meu guia enrolava o cigarro e cantava.

O sól começava a arder. Manoel vendo o meu silencio tangia o burro e cantava, cantava. A estrada terminava numa esplanada escarlate, sem arbustos, sem hervas, arida e triste. Era o fim da terra sertaneja e talvez o término das minhas venturas. Ante os nossos olhos surgia o aterro que liga o sertão á cidade; a vastidão das salinas; a floresta dos moinhos de vento girando as azas á morna exhalação do nordeste; as pyramides de sal scintillando á bravia canicula—o lindo panorama que vive a implorar a cadencia e o lyrismo de um Dithyrambo.

Emfim chegavamos á casa paterna. No portão do quintal, ao apear-me, murmurei num

desafogo, sentindo a alma leve e os musculos rijos :

—Deus seja louvado !

—Amem—exclamou o Manoel amarrando o burro.

*

* *

Apeado, abraçado, felicitado pelo meu esplendido aspecto, pedi a minha correspondencia e subi ao meu quarto, no andar superior, amplo e claro como um refeitorio de convento.

E na paz, no carinho e no encanto da alegre manhã, mergulhei o espirito nesse halo de luz consoladora das missivas da minha amada —porque as cartas todas (excepto uma do Ernesto, rapida, secca, telegraphica, em que me communicava que era noivo da Adelaide ; que o seu noivado incendiara de vez a furia paterna, e ia entrar em concurso na Faculdade) eram de Rosa, e vinham cheias de saudade e caricias. Em todas ellas não transparecia uma censura, uma accusação, uma referencia sequer ao meu grosseiro e inexplicavel mutismo. Todas, todas diziam do seu purissimo affecto, tão amaveis, tão simples, como se a sua alma vazasse um desejo immenso, e vibrasse, numa alleluia resplandescente, toda a infinita ternura do seu amor.

Senti-me tão vil, tão indigno de mim mesmo e dessa creatura, que tive a sensação de que sobre a minha cabeça desabava toda a lama de um charco. E os meus remorsos eram como bramidos de manadas de feras, rugindo e ululando um côro de maldições.

Por um momento desviei o olhar ignobil da castidade e da meiguice dessas cartas, e vi dentro em mim a hediondez de um barbaro tripudiando sobre estatuetas de Tanagra !

Escrevi-lhe, então. Enchi allucinadamente folhas e folhas de papel, de juramentos, de dores, de mentiras e de litteratura ordinaria. Contei-lhe que passara todo esse tempo num horrivel sertão, de estradas tenebrosas, sem communicação com o mundo civilisado, longe da humanidade e dos correios, entre serras povoadas de tigres, em que habitavam pelas encostas, sob cabanas de sapé, os ultimos remanescentes dessa grande raça potyguara, que se batera pela patria, nos seus dias de infortunios e incertezas. Alli tinha eu vivido durante dois infinitos mezes uma vida de asceta contemplativo, a olhar a correnteza dos rios, a scismar pela orla da floresta, a levar a palavra de fé e de conforto áquellas almas primitivas, com a persistencia, a resignação, a intrepidez e a bondade de Anchieta.

E sobre esses negros martyrios do isolamento, do pavor e da cathechese, eu vivia perdido em recordações, pensando nella, trespassado de nostalgias no meu aspero deserto. Disse-lhe, emfim, com um despudor intoleravel, que estava mais magro e mais pallido.

Foi assim que eu descrevi essas cinco legoas ligeiras, de larga e segura estrada, esse risonho sertão e essa pacata e querida **Agua Boa** de tão grato recordar ! Foi assim ! Tive mesmo palavras sombrias sobre a tremenda ferocidade do Amancio ! Foi assim ! Uma forca não vingaria a minha indignidade ! E certamente Rosa derramaria sobre as torpezas dessas folhas de papel a innocencia do seu pranto!

Larguei a penna com que gravara, delirante e impudente, o horror de tanta falsidade, e fui á janella que dava para a Praça, deserta aquella hora do Domingo tristonho. Algodoeiros bravos, amarellados e sujos de poeira, espargiam sombras insignificantes. Do lado da cadeia vinha um canto rouco de ebrio, e os soldados sem blusa, estirados pela calçada, dormitavam, cançados. A' direita, a Egreja, áquella hora da missa, recebia os fieis. E o sino badalava em repique sonóro que atravessava o ar translucido e se perdia no espaço azul e fino de céo napolitano.

Veio tirar-me dessa contemplação o meu excellente amigo Antonio Cintra, que se abancou esbaforido e suado sobre uma cadeira de emballo. Antonio fôra meu companheiro de infancia, de escola e de vadiagem, e desde esse tempo a nossa amisade cada vez mais crescera, serena e segura. O meu amigo possuia uma exhuberante alegria, e olhava sempre a vida com optimismo e tranquilidade. Casara-se cedo, por amor, e tinha um estabelecimento de fazendas que prosperava.

Antonio enxugou o pescoço e falou :

—Olhe, Humberto, soube agora mesmo da sua chegada e venho visital-o. Mas Você não merece a visita. Esteve por aqui, antes de ir ao sertão, e não nos appareceu. Demais, Você está mudado : é uma cara, um retrahimento, uma tristeza !... Que é que Você tem ?

Veio até a janella onde eu estava e de onde se via,ao longe, para os lados do **Porto do Roçado** e das **Umburanas,** um trecho das dunas, branco e vasto. Collocou a mão no meu hombro e insistiu :

—Que é isso ? Que mudança foi essa ? Será possivel que Você guarde segredos para mim ?

Respondi forçando um sorriso que me arranhava a alma :

—Nada, Antonio. Ou, antes, é um fim de curso ; é o receio do futuro que têm todos os homens que se formam num paiz de doutores. Quem sabe lá aonde irei roer o meu osso juridico ? Isso contraria-me, ás vezes.

O meu amigo ia-se entristecendo tambem, sentindo commigo a dureza e o dissabor desse osso que me esperava. Mas a sua melancolia passou logo, como sempre, porque o seu temperamento resurgia das proprias dores, mais vivo e mais forte. E affirmou, convicto :

—Não. Todos nós trabalharemos para que Você tenha, depois de formado, um pedaço de lombo, em vez do osso. Ha de tel-o ; não desanime !

Mas aquella mentira começava a doer-me na consciencia. Era a segunda nessa emocionante manhã ! Por isso, pedindo um perdão que não me ruborisara, narrei-lhe num brusco e largo desafogo—como se falasse para a doçura do céo e para a brancura das dunas—toda a historia desse pobre amor ; o martyrio de Rosa ; o futuro que nos aguardava ; o meu temor do desfecho desse drama tão simples. E terminei :

—Não sei que fim terá tudo isso, Antonio ! Julguei que poderia resistir á desordem dessa paixão, e vejo que dia a dia ella me vae arrastando para um desenlace que ignoro e que não

posso prever. E' uma absorpção. Pensei que a ausencia tudo extinguiria ; foi peior !

E erguendo os braços numa supplica desconcertante, interroguei o Antonio, o céo e as areias ao longe :

—Como terminará esse difficil e triste episodio ? Como ?

Ninguem respondeu. Antonio torcia a cadeia do relogio, cabisbaixo, e impressionado com aquella dramatica interrogação. Por fim, murmurou :

—E' mais serio do que eu pensava !...

Um amargo silencio passou. Mas o meu amigo, batia na cabeça e dizia-me :

—Ah ! Ia-me esquecendo. Hoje faz annos o Carlos, seu afilhado. Ha uma brincadeira lá em casa e a Maria manda convidal-o. Mas se Você não póde ir...

Atalhei-o com vehemencia :

—Vou. E não quero que se saiba do que se passou entre nós. Seria uma grosseria não ir abraçar o Carlinhos. Peço-lhe apenas que me arranje por lá um cantinho na sala de jantar. Não dançarei hoje.

Antonio garantiu-me o canto na sala. Mas preoccupado ainda com a minha confissão, balbuciou no meio do quarto procurando o chapéo :

—Não pense no futuro. O Destino ha de vir em seu auxilio. Até a noite.

—Adeus, Antonio.

Sahiu. Fiquei na janella a olhar para as areias distantes, como se dalli, daquellas brancuras movediças das dunas, viesse, emfim, buscar-me para a Felicidade esse Destino de que eu duvidava.

XI

Quando cheguei á Bahia, numa transparente e feiticeira manhã de Março, a escarpada cidade resplandecia gloriosamente.

O vapor avançava devagar, e aos meus olhos carregados de saudades iam surgindo trechos amaveis dos arrabaldes : o **Rio Vermelho**; a casaria burgueza, agglomerada e confusa, com ares de pequenina cidade; a **Barra**, tranquilla, aristocratica, com o pharol sobre a torre alta e branca, e os chalets multicores bordando a praia larga e mansa. Depois, a cidade : o **Passeio Publico**, envolto nas suas grandes arvores, maltratado e triste ; o Forte de São Marcello, circular e pardo, a sustentar sobre as muralhas antigas as velhas **boccas de fogo** dos tempos imperiaes. Mais uma curva, mais um avanço, e eis-nos prestes a fundear no immenso ancoradouro. Em frente, no primei-

ro plano, apparece a cidade baixa : o casarão archaico da Alfandega ; o amontoado de predios altos vedando a curiosidade dos viajantes ; o caes atravancado ; uma multidão maltrapilha e escura circulando indolentemente. Alem, a costa de Itapagipe ; a alegre collina da Plataforma ; pontos brancos de chacaras na orla do matto, assignalando toda a enseada até Madre Deus.

No segundo plano : um flanco do Palacio do Governo ; a fachada do Paço Municipal ; o Viaducto renteando uma crista de monte ; um trecho da ladeira da montanha ; o Elevador ; o Plano Inclinado ; ruas estreitas e ladeiras em zig-zags—a perspectiva pittoresca desse negro e sujo bairro da Sé.

Desembarquei risonhamente, e logo no caes encontrei o Ernesto que me esperava, avisado por um telegramma que eu lhe passara do Recife :

—Oh ! Homem refeito !

—Oh ! Ernesto !

E abraçamo-nos com fragor.

Emquanto o **Elevador** nos transportava pelas alturas, Ernesto dava-me noticias : tudo bem, tudo em paz. Com a minha ausencia o pai abrandara um pouco ; Rosa, apesar das saudades e do meu silencio, vivia relativamente

feliz. Elle em vesperas do horrivel concurso, a estudar furiosamente.

—E a tia Amelia ?

Chegavamos ao alto, na praça de Palacio. Ernesto respondia dando-me o braço :

—Como sempre : preparando-se para a canonisação.

Mas, de repente, apontando um vulto que surdia da Rua Chile :

—Olhe quem vem alli. O tio Virgilio.

E era o tio Virgilio que descuidadamente, de cabeça baixa, as pernas em arco, baixo e gordo, caminhava em nossa direcção, para o **Elevador.** Porem, poucos passos avançara, ergueu o pescoço, fitou-nos, e pallido, tomou a direcção do Viaducto. Estranhando tão grande atrapalhação, indaguei :

—Oh ! Ernesto. O seu tio...

Mas elle não me deixou concluir :

—Vi-me forçado a dizer-lhe cousas bem desagradaveis, outro dia, por causa do meu casamento com a Adelaide. Por isso não nos falamos. Nessa occasião avisei-o tambem que Você não lhe perdoaria a promessa da desmoralisação. Parece-me que anda assustado, o tio.

—Pudera !

Estavamos no meio da Praça, e o meu amigo despedia-se porque ia até a Faculdade

assistir no laboratorio de Histologia a uma experiencia importante.

Marchei, então, para a **republica,** ligeiro e feliz.

Mas a querida **republica,** onde durante quatro annos um grupo de rapazes viveu como um singular exemplo de camaradagem, e fundas, inesquecidas amisades se perpetuaram— tornara-se inhabitavel. Quasi todos os seus fundadores se haviam formado. Fagundes fôra para o Rio de Janeiro. Augusto abandonara, emfim, os estudos, depois de cinco annos de paixão e de alcool, farto e refarto de reprovações. Soares formara-se em Medicina com o projecto funambulesco de atravessar todo o sertão da Bahia e desembocar um dia em Minas Geraes, espantando os povos. Murillo, formado tambem, seguira para o seu recanto sergipano onde pretendia simplesmente politicar e ser feliz. Restava o Almeida, que na nossa ausencia—minha e do Jorge—atulhara em todos os commodos da velha casa uma leva grosseira e estranha de calouros do Piauhy, que elle commandava como um regulo germanico do tempo de Othon I.

Maria, a nossa cosinheira, não supportando a arrogante autocracia do Almeida nem a selvageria Piauhyense, se despedira, arrojando, uma tarde, no ladrilho da cosinha, o seu aven-

tal, entre gritos terriveis e murros pelas portas. E lá fomos encontrar, substituindo-a, uma mulata pedante, de grandes argollas nas orelhas, magra e vesga, que deixava por toda a parte um cheiro violento de acido caprylico.

A nossa **republica** desapparecera positivamente, e ao envez da alegria, da communhão intellectual, da bohemia desordenada e das mutuas e confortadoras dedicações, havia pelo vetusto casarão rostos quadrados de sertanejos inalmodaveis á civilisação, carantonhas desconfiadas—um bando de matutos silenciosos, cuspindo pelo soalho, os dedos atochados nas narinas, em fraldas de camisas.

Eu e Jorge preferimos deixar ao Almeida o trabalho de domar e educar a leva de calouros. E mudámo-nos para uma Pensão da Mouraria.

Difficilmente me habituei ao silencio, á regularidade, ao isolamento e á escorregadia e oleosa amabilidade da dona da Pensão, uma velha gorda e vigilante que rondava pelos quartos.

O meu cubiculo era o ultimo, nos fundos, onde certamente fôra a sala das refeições, (nós comiamos na sala da frente) com uma janella para o quintal estreito e comprido, todo cruzado de arames e cordas esticadas, como uma estação telegraphica, e enfeitadas de roupas bran-

cas que seccavam ao sól. Proximo á janella erguia-se com orgulhos de palmeira um mamoeiro imponente. Num canteirinho ao lado havia uma roseira **"todo - o - anno"**, uma **"crista de gallo"** e mangericões esparsos. Ao fundo appareciam outros quintaes, outras cordas de roupa, janellas de cosinhas ennegrecidas de fuligem. Era todo o meu horisonte.

O quarto pequeno, pintado de uma cor de rosa incerta e humida, com a porta estreita e baixa para o corredor, dava-me a impressão continua de um carcere lugubremente disfarçado. Jorge, entretanto, accommodado num aposento peior, sem ar e sem luz, vivia a assobiar, a fazer dythirambos, a enaltecer a "vida em familia" e a namorar a filha da dona da casa, uma creatura pallida que soffria do estomago e chegara aos trinta annos illesa e displicente.

*

* *

Depois de ter visto Rosa, por duas vezes, em dois sabbados da tia Amelia, lembrei-me de que devia levar meus agradecimentos ao Dr. Elesbão e exhibir-lhe os kilos de musculos accumulados nas terras sertanejas.

Para lá parti numa vaporosa manhã de Domingo.

No seu austero gabinete o sabio escrevia apressadamente em tiras de papel sem pauta, espalhadas sobre a lustrosa e larga mesa de jacarandá. Uma quietude de mosteiro pairava na fina claridade do aposento, e parecia que a propria aragem do jardim, mesmo subtil e perfumada naquella bemdita manhã de primavera se tornava mais branda e mais doce quando de leve atravessava as janellas da bibliotheca, e timidamente acariciava a fronte do Mestre e as flores dos vasos.

Entrei. O Dr. Elesbão não deu logo pela minha presença, absorvido na tarefa prodigiosa que o alheiava do mundo e vincava-lhe o rosto. Continuou a escrever, a cabeça baixa, a calva immensa reluzindo, os olhos tristes de myope roçando pelo papel.

Tossi de leve. Elle suspendeu a penna vertiginosamente e ergueu-se, apertando-me num abraço.

—O meu jovem amigo! E bom, e forte! Outro homem! Creia que no meio das minhas tristezas veio dar-me uma pura alegria! Não ha nada mais terno, mais agradavel, que o abraço de um bom amigo quando o nosso espirito passa por uma crise de desconforto moral.

Fiquei estupefacto! Mas o Dr. Elesbão não me deixou falar.

—Bem sabia eu que viria logo trazer-me o consolo dos seus pesames. Nunca me enganei a respeito dos seus sentimentos e da sua amisade. Obrigado ! Sinto-me bem quando essas condolencias partem de corações sinceros como o seu !

Pesames ! Condolencias ! Reparei que o sabio apesar de vestir um terno cinzento de casemira, tinha esse ar de fundo desgosto que jamais illude nos sabios e nos simples porque não conhecem a dissimulação. E sem comprehender a causa do seu visivel desalento, e sem ao menos suspeitar que amada creatura o grande homem acabava de perder—disse-lhe, apenas, compondo uma physionomia de pesar :

—A vida é cheia de amarguras, caro Mestre. Venho, na verdade trazer-lhe os pesames, cumprindo um dever. Um triste dever !

O receio de commetter uma **gaffe** fez-me calar. Abotoei o meu paletot preto—paletot que eu vestira distrahidamente nessa manhã, e que o Dr. Elesbão certamente tomara por uma expressão de magua e de lucto—e esperei. O sabio apertava-me a mão emocionado.

—Obrigado ; muito obrigado.

E perdeu-se em cogitações, fitando as tiras de papel, o tinteiro de prata com a aguia de azas abertas e o busto de Hypocrates. Eu in-

dagava com uma curiosidade de quem procura decifrar um enigma :

—De que falleceu ?

—Arterio-sclerose — informava o Mestre. Ha quatro annos essa boa creatura vinha padecendo. Os rins e o coração funccionavam á força de diureticos e tonicos. A albuminuria accentuava-se dia a dia numa percentagem alarmante. Desde o anno passado, quando as crises respiratorias a traziam suffocada no leito, adquiri uma ajudante, não consentindo que ella se fatigasse com os arranjos da casa. E' horrivel ! E' cruel ! Eu tinha a certeza da sua morte, certeza évidente, certeza visivel. Acampanhava toda a marcha da invencivel molestia e não podia comprehender que essa grande sciencia que eu tanto tenho amado e devassado ha quarenta annos, permittisse o triste desenlace. Esperava sempre o milagre, e sabia que não ha milagres,—que os milagres desappareceram da terra juntamente com um moço pallido e cheio de piedade que ha dois mil annos, pela Gallilea, entre pastores e creanças, ia ensinando em sublimes parabolas, a bondade e o renunciamento. Mas esperava, esperava !...

Percebi, então, que se tratava da Governanta. Lembrava-me della : era uma mulher magrissima, feissima, de oculos, com um ar se-

vero e curioso de velha coruja. O seu aspecto era sobremodo desamoravel. Nunca falava, nunca sorria, e olhava para tudo e para todos com uma fixidez percuciente, numa analyse que varava o corpo e a alma. Pensei muitas vezes que só vinte annos de convivencia e de habito poderiam fazer tolerar a rudeza e a fealdade da antipathica mulher.

O sabio continuava o seu lamento, alisando (como era de costume) a caveira do supporte de metal.

—E agora, meu caro amigo, debato-me nessa desorganisação. E' a falta de socego, a minha preoccupação da regularidade, o transtorno domestico, que me desorientam. Não ha nada peior na vida que a irregularidade, essa irregularidade que me chega aos sessenta e quatro annos, precisamente quando a minha existencia necessita do methodo, do repouso, da paz que venho pacientemente procurando e construindo. E lá se foram, arrebatados pela morte dessa mulher que personificava toda a ordem, vinte annos de tranquilidade e de normalidade !

—Realmente... uma perda assim...

—A substituta ainda não sabe dirigir a casa e vive a perguntar-me o que deve fazer. Como se eu o soubesse ! Eu, que ignoro as minhas proprias obrigações ! Até o dinheiro sou

constrangido a guardar, a contar, a distribuir diariamente. Incrivel ! Não é ? Pois a nova Governanta, aliás uma mulher de cincoenta annos, tem medo de lidar com esse dinheiro, e pede-m'o aos poucos, quotidianamente. Já se viu maior absurdo ! Medo do dinheiro.

Vi que o Dr. Elesbão sentia a perda da sua detestavel Governanta como o homem de negocios que dá por falta do relogio e da carteira, no momento em que tem necessidade de ambos. Resumia-se nisto toda a sua magua, a sua immensa, inconsolavel magua que transparecia na voz, nos gestos e na physionomia. Por isso despedi-me, enervado, a pensar que perdera tão doce manhã ouvindo o necrologio insipido da mais insipida creatura que já pisou na terra. E constatei com soberano desgosto que o grande sabio era apenas um grande egoista.

Na rua, prometti nunca mais transpor a sua porta, sem poder prever—ai de mim !—que dentro em breve iria implorar loucamente a misericordia do seu illuminado saber !

* * *

Passara-me a effervescencia dos primeiros tempos de paixão. A affabilidade de Rosa, a serena alegria da tia Amelia, os conselhos do

Ernesto (duplamente atarefado com o casamento e o concurso) iam pouco a pouco espargindo no meu espirito uma transparente quietação. Apenas aos sabbados tomava-me invencivel anciedade, e desde o amanhecer até ás quatro da tarde andava pelo quarto a contar as horas, faltando systematicamente ás aulas. A's cinco horas, subia as escadas da tia Amelia, onde ás vezes encontrava o Ernesto, de passagem, apressado, sobraçando livros e maldizendo a "enrascada em que se mettera". Tia Amelia servia-lhe o chá e encorajava-o promettendo rezar aos seus santos ; eu dizia-lhe invariavelmente que todo o exito na vida depende da suprema audacia ou da suprema submissão.

Rosa chegava ás cinco e meia. E esvoaçante, risonha, feliz, ora nos braços do irmão, ora beijando a face rosada da tia, borboleteava por toda a casa, tocava, cantava, tecia o nosso futuro, naturalmente, como se a tia e o irmão fossem confidentes indispensaveis e queridos. Do meu canto, na sala de jantar—uma poltrona de vime enfeitada de rendas—eu seguia os seus movimentos de ave, olhava os seus olhos azues, adorava-a concentrado e mudo como o selvagem que contempla o seu amuleto. E era tanta a minha felicidade, tão grande o meu sonho , tão irradiante a poesia da tarde, que eu sentia nalma uma claridade harmoniosa.

Foi numa dessas tardes de sabbado, em Maio, quando o Ernesto, approvado no concurso e nomeado Professor substituto da Academia, nos communicava que havia marcado o dia do seu casamento—que eu, do fundo da minha poltrona, e aproveitando uma pequena ausencia de Rosa, que fôra á sala de visitas, disse-lhe repentinamente :

—Estamos em Maio, Ernesto. Daqui a poucos mezes estarei, por um singular capricho da sorte, transformado em Bacharel. Penso, por isso, que é tempo de pedir Rosa em casamento. Você não acha ?

As palavras sahiram-me quasi insensivelmente com uma gravidade fria que me impressionou. Tia Amelia ficou com a chicara de chá suspensa no ar, num embaraço brusco dos movimentos ; e fitava-me attonita e muda. Ernesto tomou um gole com difficuldade, olhando em torno os moveis da sala como se lhes pedisse auxilio e opinião. Por fim começou a falar lentamente, divagando :

—Não sei. E' um caso difficil. Meu pai está cada vez mais intransigente. Avalie que nem ao menos me deu os parabens pelo concurso ! Comtudo, Você e Rosa devem resolver esse caso. E' o diabo !

Com essa tangente sacudia num desafogo a sua responsabilidade, e atirava-me ás costas todo o peso da minha temerosa aventura.

Tia Amelia sorvia, emfim, o seu chá, mordendo uma torrada e recomposta do susto. Como quem exige um apoio, dirigi-me logo á boa senhora :

—E a tia Amelia ? Diga-me com franqueza o que devo fazer. A quem devo eu consultar senão aos parentes da minha noiva ? Bem sabem que eu não receio as consequencias desse passo, mas Rosa poderá vir a soffrer com a furia do Commendador. E' isso o que eu não desejo. Que hei de fazer ?

Ella ergueu a face corada e disse resolutamente, com a torrada suspensa no ar :

—Peça. E' o seu dever.

Ernesto, animado com a firmeza da tia, repetiu com vigor :

—E' o seu dever ! Peça ! Vai ser um inferno, uma tragedia, um horror ! Mas, peça ! E' o seu dever !

—Não é a tragedia que me faz recuar—respondi com a mesma gravidade. Tenho hesitações porque Rosa vai talvez atravessar um periodo de continuos desgostos até o nosso casamento. O "não" do Commendador é de uma evidencia diaphana, mas isso para mim é apenas um detalhe, porque o casamento se reali-

sará sem a formalidade de um "sim" ou um "não" de quem quer que seja.

Era com emphase que eu lançava superiormente as palavras, desafiando da minha poltrona o Commendador e o mundo. Ernesto affirmava, sorrindo á minha jactancia :

—De qualquer forma, pode contar com elle, com o "não", como se conta com o sól, com a morte, com a lei da gravidade, com as ladeiras. E' infallivel !

Tia Amelia suspirava ao meu lado :

—Meu Deus ! Que coração de ferro tem aquelle homem !

Rosa entrava na sala e ouvira as ultimas palavras. Vendo a nossa consternada attitude, estacou junto á mesa :

—Oh ! Estão todos com uns ares !... Que é isso de "coração de ferro" ? Com certeza é do coração da tia que se trata. Então ! Não falam ? E' conspiração ?

Como ninguem lhe respondesse ella abraçou a tia pela cintura, reprehendendo-a, o dedo erguido numa doce ameaça :

—Você, tiasinha ! Mettida com esses conspiradores, aproveitando a minha ausencia. Quem diria ! A santinha !...

Outro silencio difficil succedeu ás suas palavras. Foi tia Amelia que se desprendendo

dos seus braços e sentando-se no sofá, afogueada e commovida, murmurou :

—Conspiravamos, é verdade ! Humberto quer fazer o pedido de casamento e desejava a nossa opinião. Por mim, disse-lhe que estava de accordo.

—Eu tambem—emendou o Ernesto, apressado. Elle deve cumprir o seu dever !

Rosa sentou-se no sofá, ao lado da tia, respirando com esforço. Ninguem falava, como se a emoção nos cortasse de vez a faculdade da palavra. O canario belga da tia Amelia saltava na sua gaiola prateada suspensa do tecto, e executava um trinado macio. A copeira entrou e começou a arrumar as chicaras e os pratos numa bandeja. Dos fundos do quintal vinha o "ziu-ziu-ziu" de alguma cigarra perdida a despedir-se da tarde. E pelas janellas da sala os derradeiros raios do sól entravam horisontalmente brilhando pelo soalho.

Ernesto levantou-se, estirou os braços, e no meio da sala :

—Estamos nós aqui como creanças medrosas. Afinal de contas isso é um facto commum, de todos os dias. E hoje, então, pede-se moças em casamento com uma facilidade maravilhosa.

Voltando-se para mim, continuou :

—Diga-me lá quando será o pedido, Humberto. Quero estar de promptidão, com as forças.

Fitei o rosto inquieto de Rosa, perguntando :

—Quer marcar o dia ?

—Não. Faça o pedido quando quizer. Peço-lhe apenas que me avise.

Então, tomado de estranha decisão, disse ao Ernesto que esperava de pé :

—Será na proxima segunda-feira, depois de amanhã, á esta hora. Sempre fui feliz nas segundas-feiras !

—Mas quero saber—indagava impaciente o Ernesto—Você escreve, manda algum embaixador, ou vai ?

—Vou.

—Caramba ! E' coragem ! E' peior que um concurso !

Nessa tarde de Maio deixámos todos nós a sala de jantar da tia Amelia, confrangidos e silenciosos, numa vaga espectativa de catastrophe. Rosa perdera a sua graça divina. Ernesto descia as escadas, lento e funebre, sobraçando os livros que se habituara a carregar nesses agoniados mezes de concurso. Tia Ame-

lia tentava disfarçar a inquietação e tinha as mãos geladas. Desci tambem, e lembro-me apenas de que ao chegar á rua vi o sól que desapparecia de subito na linha do horisonte numa syncope de hemoptyse.

XII

A força de tanto pensar, tanto construir na imaginação, minuto a minuto, a scena do meu pedido de casamento—conseguiria eu prefigural-a com uma nitidez que ás vezes me espantava. Previa tudo, calculava tudo, estudava tudo. E em cada dia que se passava ia-me envolvendo numa blindagem moral capaz de supportar o lance mais inesperado, mais absurdo e mais illogico. Para os furores, a raiva, a ira e certamente a incivilidade proverbial do Commendador José Moreira Noronha de Vasconcellos—da rija estirpe dos Noronhas de Vasconcellos, entroncada na soberba raiz de um Capitão-mór de Matto Grosso—eu teria argumentos ponderados, argucias de bacharel, assombros de logica e de bom senso, e uma distincção de maneiras, de roupa, de gestos, tão

perfeita e tão digna que o desarmaria com encantadora facilidade.

Era, pois, uma batalha admiravelmente delineada : ataques de frente, em massa, com todas as armas, em campo aberto ; envolvimento pelos flancos ; surpresas na retaguarda —o cerco, a rendição, palmadinhas intimas pelas omoplatas, doces juras de cordialidade, numa reconciliação tocante e eterna. Ou, então, (dentro de uma hypothese que me consternava) o recúo de todas as forças, a batalha perdida, a desordem, a retirada : o dedo do Commendador apontando-me seccamente a porta da rua. Mas essa indigna hypothese raramente surgia no tumulto da minha estrategia, porque uma força occulta que eu não sentia, mas comprehendia, a arredava das minhas alegres supposições.

E na segunda-feira á tarde, estreando o fraque da formatura, e seguido pelo Jorge, que embora admirasse todos os meus recursos de clarividencia, se obstinara em acompanhar-me, com o aspecto e a convicção de quem acompanha um enterro—sahi da Pensão da Mouraria, a pé, até a Piedade, aonde fui visitar a tia Amelia e pedir-lhe os ultimos conselhos. Jorge ficara em baixo na rua.

Subi as escadas lento e grave. Tia Amelia abraçou-me commovidissima :

—Vá, Humberto. Fico rezando até a sua volta. Quando sahir de lá vem direito aqui, não é ?

—Fique tranquilla, tia Amelia. Virei immediatamente, para o jantar. Não quer mais nada ?

Ella abria os olhos fitando vagamente o tecto e as paredes :

—Não. Não sei o que lhe diga. Fugiu-me tudo da memoria—era tanta cousa, tanta recommendação !

E como se de repente lhe voltasse uma idéa :

—Ah ! Sim ! Haja o que houver, peço-lhe que tenha toda a calma, que não se exalte, que não martyrise a minha Rosa com alguma scena desagradavel. Jure-me que supportará qualquer grosseria do meu cunhado.

Jurei firmemente. Abracei-a sorrindo affirmando-lhe que tudo terminaria bem, sem gritos, sem escandalos, sem nada, num admiravel congraçamento. Nem eu tinha motivos para exaltações, nem o Commendador Noronha era algum cocheiro estupido. Não havia razões para scenas violentas. Abracei-a novamente, tentando convencel-a, e vi por entre a brecha da porta da sua alcova o oratorio illuminado e enfeitado de flores como para uma festa. Tia Amelia desejava dar-me conselhos,

mas nada me disse, e torcia as mãos, e tinha os olhos humidos. Creio que nessa tarde só podia e só sabia rezar !

Desci. Jorge continuava na calçada, inquieto, mordendo a ponta do charuto.

—Prompto, Humberto ?

—Prompto. Vou esperar o bonde e partir para as doçuras do imprevisto.

Fomos andando devagar pela rua de São Pedro. Alguns transeuntes passavam, carregados de embrulhos, cançados do dia de trabalho. Um grupo de operarios subia discutindo alto, extravasando mau humor. Pelas janellas surgiam rostos de moças penteadas e empoadas olhando indistinctamente todo o mundo e correspondendo, aqui e alli, com um leve baixar de cabeça os elegantes cumprimentos do Jorge. Um italiano tocava o realejo numa esquina, cercado de creanças e homens do povo.

Descemos a rua de São Bento, atravessámos a Praça Castro Alves. O silencio de Jorge incommodava-me, e parecia tornar ainda mais triste a tarde triste. Pedi-lhe, então, enfadado com a sua inexplicavel mudez :

—Fale, homem. Você assim até me faz nervoso. E eu que preciso de uma montanha de calma para o juramento da tia Amelia !

Recostavamo-nos ao parapeito da muralha que dominava a Ladeira da Montanha, á som-

bra das vetustas amendoeiras que ornam esse tranquillo recanto da Praça. O dia languidamente ia expirando, e pelas arvores, pelo espaço, pelas aguas serenas, corria o bafejo suave do nordeste. Eu comparava a minha agitação interior ao socego que se derramava em torno, lento e frio ; e tinha um desejo fundo, sincero, perceptivel, de transformar-me de subito numa arvore ou num sopro de vento, e viver eternamente feliz dentro da impassibilidade das raizes e dos ramos.

Jorge, attendendo á minha interpellação, dizia, afinal, arrojando o charuto apagado para a ladeira :

—Nem sei que lhe diga ; e cousa estranha !—estou quasi triste. Não tenho geito para a gravidade.

Calou-se logo, sem poder encontrar uma phrase que lhe traduzisse a emoção. Eu tentava despertar-lhe o bom humor :

—Quererá Você que eu resista impunemente a todas essas provas ? A' angustia da tia Amelia ? A' sua circumspecção ? A' morte do dia ? A' espectativa do meu desastre ? A estes sapatos novos que me torturam os pés ? E' impossivel, Jorge ! Não ha homem que supporte dignamente todos esses martyrios. E sinto que se Você não me valer com uma boa palavra de consolo ou de espirito, terei um

ataque hysterico na casa do Commendador. Creia que experimento os prodromos do ataque : um desejo immenso de solidão ; um calefrio pelo corpo ; uma vontade louca de gritar e de estrebuchar. Não é assim o começo do ataque ? Quererá Você que eu passe por esse ridiculo—nos braços do Commendador Noronha, a cheirar um vidro de ether, a visinhança em peso a abanar-me o rosto e a desabotoar-me a roupa ! Pense nisto homem, pense na consequencia desse grotesco : um sujeito que vai pedir uma moça em casamento e que, de repente, cae na sala com um ataque, aos berros ! Não é horrivel, Jorge ?

Elle abria de leve um sorriso.

—Não me convença de que está acima da situação, nem queira fazer espirito neste momento. O seu caso é grave ; é gravissimo, e eu não nasci com a bossa de conselheiro para poder guial-o nessa tremenda aventura. Tambem não sei gracejar, por emquanto.

Aquelles escrupulos, aquella covardia, irritavam-me. E segurando-lhe o braço tentei despertal-o do acabrunhamento :

—Mas isso é uma cousa tão simples, tão futil ! Não se pedem moças em casamento todos os dias ? Os nossos collegas não fazem o mesmo ? Conheço muitos que o fazem por dis-

tracção ou calculo, com uma naturalidade e uma pericia perfeitas. Tolice !

Jorge retorquiu-me com vivacidade :

—Isso, são os outros. Você não é "os outros", o seu caso não é o mesmo dos outros. Você tem a certeza de um "não"...

—Segurissimo !

—E as probabilidades de uma descompostura. Vai haver o diabo ! Conheço o seu temperamento por mais que você insista em disfarçal-o. Se não fosse a magua, o soffrimento de Rosa, eu até estimaria que você désse uma lição de civilidade áquelle animal do Commendador. Mas seria uma crueldade ! Rosa iria soffrer as consequencias dessa lição, e nem sei de quanto esse homem será capaz ! Para mim é um selvagem dentro da casca de um millionario. E' um monstro ! Veja o caso do Ernesto ! Lembre-se de que esse bandido repudiou publicamente o seu filho, e esse filho é um homem de bem, intelligente, com um esplendido concurso na Academia ! Lembre-se disto ! Vai ver se me engano.

—Pois olhe,—disse-lhe eu, apprehensivo, com o intuito unico de contradizel-o—não haverá nada. E' um presentimento que tenho.

Jorge tomava rapidamente uma resolução:

—Quer saber ? Vou esperal-o no Parque,

junto ao Monumento. Você virá ter commigo assim que sahir da casa do Commendador.

— Posso demorar-me Jorge. O homem é capaz de convidar-me para jantar. Vá para a casa.

Jorge sorriu á idéa do jantar, e insistiu :

—Não. Espero-o no Monumento. E faço-lhe o mesmo pedido da tia Amelia : tenha toda a calma. Trata-se da tranquillidade de Rosa : Jure-me que terá toda a calma.

Ergui a mão direita para o azul do infinito :

—Juro ! Hoje é a tarde sagrada dos juramentos. Praza aos céos que não tenha de fazer outro pelo caminho.

O bonde apontava na extremidade da rua Chile. Tiraram-lhe os burros e elle desceu a ingreme ladeira, em disparada, pelo oitão do Theatro, até á Praça. Tomamol-o juntos, no ultimo banco, e Jorge conservou-se calado inaccessivel, preoccupado, durante toda a viagem, até saltar no Parque, onde se despediu exigindo mais uma vez que eu me contivesse diante de qualquer exaltação do Commendador.

—Todo o cuidado, Humberto ! E venha logo ter commigo, aqui.

—Até breve, Jorge.

*

* *

Felizmente, por um bemdito acaso, o Corredor da Victoria estava quasi deserto áquella hora do crepusculo, e apenas dois soldados de cavallaria passeiavam ao longo da heraldica avenida, entediados e distrahidos. Na janella de um chaletsinho verde um casal novo sorria e conversava. Noutra janella adiante, uma velha assestava um binoculo para toda a parte. Saltei. O bonde seguiu atulhado de passageiros que abriam os jornaes da tarde e commentavam alegremente as noticias, emquanto o conductor alçava o chicote tangendo os burros cançados. Olhei ainda o bonde que partia, e num arrependimento instantaneo tive profunda inveja daquelles passageiros, do conductor e dos burros.

Reagi, num esforço violentissimo, que me assombrava.

E entre o espaço que ia do trilho do bonde ao severo portão do Commendador, senti o coração bater tão accelerado que parei no meio da rua, vacillante, desequilibrado, oscillando como se sentisse sob os pés toda a terra a ondular e a fugir. Santo Deus !—Venci esses trez metros—do trilho do bonde ao portão de ferro

—com a impressão singular de que havia transposto o Himalaya !

Emfim, puxei o cordão da sineta, e appareceu logo um velho, portuguez, com a barba grisalha em collar, examinando-me com implicante minucia. E, ou por me ter reconhecido, ou por intimidal-o a elegancia do meu fraque novo—recuou com respeito, impertigando-se, numa attitude rija de estatua :

—V. Exa. pode entrar. Quer falar ao Sr. Commendador ?

Disse-lhe que sim, affectando serenidade.

—Pois V. Exa. entre.

Curvou-se e escancarou o portão que rangeu nas dobradiças. Entrei, e tive a idéa de que forçava inconscientemente a grade de uma jaula.

O pesado casarão do Commenador Noronha surgia dentre o jardim e os pomares lateraes, grave e triste na sombra do poente. Por uma estradinha de areia e seixos brancos, ladeada de roseiras e assignalada a espaços pelas altas palmeiras imperiaes, segui até a escada de marmore do vestibulo. Calquei o botão de uma campainha electrica e esperei. A porta abriu-se quasi immediatamente, e a Maria, creada de quarto de Rosa, appareceu. Apezar de avisada pela ama, da minha visita, e naturalmente do fim da minha visita, (porque a

Maria, embora exercendo as funcções de creada, era irmã collaça de Rosa) tremia e estava pallida. Era exquisito ! Parecia-me que toda a gente,—com excepção unica do guarda-portão —estava singularmente emocionada ; e a propria noite que descia era mais negra, mais funda, mais lugubre, do que as noites de Ugolino na sua torre tenebrosa.

Entreguei-lhe o meu cartão de visitas :

—Desejo falar ao Commendador Noronha. E' possivel ?

E baixinho, confidencialmente, quasi ao seu ouvido :

—Rosa está em casa ? Está muito nervosa, Maria ?

Ella respondia-me, mais baixo ainda :

—Demais, coitadinha ! Desde ás cinco horas que o espera !

Maria ficou ainda um momento tomada de estupefacção, com o meu cartão de visitas entre os dedos ; e o seu vestido preto, a sua touquinha branca, o seu avental rendado, os seus sapatos de verniz e os seus olhos verdes e abertos, tinham uma expressão surprehendente de espanto e de medo.

Foi com difficuldade que se afastou um pouco e me disse :

—Espere um momento.

Sahiu. Demorou pouco tempo no interior da casa e voltou, pallida ainda :

—Entre. O Sr. Commendador recebe-o.

—Elle espantou-se com o meu cartão, Maria ? Nada mais disse a não ser que me recebia ?

—Nada. Leu o nome e sorriu. Mas que sorriso ! Que sorriso mau, Dr. Humberto ! D. Rosa manda pedir-lhe que não se altere se o Commendador se exasperar, mas que o Dr. seja firme e altivo. Foi o que ella disse.

Era, pois, o terceiro pedido para que eu não me alterasse ! Tia Amelia, Jorge, Rosa ! Todos pediam, todos insistiam para que eu tivesse diante do Commendador uma attitude serena. Comecei a achar curiosa a coincidencia ! Todos os meus actos, todos os meus gestos, haviam transcorrido até esse momento dentro de uma pacatez vulgar e burgueza. Nunca me excedera nem mesmo em disputas academicas na sala de jantar da **republica**,—theatro de muita scena de pugilato. Nunca tivera desaffectos ; nunca me envolvera em luctas ! Porque, então, esses insistentes, quasi amedrontados pedidos de calma ?

Maria, á minha frente, vendo-me a scismar, falava :

—O Sr. Commendador ficou a vestir-se. Parecia indifferente. Mas que sorriso elle tinha! Que sorriso!

—Deixal-o, Maria.

Atravessei a salinha de espera onde vi de relance uma pequena mesa com uma cesta de flores, dois quadros nas paredes cor de rosa e duas columnas de marmore com estatuetas. Maria ia na frente, guiando-me, alheia e deslisante como uma sonambula, a pensar, talvez, na extensa e complicada maldade dos sorrisos. Penetrei, atraz della, a sala de visitas, já illuminada por um scintillante lustre de christal colorido. Um enorme tapete persa alastrava-se por todo o vasto quadrado da sala cobrindo o soalho envernisado. Nas paredes havia retratos a oleo e a crayon, de gente antiga e severa: senhoras de saias em balão, com os penteados em forma de torre; cavalheiros de casaca, erectos, impassiveis; militares esparsamente condecorados, apoiando os braços nos copos das longas espadas. A um canto o piano de cauda jazia fechado, coberto com uma colcha de velludo azul bordado a ouro; e no centro, sob o lustre esplendente o busto do dono da casa, em gesso, parecia dominar silenciosamente aquelle pequeno mundo de esplendor e riqueza. Dispersas, sem symetria, cadeiras de varias formas, ora torneadas finamente, a Luiz XIV, ora

pesadas e massiças, no estylo-imperio, davam um tom luxuoso que perturbava. Junto á columna que sustentava o busto do Commendador, uma **causeuse** de seda **grenat**, ampla e fôfa, offerecia a delicia de um longo repouso para doces confidencias.

Sentei-me em frente a uma console de ebano com incrustações prateadas, admirando uma infinidade de bibelots que lhe enchiam as prateleiras de vidro. A um lado da console havia uma columna de madeira escura ostentando um vaso japonez—ou que me pareceu japonez—de porcellana finissima.

Durou talvez quinze minutos a minha contemplação, e acabava de examinar pensativamente um desinteressante Budha de marfim que se acocorava entre um gladiador de bronze e uma dançarina de biscuit—quando se ergueu o reposteiro e appareceu o Commendador Noronha.

Vestia um terno preto e um collete branco, de fustão. Apezar de grosso e baixo tinha o ar polido e frio de gentleman, e pisava firme sobre o tapete com os sapatos de verniz que rebrilhavam sob as fulgurações do lustre. O seu rosto quadrado, tomava um aspecto distincto e fino. Os cabellos, falhos na fronte, acamavase para a nuca, esticados e luzidios, e as faces ordinariamente vermelhas tinham á luz do

gaz, amortecida pelos abat-jours, sob os velludos escuros e a tinta verde-canna das paredes, uma cor humida e fresca. Atravez dos oculos de ouro que faiscavam, o olhar turvo de presbyta furava o espaço de alto a baixo, inquieto.

Eu que o vira tantas vezes na rua ou na casa commercial, envergando roupas de trabalho, machucadas e largas, admirava-lhe a linha perfeita e os gestos lentos. Mas, pensei commigo :

—"O Commendador recebe-me em grande gala, na sua sumptuosa sala de visitas ! Para intimidar-me ? Para humilhar-me com seu luxo ?"

Sorri á essa idéa que considerei pueril. Na verdade o digno homem ignorava que eu previra todas as hypotheses ; e ufanava-me da minha maravilhosa perspicacia !

Levantei-me ao vel-o proximo, e elle, frio, sem me apertar a mão, (que felizmente não estendi) indicou-me a cadeira :

—Sente-se, faça favor.

Elle sentou-se defronte, cruzando as pernas gordas e exhibindo as meias de seda preta. Notei com immenso prazer que os seus olhos não resistiam á penetrante insistencia dos meus e desviavam-se continuamente, ora fixando-se no tapete, ora perpassando pelos moveis. Não sei que psychologo me houvera dito que isso

era commum nos irresolutos, nos cobardes e nos perversos. Talvez o Commendador Noronha fosse um cobarde, e foi logo entre os cobardes que o classifiquei, satisfeitissimo com a minha deducção, e contando com esse novo elemento de victoria na grande batalha que iamos travar.

Por isso, pensando que para os cobardes o ataque de frente, seguro, violento, insustentavel, é o caminho mais curto para o exito—em poucas palavras, rapidamente, incisivamente, disse-lhe o fim da minha visita. Contei-lhe que havia um anno eu e Rosa nos estimavamos ; que era o meu ultimo anno de Direito ; que decidira pedil-a em casamento.

Elle ouvia tudo sem interromper o discurso, apoiando as mãos grossas sobre os braços da poltrona. Quando terminei, vi na sua bocca semiaberta um vivo, radiante sorriso de escarneo que jamais esperei e que realmente me desorientou. Por fim, serenamente, com o mesmo infernal sorriso, interrogou :

—E' só isto ?

—Só, Sr. Commendador.

Levantou-se e proferiu com clareza :

—O que me pede é infelizmente impossivel ; absolutamente impossivel. Minha filha já está compromettida.

Calou-se um segundo, e continuou, com o aspero sorriso que me enfurecia :

—O senhor chega tarde, muito tarde, e mal avisado desta e de outras circumstancias importantes que me não convem explicar.

Ergui-me tambem, um pouco atordoado. Afundado na cadeira de molas sentia-me incapaz de enfrentar o adversario, que aliás se ia tornando menos insignificante do que eu pensava. De pé, então, num gesto largo, falei :

—Faço esse pedido, Sr. Commendador, autorisado por sua filha. Pode negar-m'a, porém não me submetta ao supplicio de um ridiculo. Sua filha é incapaz de uma leviandade, ignora esse compromisso de que o Sr. fala, e não ha necessidade de subterfugios para dizer-me "sim" ou "não". Demais V. Exa. comprehende que eu não viria á sua casa, nem iria perturbar os seus habitos, se não fosse por um motivo grave e honesto.

O Commendador não esperava a minha resposta firme, cortez, sem espalhafatos e sem baixezas. Por isso vi-o desorientado, mudando a physionomia escarninha, numa contrariedade vermelha e brusca. E deixando de sorrir, falou, emfim, contendo-se com difficuldade :

—Ja dei a minha resposta, sem nenhum subterfugio como pensa o Sr. Dei como a de-

via dar. Não temos, parece-me, outro assumpto a discutir.

Era uma despedida brutal, grosseira, definitiva.

Reprimi uma ponta de colera que me espicaçava, e vendo tudo perdido, e desejando, com uma perversidade diabolica, lançar á fogueira da sua raiva um pouco de combustivel —disse-lhe, retribuindo o riso de mofa com que me recebera na sua sala :

—Entretanto, V. Exa. bem sabe, ou pelo menos deve saber, que os pedidos de casamento são simples formalidades exigidas nos meios cultos. As nossas leis não cogitam do assumpto e asseguram certos direitos á maioridade.

O Commendador franziu a testa como um felino que se vai lançar sobre a presa. E com uma pancada no espaldar da poltrona, atalhou-me alto :

—Permitta-me que não receba licções em minha casa sem as pedir. Não o conheço, não lhe dou o direito de vir aqui ensinar o que devo fazer. Tem ainda alguma cousa a dizer ?

Por um phenomeno que achei extraordinario e inexplicavel, observei que á proporção que se elevava a furia do dono da casa, eu me ia revestindo de uma impassibilidade quasi vegetal. E respondi pausadamente :

—Poucas palavras, Sr. Commendador. Como eu e sua filha somos maiores, ou seremos maiores dentro de pouco tempo, estaremos, por isso, sob os favores da lei, e consequentemente o nosso casamento independe da vontade de V. Exa.

E lembrando-me subitamente das palavras do velho Amancio, na **Agua Boa** : "**nem que vá tiral-a da camarinha nas barbas desse bruto !**"—repeti :

—Independe da vontade de V. Exa., e pode ficar certo, absolutamente certo, de que virei buscar aqui a sua filha no dia do casamento. Não virei raptal-a, Sr. Commendador—virei buscal-a, em pleno dia, na sua presença, ou na presença de quem quer que seja. Era apenas isso o que me cumpria communicar a V. Exa., como um dever de lealdade.

Quando terminei com fria arrogancia as minhas explicações, o Commendador ia passando do rubro da colera ao roxo das congestões cerebraes. E perdendo a compostura de gentleman, berrava no meio da sala, de punhos fechados :

—Ah ! E' assim ! Veremos ! O Sr. não me conhece, mas conhecerá um homem nesse dia. Verá como saberei mandar castigar pelos meus creados a sua petulancia. Verá ! E dispense-me immediatamente da sua presença !

—Não me amedrontam palavras enfatuadas—disse-lhe eu calmamente. Só Deus poderá impedir que eu venha buscal-a.

Num gesto rapido o Commendador Noronha bateu com um macete de marfim numa chapa de prata sobre a console. E ainda bem o som não terminara, appareceu a Maria, branca, tremula, os olhos verdes dilatados de assombro.

—Conduza esse senhor.

Curvei ligeiramente a cabeça. Elle ficou impertigado e violaceo junto ao seu busto de gesso, os oculos de ouro dardejando áscuas terriveis.

Sahi.

Ao atravessar a salinha de espera encontrei Rosa, de pé, recostada á parede, pallida e espavorida. Tomei-lhe as mãos que tremiam como folhas de arvore ao vento, e beijei-as doidamente. Ella, quasi sem voz, indagava :

—Então, Humberto ? Que houve ? Papai estava tão alterado ! Meu Deus !

Eu perdia bruscamente todo o sangue frio que tivera na sala, e commovido, quasi inconsciente, diante do seu vulto que se amparava á parede e dos seus olhos azues cheios de lagrimas—respondi :

—Um desastre ! Um desastre como eu esperava, como todos esperavam !

Ella apoiou-se á Maria, e ambas soluçaram suffocadas. Tomei o chapéo e a bengala, e ainda na porta, suppliquei numa horrivel agonia :

—Coragem, Rosa ! Não está tudo perdido ! Coragem !

Não respondeu.

Deixei as duas mulheres abraçadas e varei para a rua desatinado.

XIII

Jorge esperava-me no Parque 2 de Julho. E junto ao Monumento, que erguia para os espaços os seus heroes e os seus trophéos modelados na immortalidade do bronze,—abanava-se com o chapéo de palhinha e passeiava desassocegado. Ao ver-me, avançou com uma impaciencia flammejante :

—Que houve, Humberto ? Que houve ? Como se foi ?

Repetia a pergunta e examinava-me todo o corpo, de alto a baixo, insistentemente, como se duvidasse da minha integridade physica, depois de tão extraordinaria temeridade. Eu deixava-me examinar, de pé, os braços cahidos, num amargurado, visivel desalento. Como demorasse a minha resposta, porque não se apagara dos meus olhos o espectaculo do gabinete, e porque não passara ainda a minha estupefac-

ção, o meu amigo insistiu quasi aos gritos, levantando os braços possantes para o firmamento que escurecia :

—Responda ! Responda ! Que houve ? Como foi recebido ? Que se passou ? Eu estou ardendo, homem !

Disse-lhe, então, com uma serenidade dolorida :

—Houve tudo ; tudo o que eu previra ; tudo ! Menos o fim ; menos a presença de Rosa no ultimo momento, na sahida, e a sua angustia e as suas lagrimas e a commoção indiscriptivel desse instante. Eu preferia ser assassinado naquella casa a passar por esse lance terrivel !

Mas Jorge, insatisfeito com esse fraco resumo, pedia os pormenores, alli mesmo, no pedestal de marmore do Monumento, sob o silencio e a solidão do Parque. Levado pela sua insistencia contei detalhadamente o que acontecera, desde a entrada no alto portão de ferro do palacete, até a sahida, até o gabinete, onde Rosa ficara aos soluços, muda, inconsciente, abraçada á Maria.

—Um desastre, meu amigo, e penso que um desastre irremediavel, completo, absoluto, depois da minha ameaça de tirar a moça de casa, á luz do dia, perante todo o mundo, com um desplante sublime. Foi uma calamidade !

No momento da discussão, não sei como, lembrei-me da **Agua Boa**, do Amancio, das idéas selvagens do Amancio, das suas palavras: **"nem que vá tiral-a da camarinha nas barbas desse bruto !"** Já lhe contei essa historia uma vez; não se recorda? Pois, é verdade,—lembrei-me do Amancio, e zás! Um horror!

Jorge riscava com a bengala os degráos do pedestal. E pensativamente, arrastando as palavras, muito calmo, falou:

—Um horror! Uma lembrança pessima!

—Horrenda! Abominavel!

—Justamente: abominavel. Porem podia ser peior...

—Peior, a lembrança?

Elle falava compassadamente, explicando:

—Não; a scena em geral. Podia ser peior...

Eu não comprehendia o alcance da supposição:

—Peior? Peior do que a ameaça na sala de visitas; e eu todo emphatico, todo pernostico, alardeando superioridade e orgulho, falando em leis do paiz, em costumes dos povos cultos, em Direito, em prerogativas da maioridade, em força bruta, no diabo que me veio á cabeça? E Você diz que podia ser peior? Peior do que isso? Então, queria Você que eu entrasse na casa do homem, aos berros, de re-

volver em punho ? Pois olhe ! Pouco faltou para isso !

—Podia ser peior,—repetiu o Jorge, impassivel. Você não me comprehendeu, e tomou em sentido contrario o que eu ia dizer. Podia ser peior, Humberto, se o Commendador perdesse a cabeça, se o insultasse, se o escorraçasse, como a um vagabundo. E' homem para isso. E' um animal sórdido dentro da casca de um millionario. E' capaz de tudo, esse patife !

A minha estupefacção crescia prodigiosamente, á medida que elle ia esclarecendo o seu absurdo modo de pensar. E bradei, indignado, quando terminou :

—Mas isso é uma incoherencia. Você perdeu a faculdade do raciocinio. Ora essa !...

O meu amigo proseguia inalteravel, riscando o pedestal :

—Podia chamar os creados, dar um escandalo unico no Corredor da Victoria, apitar pela policia. Você não pensou nessa hypothese ; não pensou nessa infamia do Commendador Noronha ; não pensou na situação de Rosa, insultada e humilhada na sua presença. Tudo isso estava fóra dos seus calculos, da sua estrategia, dos seus planos preconcebidos com admiravel perspicacia !...

Maguado com as suas ultimas palavras, retorqui, atalhando-o :

—Você podia muito bem, nesse momento, dispensar a ironia.

Elle continuou, inflexivel :

—Não é ironia, Humberto. Não confunda ironia com bom senso ; e não me interrompa. Esse detalhe escapou á sua sagacidade, aos seus projectos, ás suas seguras previsões. Eu pensei nisso muitas vezes, quando Você expunha alegremente todos os seus planos. Mas não tive coragem de lhe dizer o que pensava. E que faria Você nesse transe ? Nada ! A não ser que completamente desorientado, esbofeteasse o pai da sua noiva (o que seria um digno acto de justiça) na sua propria casa, entre o assombro e a indignação de toda a gente. Eu tinha a certeza de que Você esbofeteal-o-ia, se elle tentasse desmoralisal-o. Era justamente nisso, nesse pavoroso incidente, que eu estava pensando.

Accendeu um cigarro e continuou, fleugmatico :

—Vamos ? Estou com um appetite esplendido para o jantar. Em mim, não sei porque, as emoções dão-me uma fome soberba. Creio que é a reacção. E realmente a tarde de hoje foi emocionante em excesso.

—Em excesso,—repeti constrangido. Talvez Você tenha razão. Aquelle homem é um monstro. Vamos, Jorge.

Seguimos. Elle continuou falando sobre o effeito das emoções no seu estomago ; e as suas palavras, os seus gestos, a sua tranquilidade, o seu claro sorriso iam a pouco e pouco serenando o meu espirito. A sombra da noite tornava indistinctas todas as cousas ; e as minhas idéas—como se lhes faltassem tambem claridade e vida—iam lentamente envolvendo-se numa sombra suave. Uma aragem fina passava pelos ramos das arvores. O Monumento perdia os seus contornos, e parecia que os seus heroes, envoltos na penumbra, repousavam, emfim, das batalhas formidaveis que travaram nos dias inseguros da patria. Por um momento, olhando os vultos de bronze, as inscripções, o pedestal, senti que retrocedia atravez dos seculos e que vivera gloriosamente ao lado desses grandes guerreiros. E era singular ! Todo esse drama da tarde, no palacete do Corredor da Victoria, deliquescia estranhamente na minha lembrança ; e Rosa, o Commendador Noronha, a tia Amelia, Jorge, eram seres que eu já vira algures, havia tresentos annos, quando eu passava por uma certa cidade e seguia para as batalhas infrenes, com a fronte alta e cheia de orgulho. E de repente tudo desapparecia : os

seculos, as guerras, os heroes do Monumento, e voltava-me ao cerebro ardente o salão do Commendador, o luxo dos seus moveis, a furia dos seus gestos, o olhar cheio de assombro da Maria ; e Rosa, desamparada, trespassada pela angustia, todo o corpo franzino agitado pelos soluços.

Creio que fui tomado por um sombrio delirio pelo Parque e pelas ruas !

Chegavamos á Piedade. Jorge, que não falara durante toda a caminhada, despertava-me, batendo no hombro :

—Vá dizer o resultado da sua missão á pobre senhora. Ella deve estar afflicta.

E Você para onde vai ?

—Vou jantar por ahi, pela **Gruta.** Depois irei esperal-o na Pensão. Até logo, Humberto.

Seguiu pelas calçadas a passo lento, o chapéo na mão, com o ar pensativo e lugubre de quem volta de uma catastrophe. A noite estrellara-se maravilhosamente. Parei á porta da tia Amelia impressionado com o aspecto do Jorge, com o silencio das ruas, com a noite estrellada e com a minha desventura.

Tia Amelia e Ernesto esperavam-me no alto da escada, esgazeados ; e mal puzera eu o pé no primeiro degráo, clamaram simultaneamente :

—Então ? Então ?

Galguei a escada, abracei-os, num desafogo :

—Pessimamente ! Tudo pessimamente ! Um "não" feroz, odioso, desabrido.

Ernesto interrompia-me, reaffirmando a sua previsão admiravel :

—Não lhe disse ? Justamente o que prophetisei, aqui, no sabbado. Estão vendo ?

Eu proseguia, arrasado :

—Um "não" brutal. O Commendador disse-me que Rosa estava compromettida ; que eu chegara tarde ; que andava mal informado. Deve ser esse tal primo que é Juiz no interior, não é ? Diga-me Você, Ernesto, o que ha de verdade nesse compromisso ? Ha noivado ? Ha alguma cousa séria em tudo isso ?

Iamos caminhando pelo corredor para a sala de jantar. Tia Amelia fazia-me perguntas rapidas que eu mal podia responder :

—E Rosa ? Viu-a ?

—Sim.

—Como está ? Que disse ?

—Nada, coitada. Ficou chorando.

—Chorando ? Como ? Que foi ?

—Chorando, no gabinete, quando eu ia sahindo.

—Meu Deus ! Meu Deus !

Ernesto sentou-se e falou, emfim, attendendo ás minhas interrogações sobre o noivado da irmã :

—Vou explicar esse compromisso. Meu pai tem insinuado á Rosa esse casamento com o primo, como uma delicia familiar inextimavel. Dá ao Terencio (é o tal) predicados largos de bondade, honestidade, belleza, intelligencia. Garante todos os dias que o Terencio é um anjo. Comtudo, ella não o quer, nunca permittiu que o primo lhe falasse sobre o assumpto. O Terencio, entretanto, não desanima e tem posto um assedio atroz : escreve, implora, rasteja, põe toda a gente ao seu serviço casamenteiro. Por fim conseguio, por intermedio do tio Virgilio, uma promessa do meu pai, uma promessa de honra, sem acquiescencia da mana, que não tolera o primo. E' o que ha, e é o que consta dos annaes dos Noronhas.

De pé, furioso, enojado dessa villeza do Juiz—perguntei ainda :

—Que typo é esse primo Terencio ? Esse imbecil ?

Ernesto informava-me :

—Bom moço ; trinta e cinco annos ; sympathico, para quem gosta da especie ; mellifluo, serviçal, com elegancias da Feira de Sant'-Anna, onde distribue justiça. Anda por ahi pela cidade, tratando da remoção. Quando

Você encontrar um sujeito alto, magro, de bigodes retorcidos, vestindo um fraque preto, calças de listas, collete marron e chapéo cor de chocolate, pode seguir-lhe o rasto. E' elle. Intellectualmente, um lagedo.

—Não desejo encontral-o. Nem sei o que faria !

Ernesto affirmava, sorrindo :

—Nada. Você não faria nada. O Terencio não provoca odios, nem despeito. Provoca nauseas. Se o encontrar vomite-lhe em cima, no chapéo cor de chocolate.

Mas a tia Amelia interrompia o sobrinho e reclamava a scena do pedido de casamento, com todas as minucias, desde a entrada até a sahida. E levando-nos para a mesa exigia, desdobrando o guardanapo :

—Eu quero tudo bem descripto, bem explicado, com as palavras todas, os logares, os gestos, tudo. Só me serve assim.

Ernesto dava-me o ultimo traço biographico do Terencio, expondo o gráo de parentesco que o prendia ao Juiz, e pedia tambem a scena circumstanciadamente.

E entre a sopa e a sobremesa desenrolei os acontecimentos da tarde, em meio o assombro, a inquietação e os applausos de ambos. Ao chegar o café, sentado na poltrona, ao lado da tia Amelia, conclui com amargor :

—Agora, meus amigos, vou esperar que o tempo ou a reflexão abrande as iras do Commendador Noronha, e se não, aguardar a minha formatura e a maioridade de Rosa, para realisar o casamento.

Houve um pequeno silencio. Depois, tia Amelia falou, affirmando que tudo correra em paz (ella julgava que a paz fôra a paciencia do cunhado, aturando-me tanto tempo sem uma descompostura ou uma bofetada) pela efficacia das suas preces aos piedosos santos do seu oratorio. Ernesto suppunha que o pai fôra accommettido por uma crise de amabilidade. Com essa supposição despediu-se, ancioso por contar tudo á D. Adelaide, sua noiva.

Fiquei na sala de jantar. Tia Amelia queria que eu a acompanhasse á Igreja da Piedade, onde havia Novenas. Vestiu-se e sahimos. Da Igreja vinham canticos serenos e tristes. Os sons do orgão enchiam a nave illuminada e perdiam-se no espaço, dolentes e brandos. Entrámos. Tia Amelia procurava entre as senhoras o seu logar costumado, e ajoelhava-se, e benzia-se, os olhos fixos no altar, onde um padre ainda moço resava ao lado do sachristão. Eu apoiava-me a uma das arcadas, apprehensivo, inquieto, tomado de uma immensa melancolia.

Alli estive não sei quanto tempo, pensando no Commendador, na magua de Rosa, nas conjecturas do Jorge, na torpeza do primo Terencio,—no desfecho pungente do meu pedido de casamento. Mas a novena terminava. Tia Amelia levantava-se e falava a umas risonhas mocinhas que mostravam os dentes a um grupo de rapazes. O sachristão ia apagando as velas dos altares, e sobre o templo, sobre os bancos abandonados, cahia uma paz escura.

A boa senhora tomava-me o braço e atravessavamos o jardim onde raras pessoas, sentadas nos bancos de ferro, fumando silenciosas, olhando vagamente as arvores e as estrellas, tinham um ar de neurasthenia e de indolencia. Garotos offereciam os jornaes da tarde, de grupo em grupo. Um casal todo agarrado, todo juntinho, passou por nós cochichando, sorrindo, numa exhibição de affecto ardente e clara. Uma negra em cabeção, tilintando o ouro das pulseiras e do collar, seguia adiante de nós, bamboleando-se e estalando as sandalias. Um ebrio ziguezagueava pelas aleas, ora aos tombos, ora empinado nos calcanhares, arregalando os olhos para os troncos, espantado daquella mobilidade estranha do sólo e das arvores.

A minha tristeza não me abandonava, e tomado de presentimentos ia eu dizendo á tia Amelia, atravez do jardim :

—O seu coração deve estar alliviado e feliz, depois da novena e das rezas. O meu sente-se cada vez mais sombrio, mais torturado, mais negro. Rosa vai soffrer, tia Amelia ! Vai soffrer por minha causa, pela minha insensatez, pela minha loucura. E' cruel : Eu tenho remorsos desse amor. E alem disso prevejo que terminou para nós toda a felicidade, todo o socego, toda a esperança.

Tia Amelia olhava-me cheia de piedade e doçura :

—Não ; não deve ter remorsos, nem receios. Vocês serão felizes. Vocês merecem a felicidade.

Calei-me. Vinham-me idéas exquisitas sobre a Felicidade, emquanto o silencio cahia sobre nós. intenso e frio.

Chegavamos. Tia Amelia despedia-se na calçada, garantindo que seriamos todos felizes, desmedidamente felizes, sob a protecção deliciosa e facil dos seus santos.

XIV

Estamos em Junho.

Ha um mez, justamente, desde a tarde celebre do pedido de casamento, que não vejo Rosa, e apenas de dias em dias recebo algumas linhas da sua mão, linhas feitas ás pressas, em pedaços de papel, ás escondidas, entre portas, como noticias de um prisioneiro excessivamente vigiado. A's vezes, simples recados.

Ernesto casara-se com a Adelaide, que maguada com a opposição grosseira do Commendador Noronha, exigira absoluta simplicidade no acto civil e religioso do seu consorcio. Assisti aos dous actos, deixei os noivos na sua nova casa á rua de São Pedro, e lembro-me de que em todas as ceremonias desse casamento havia um vago sussurro de despeito amargo e de altivez excessiva. Apenas o Ernesto mantinha, integra e larga, a sua expansão de felicidade.

Casado, o meu amigo rompeu definitivamente com o pai que lhe fechara a porta, quando com a esposa lhe fôra pedir, dias depois, a benção e a paz. O Commendador negou tudo, e remetteu-lhe por um creado, sem nenhuma explicação, os papeis e o dinheiro da herança materna.

Tia Amelia, accusada pelo cunhado de proteger os amores da filha, recolhera-se de vez ao isolamento do seu sobrado, a chorar de saudades.

E o palacete da Victoria assumira o aspecto rijo e mudo de um calabouço.

No dia 27 recebo esse bilhete a lapis que me traz a Maria :

"Humberto

Embarcaremos para a Europa a 30, no "Clyde". Estou atordoada. Adeus.

Rosa."

Maria, á porta do meu quarto enxugava os olhos vermelhos. Eu relia o bilhete e bradava, agitado :

—Bandido ! Bandido ! Conte-me tudo, Maria. Diga-me o que se tem passado em todo esse horrivel mez de prisão. Nem eu, nem tia Amelia, nem Ernesto, sabemos cousa alguma, e

vivemos nessa angustia, nesse desespero, ha trinta dias.

A moça acalmava-se com um copo d'agua que eu lhe dera. Sentou-se, olhou em torno estranhando certamente o desalinho do meu quarto, aturdida por se encontrar em tão singular situação. Depois começou a falar, interrompendo-se de vez em quando para enxugar uma lagrima que lhe escorregava pela face:

—Desde o dia do pedido tem sido um inferno! O Commendador tornou-se furioso, ameaçando D. Rosa, os creados, todo o mundo. Não sahiu de casa muitos dias seguidos, e se alguem batia á porta mandava logo dizer que não recebia, que estava doente, que havia sahido. Por fim começou a sahir, demorando pouco tempo na rua e levando as chaves. Não consentiu que D. Rosa se arredasse do quarto e pregou, elle mesmo, todas as janellas. Era um horror! Só alguns creados podiam dar um ligeiro passeio aos Domingos. Apenas o Antonio, o guarda-portão, tinha toda a liberdade, por ser de confiança.

—Bem me pareceu, o bruto. Tem cara de **bull-dog**, com suissas.

—Coitado! Exclamava a Maria. E' um bom homem, e era elle quem arranjava meios de lhe mandar as cartas. O Antonio adora a patroasinha, como chama á D. Rosa.

Pedi desculpas do mau juizo que fizera do pobre homem, e Maria tomando folego, continuou :

—Ultimamente nem se ouvia vozes na casa. Parecia um cemiterio ! E D. Rosa, succumbida, calada, cumprindo as ordens do pai, fechou-se no quarto onde só eu podia entrar. Creio que de tanta contrariedade e de tantos dias sem se alimentar, chegou a emmagrecer. Parece que vai seccando de dia para dia. Está acabada ; o senhor não pode fazer uma idéa ! Depois veio uma febresinha, todas as tardes. Como a febre não passava eu avisei o Commendador, que mandou chamar um medico. Foi lá o Dr. Silveira, examinou-a, receitou e teve uma longa conferencia com o patrão. Resolveu-se, então, a viagem, hontem. Pedi licença para fazer umas compras e despedir-me dos meus parentes, e corri até aqui, e daqui vou á casa da D. Amelia levar outra carta. Eu irei com ella para a Europa.

—Você vai, Maria ?

Ella teve um espanto para a minha pergunta :

—Podia deixar de ir ? Deixar de acompanhal-a ? Eu nasci na casa do Commendador, minha mãe foi ama de leite de D. Rosa. Nós nos creámos juntas, somos da mesma idade. Não a abandonarei nunca ! E o Commendador

sabe que ella não se separaria de mim. Por isso avisou-me logo, para preparar-me.

Maria terminava a sua pungente narrativa. Baixou o véo de gaze que lhe escondia os olhos molhados, concertou o chapéo diante do meu pequenino espelho de barba, despediu-se e sahiu.

D. Sinhá rondava pelo corredor, desde a chegada da moça, e vendo-a retirar-se, e reparando na sua physionomia angustiada, agarrava o Jorge e perguntava, tomada de violenta curiosidade :

—Que foi ? Má noticia ? Algum desastre ?

Jorge murmurava ao seu ouvido cynicamente :

—Um horror ! Uma infelicidade ! Morreu-lhe um parente proximo, muito estimado : — o **Pithecantropus !** Rapaz distincto ! Coitado !

—Aonde, Dr. Jorge ?

—Na Australia. Foi encontrado morto ; só o esqueleto !

—Meu Deus ! Gemia D. Sinhá descendo a escada para espalhar lá em baixo a tremenda noticia.

Jorge enfiou para o meu quarto, ás risadas, contando o caso e rematando, com o punho erguido :

—Arre ! Velha abelhuda !

Mas reparando na minha preoccupação estacou desorientado :

—Desculpe-me. Você está impressionadissimo ; está mudado. Eu não sabia de nada. Até logo.

E ia sahindo atrapalhado rogando desculpas. Chamei-o, então :

—Venha cá, Jorge. Venha cá, homem espirituoso. Leia isto e veja se se pode andar com uma physionomia alegre diante dessa noticia.

Entreguei-lhe o bilhete que me trouxera a Maria. Elle devorou-o com os olhos, ficou um momento estupefacto, devolveu-m'o, sem uma palavra, suspenso, interdicto, como se não pudesse comprehender todo o alcance da brusca informação de Rosa.

—Veja Você—disse-lhe eu tomando-o pelo braço—como o Commendador Noronha resolve o caso : embarca para a Europa, leva a filha. Por lá ha de demorar-se um ou dois annos. Simples, não é ?

—Bandido ! Rosnava o Jorge. Um grande bandido, é o que elle é !

—Já o classifiquei assim. Você nem sabe o que elle tem feito durante todo este mez. Nem pode avaliar !

E contei-lhe de um impeto tudo o que me dissera a Maria, momentos antes. Quando con-

clui o martyrologio, o meu amigo bramiu, possesso :

— E' horrivel ! E não ha um castigo para esse canalha ! Isso é um assassinio, um verdadeiro assassinio, portas a dentro, em familia !

—E' inacreditavel, Jorge, mas é a verdade. Que embarque, que vá para a Europa, para o fim do mundo, para o inferno, é justo, é de quem pode. Mas o encarceramento, a prohibição aos creados, a incommunicabilidade, são cousas dos povos barbaros, dos tempos antigos, da Idade Media. Porem neste seculo, nesta Republica, nesta civilisação !

—Na verdade... é incrivel tanta infamia, tanta villeza !...

—Então,—prosegui cada vez mais exaltado—para que servem as nossas leis, o nosso regimen, os nossos costumes, o nosso Direito, toda essa engrenagem politica e social que tem por base a Democracia, a Igualdade, a Fraternidade ? Para que ? E' estupido ! Tudo isso é grotesco, é falso, é ridiculo ! E' a pulhice romantica dos estadistas ; a farça, o descaramento, o escarneo. Eu não falo como um homem que vê contrariados os seus projectos—seria uma torpeza atirada á essa pobre moça prisioneira. Falo como bacharel, como civilisado, como uma particula desta sociedade que se diz culta e que repelle actos infames como este.

Alliviado, depois dessa rajada de colera que o meu amigo escutara impassivel, vociferei amargamente, concluindo :

—Quer saber, Jorge ? Eu tenho vergonha deste paiz, desta gente, desta Republica, deste curso de Direito ! Você não tem ?

Jorge marchava a largos passos pelo aposento :

—Se tenho ! De tudo ! De tudo ! Isso é um paiz retrogrado, burlesco, indecente. Peior que a Nova Guiné !

—E esta Bahia, então ! Murmurei fatigado, numa descrença absoluta e azeda.

O meu amigo suspendia a marcha e erguia para o céo os olhos supplicantes :

—A Bahia ! A Bahia ! Prouvera a Deus um terremoto para ella ; ou pelo menos uma chuva de acido phenico !

E o nosso furor desembestou numa critica infernal ao paiz, á raça, aos costumes e ás instituições.

Emfim, cançámos. Jorge deixou-me porque ia ver no Canella uma creaturinha que o adorava, havia uma semana. Mas bradou ainda, da porta, que se fosse nos Estados Unidos era caso para **habeas-corpus**, protestos, indemnisações, escandalos pelos jornaes. Mas no Brasil, na Bahia, a justiça, o povo, a policia achariam uma **peça bem pregada.** Demais,

como quart'annista de medicina, achava que esse incidente não era tão simples como se presumia. A saude de Rosa abalara-se com a miseravel resolução, e essas febres vespertinas, esse emmagrecimento, eram talvez prodromos de alguma infecção grave.

—Que poderá ser, Jorge ? Pelo amor de Deus, que poderá resultar dessas febres ? Perguntei com terror.

Elle, arrependido da leviana previsão, explicava, inquieto :

—E' uma hypothese, apenas. Certamente não haverá nada. Ella é moça, é forte, reagirá facilmente. Não se impressione com isso—são cousas de quem anda ás voltas com a Pathologia. Pedantismos...

Sahiu, rosnando ainda qualquer diatribe sobre a policia e a justiça.

Eu desabava para um canto, vencido. Nunca me passara pelo raciocinio que o Commendador Noronha resolvesse de um modo tão simples e tão logico, a situação. Tinha um pretexto excellente para a viagem : o emmagrecimento, a fraqueza da filha, a febre, o conselho medico. Os parentes, os amigos, toda a sociedade, elogiaria em côro o seu vigilante zelo paterno, e ninguem saberia a verdade, talvez o lento e frio assassinio.

A cabeça doia-me numa surda compressão de tenazes. O bilhete de Rosa, aberto sobre a mesa, era como um ultimo suspiro de moribundo, lancinante e fragil, partindo das trevas da noite que se approximava.

O silencio da Pensão augmentava ainda mais a tortura que me lacerava o espirito, triturado na sua triste impotencia. Da minha janella eu via aqui e alem luzes melancolicas de cosinhas brilhando na escuridão da fuligem. Em baixo, no quintal, a lavadeira recolhia roupas brancas, cantando um fado monotono. D. Sinhá ia e vinha pelo corredor espreitando todas as portas, rolando a sua gordura de obesa e arrumando os pratos lavados. A filha, na sala, tocava ao piano uma valsa da moda, sensual e arrastada. Da casa visinha partia um ruido de discussão violenta e costumada entre um casal novo. Todo o ambiente impregnava-se de um cheiro picante de molhos. E no meio dessas miserias, dessa chateza lugubre da vida, só o mamoeiro da minha janella conservava o aspecto indifferente e altivo, balouçando de leve as largas folhas á fina brisa da noite.

*

* *

Parti para a casa da tia Amelia, enervado e sombrio. Já lá estava a Maria, na sala de

jantar, junto á mesa, sacudida pelo pranto, o rosto entre as mãos, falando. Tia Amelia abraçava-me numa dolorida agonia, mostrando o bilhete que a sobrinha lhe fizera, um bilhete curto, a lapis, e com phrases de saudade e resignação que a boa velhinha repetia a tremer.

Cahi sobre uma poltrona, cançado da caminhada, e sentia uma estranha sensação de torpor e desalento, como se todas as forças vivas da Natureza se houvessem conjugado contra mim num ataque unico, e arrastassem-me, sangrando pela encosta ingreme de um calvario sem termo.

Tia Amelia enxugava as lagrimas e estacava em frente á minha poltrona :

—Vae-se embora ! E nós não podemos fazer nada, nada, para impedir esse desterro. Prenderam-n'a um mez inteiro em casa, e agora, deportam-n'a como uma escrava. Pobre filha ! Pobre filha !

Continuou a falar, a relembrar a infancia de Rosa, os annos felizes que ella passara na sua casa, a alegria que espalhava com os seus risos e os seus cantos—todo o suave perfume de um passado que se não esquece, e que reponta mais doce e mais vivo quando evocado em meio das agonias. E chorava, inconsolavel, num desabamento de todas as energias, o

rosto humido, macerado, pallido, os olhos abertos refulgindo sob as lagrimas que os inundavam, o corpo franzino a oscillar pela sala, a amparar-se pelos moveis, abandonado e incerto como um barco sem leme perdido num mar revolto.

Eu procurava debalde uma phrase de consolo ou de pesar para aquella dor maior que a minha, mais triste, mais alta, mais transbordante. Mas vinham-me apenas palavras de odio, de extravasante furor contra o brutal sequestro de Rosa e a suprema ignominia do seu degredo—e murmurava commigo, de punhos fechados, olhando a tia Amelia que gemia.

—Miseravel ! Algoz ! Patife !

Assim estivemos meia hora, entre lamentos, soluços e imprecações. Maria despediu-se, promettendo voltar na noite seguinte. Eu procurei sahir tambem, arrancando-me dos braços da tia Amelia, que no topo da escada, entre lagrimas que lhe jorravam dos olhos embaciados, pedia-me humildemente :

—Você Humberto, venha ver-me, duas, trez vezes, amanhã ; se não, não sei como hei de resistir. Venha, tenha piedade, não me abandone.

Eu descera trez ou quatro degráos, e vendo tamanho desespero, tive palavras consola-

doras que me sahiam com difficuldade da garganta suffocada.

—Mas acalme-se, tia Amelia, acalme-se. A senhora que era tão forte !...

Ella amparava-se á parede, num desfallecimento, como se toda a humanidade se tornasse cega e surda á sua desventura. E com a voz entrecortada e debil :

—Eu sou uma pobre velha, sem forças. Rosa é tudo quanto tenho na vida. Comprehenda, Humberto : é tudo ! tudo ! Nasceu nos meus braços, e durante quinze annos foi toda a minha alegria, toda a minha felicidade !

E num choro agitado, largo, de toda a alma :

—Minha filha ! Minha pobre filha !

Desci as escadas devagar, impressionado com aquella magua atroz.

Na rua, pude emfim respirar com desafogo. A noite descera de todo, fria e negra. No Largo da Piedade raramente passava algum viandante, retardatario apressado em busca da casa ou do restaurante. Segui até a Praça Castro Alves, onde pelas esquinas grupos de homens palestravam. Estudantes passeiando ao largo, despreoccupadamente, expunham á curiosidade burgueza as ultimas exigencias da moda. Do "Sul Americano" vinha um ruido metallico

de talheres e pratos, e o seu vasto salão de refeições se ia enchendo de uma sociedade cosmopolita e asseiada. Nas janellas escuras do "Diario da Bahia" dois sujeitos discutiam alçando os braços, em gestos decisivos e profundos. Uma **chanteuse** do **Teutonia,** baixinha e morena, sorria e acenava para um velho calvo e alegre que tomava cerveja e piscava atravez dos oculos. E no meio dessa multidão de felizes, de ricos, de ambiciosos, de libertinos, que vagava incerta e risonha pela Praça illuminada, eu arrastava a minha dor como um egresso de todas as venturas que atravessasse uma planicie mais gelada e mais solitaria que a Siberia.

Em frente ao Theatro São João parei, emfim. Uma aragem tenue corria entre as arvores e dava-me uma sensação amavel de frescura e de calma. A ladeira da Montanha estendia-se em baixo, quieta, branca, immensa como uma Via Romana. Na bahia luziam de espaço a espaço pharoes de embarcações, e mal se percebiam os contornos do Forte de São Marcello, em cuja muralha circular e chata fulguravam, distanciados, fócos de luz amarella. No céo limpido as estrellas tinham um brilho fremente e agudo.

E como faziam-me soffrer aquella serenidade e aquella indifferença das cousas, marchei para a Pensão, a pé, ao longo da rua da

Valla, deserta e escura, num desolamento de tunel abandonado.

*

* *

Dois dias passámos—eu e tia Amelia—nessa formidavel tensão de nervos que nos anniquilava e nos impellia para todos os desesperos.

Na tarde do terceiro dia, uma tarde humida e ennevoada, Ernesto veio apressado, em companhia de D. Adelaide, buscar a tia para assistir ao embarque. E ainda no corredor bradava num alvoroço :

—Vamos, vamos. O "Clyde" parte ás cinco horas.

Na sala de jantar, voltando-se para mim, emquanto D. Adelaide abraçava e beijava a tia Amelia, sorria, os dedos nas cavas do collete :

—Você vai tambem, Humberto. Vamos todos quatro, em formatura solenne :—é uma demonstração de força ao Sr. Commendador Noronha.

Mas eu não podia disfarçar a angustia que me tomava :

—Não zombe, Ernesto. Eu estou deploravelmente atrapalhado ; Rosa, coitada, como não estará !

—Deve estar resignada. Que diabo! Vocês não vão morrer. Meu pai não pode passar toda a vida na Europa, nem é a primeira vez que vai. Tem negocios, interesses, amisades que o prendem aqui. Portanto, é vocês esperarem alguns mezes, e supportarem a ausencia da melhor forma. Demais, Rosa está abatida, precisa desse passeio.

Tia Amelia, que ia mudar a roupa, aparteou entrando na alcova:

—Isso não é passeio, meu filho: é desterro! Um perigoso desterro!

Vendo o meu silencio, Ernesto sentou-se ao meu lado e proseguiu:

—Na verdade, parece mais um desterro, porem dentro de cinco ou seis mezes a mana estará de volta; e mais forte. Não é?

—Não sei, meu amigo. Tenho um pavor enorme de tudo isso, quando penso que me cabe toda a culpa desse supplicio.

Elle exasperava-se com a minha covardia:

—Que culpa, que nada. O mundo não se vai acabar, homem de Deus; nem você vai por ahi succumbir de desgosto; nem minha irmã vai morrer; nem haverá cousa nenhuma. Ella volta, você forma-se: casam-se, prompto. Que gente covarde!

Nesse tom desenvolveu um mundo de demonstrações, bradando, gesticulando. Eu serenava sob as suas invectivas.

Tia Amelia voltava, finalmente, prompta para sahir, toda de negro, com a sua touca negra na cabeça, e os olhos ainda vermelhos. D. Adelaide circulava-a, concertando-lhe as pregas da saia de seda, cravando aqui e alli um alfinete.

Partimos quando o relogio da sala batia as trez horas. Ernesto explicava, na calçada :

—Vamos mais cedo para encontral-os no caes, mesmo porque não temos licença da Alfandega para ir a bordo. Lá nos despediremos. E não quero caras de enterro pela rua, percebem ? Nós não vamos á missa de finados.

—Sim,—suspirou a tia Amelia, confortada, apoiada ao meu braço.

No caes alguns amigos esperavam tambem o Commendador. Era gente do commercio, em trajes de trabalho, conversando alto, emittindo opiniões sobre o cambio e altas e baixas de generos. Alguns firmavam negocios alli mesmo, discutindo condições e tomando notas nas carteiras. Quasi todos olhavam ao longo do caes e das ruas com pressa de se safar, consultando os relogios.

Carregadores arrumavam bagagens nos saveiros, aos gritos, entre pilherias grosseiras.

Gente maltrapilha vagava indolentemente apanhando pontas de cigarros e pedindo esmolas. Uma preta numa esquina offerecia mingáo de milho, aos guinchos, cercada de garotos. Pelos parallelipipedos havia uma immundicie esparsa e fétida.

Do trapiche da Companhia Bahiana partia o vapor de Santo Amaro carregado de passageiros que acenavam com os lenços. Ao largo estacionavam outros vapores, e entre elles o "Clyde", enorme, soberano, saliente, expellindo rôlos de fumo das altas chaminés. A vasta bahia, lustrosa e verde, a estender-se pelas curvas das enseadas, fulgia quietamente.

Outras familias vinham chegando, cumprimentando Ernesto, D. Adelaide e tia Amelia, com intimidade. Eu afastara-me um pouco a olhar os **saveiros** que partiam á força de remos, quando ouvi por traz a voz do Ernesto, alegre e limpida :

—Oh ! Terencio ! Oh ! primo ! Como vai ?

Voltei-me rapido. Um sujeito alto e magro apertava ás mãos á tia Amelia, curvado e mesureiro, com uma physionomia banal, comprida e molle, onde um immenso bigode negro erguia as pontas pretenciosas num vivo contraste. E o Sr. Terencio indagava da saude da tia Amelia, do canario belga da tia Amelia, da gordura da tia Amelia, com uma meticulosida-

de babosa e um interesse piegas. Como Ernesto chalaceava sobre qualquer cousa que despertou risadas no grupo, o Sr. Terencio, grave, com um sorriso que era apenas uma simples expressão de condescendencia, deixou cahir, lentas, meditadas, adocicadas, algumas palavras :

—Tem sempre uma alegria de passarinho solto, esse meu bello primo. Entretanto, já é professor da Academia !

As moças em torno achavam linda a comparação e olhavam enternecidas para os bigodes frisados do Sr. Terencio, que tirava um lenço cor de rosa do bolso externo do fraque e enxugava um suor problematico, olhando languidamente o céo carregado de nuvens.

Ernesto pedia licença para fumar um cigarro e caminhava para o meu lado :

—Dê-me um phosphoro, Humberto. Sabe ? Tenho vontade de apresentar-lhe o primo Terencio. Esplendida idéa, heim !

—Eu poderia perdoar a sua perversidade, —respondi—mas o que não perdoaria era que elle começasse a indagar da minha saude, da saude de toda a minha familia, de todos os hospedes, da D. Sinhá, da filha, do gato, de tudo. Creio que não resistiria ao interrogatorio. Por isso, se puder, faça-me um favor : evite esse desgraçado inquerito. E' um acto de piedade !

Ernesto sorria e explicava-me numa baforada do cigarro :

—Isso é mania do primo. Na **Feira de Sant'Anna** é assim...

Nesse momento appareceu no começo da rua um grupo. Era o Commendador Noronha acompanhado de outros amigos e familias. Rosa vinha á frente, cercada de outras moças, trazendo numa das mãos um ramalhete. Já perto, fitei-a, surpreso : ella estava pallida, magrissima, com um ar de enferma, fatigada e respirando com esforço. Chamei a attenção da tia Amelia e do Ernesto, e vi ambos olharem a moça numa analyse muda, profunda, dilatada. Ernesto devorava-a com os olhos, exclamando :

—Que mudança ! Que differença ! Rosa deve estar realmente adoentada !

Tia Amelia, silenciosa, deixava correr pela face uma lagrima triste. D. Adelaide dizia-me qualquer cousa que não percebi.

O Commendador não occultou um gesto de aborrecimento ao ver-me entre o filho e a cunhada, que mal cumprimentou. E apressando o embarque, começou logo a abraçar amigos e parentes, sem uma palavra, furioso, os olhos faiscando atravez das lunetas.

Receiando um escandalo, eu e Rosa nos despedimos sem uma unica phrase de saudade

ou conforto, e apenas as nossas mãos geladas se apertaram com força, demoradamente, sob os olhares ferozes do Commendador.

Uma hora depois o "Clyde" levantava a ancora e movia-se majestosamente em procura da barra e do oceano.

XV

O Commendador Noronha repousava, emfim, em Lausanne, com a familia ; e dias depois, eu e tia Amelia recebiamos as primeiras noticias. Eram, entretanto, contradictorias : Rosa, em longas cartas, contava-me episodios communs de viagem estendendo-se em minucias e descripções, num desejo evidente de alliviar e distrahir as nossas mutuas saudades. Quasi ao terminal-as referia-se de leve á sua saude, que considerava sempre melhor, e ao martyrio do seu espirito que a separação confrangia e maguava.

Uma carta da Maria á tia Amelia—carta-relatorio—extensa e mal escripta, contava o estado moral de Rosa durante toda a travessia. Depois, com um cuidado que a mortificava, ia descrevendo lentamente os soffrimentos physicos da ama : sempre magra, sempre sem appe-

tite, com a febresinha todas as tardes, os olhos brilhantes e seccos, uma oppressão continua, dores pelo thorax e um rubor vivo nas faces. Em Lisboa tivera um resfriamento, calefrios, e expectorara estrias de sangue. O Commendador, então, alarmara-se com esse escarro agourento e convocara no dia seguinte uma junta medica de notabilidades. Em breve e quieta conferencia a junta deliberou a partida para Lausanne ; mas em Lausanne, sob os milagres do clima e do conforto, Rosa continuava a soffrer e a definhar, reclusa, triste, absorta, sem se arredar um instante do seu aposento.

Maria terminava as sombrias informações promettendo a Verdade em outras cartas, emittindo opiniões proprias sobre a doença da ama e rogando que fizessemos todas as promessas possiveis aos santos da tia Amelia.

Quasi dois mezes passámos numa anciedade desoladora, aguardando noticias—noticias reaes das cartas da Maria, porque as de Rosa eram apenas expressões de saudades, largas, dolorosas, infinitas, que eu e tia Amelia reliamos dilacerados.

Maria, porem, na sua rude bondade ia-nos informando com um escrupulo que nos despedaçava os corações. Rosa peiorava sempre, apesar do clima, da medicação, do regimen, dos cuidados, de tudo. Emmagrecia cada vez

mais ; tivera outros escarros sanguinolentos, (a pobre criada mencionava esses rubros escarros com admirações espantosas, altas, agudas, perfiladas sobre a pauta, ferindo o papel) e ao passo que a febre a devorava todos os dias crestando-lhe todo o vigor, ella julgava-se mais forte, amando a vida com redobrado amor, confiando na resistencia da sua mocidade, e immersa dia e noite em largos projectos de felicidade.

O Commendador—explicava a Maria—andava a consultar os medicos, apprehensivo, acabrunhado, olhando a filha demoradamente, num exame silencioso, acompanhando o seu lento e visivel declinio. Passara-lhe a irritação nervosa que havia quatro mezes o trazia arredado de todos, calado, ou dando ordens breves que os gestos bruscos mais breves tornavam. Vivia a rondar os aposentos da filha, estremecendo ao vel-a tossir, pedindo informações aos creados, num terror e num desespero incessantes. E mais de uma vez Maria o encontrava alta madrugada, pelos corredores do hotel, torcendo as mãos, desfigurado e anniquilado, a enxugar os olhos cheios dagua, cambaleando de angustia, emquanto os hospedes e a creadagem commentavam essas attitudes, attribuindo-as a algum vicio alegre e pertinaz. Ella, emfim, tivera piedade daquella agonia deliran-

te, e vivia a informal-o a todo o momento, a consolal-o, a dar-lhe noticias falsas sobre o estado da ama, porque o Commendador receiava o olhar da filha, o seu aspecto, a sua dor silenciosa, a sua voz que se extinguia. A fiel criada terminava as informações num brado incontido de magua ; e pelo papel surgiam aqui e alli manchas pallidas do pranto que derramara.

Essa missiva produziu na tia Amelia uma impressão fulminante. Eu, Ernesto e D. Adelaide, receiando pelo seu proprio equilibrio mental raramente a abandonavamos. Sobreveio uma terrivel crise nervosa, e a boa senhora cahiu, emfim, prostrada, perdida em allucinações que nos consternavam. A' sua cabeceira, passámos duas tristes semanas, entre poções, injecções, capacetes de gelo, passos abafados e cochichos pelos cantos. Ao fim desses dias de continuo delirio a doente socegava, mais abatida, mais velha, porem enfrentando com suave resignação o golpe que de tão longe a vinha ferir tão fundo.

Tia Amelia restabeleceu-se, graças á vigilancia e aos cuidados da sua enfermeira, a D. Adelaide, que exgottada pelo trabalho e pelas vigilias fôra descançar em Bom Jesus, onde Ernesto possuia uma vivenda de verão.

Um dia, logo após esses dias de martyrisante inquietação, tia Amelia resolveu, depois do almoço, quando eu e Ernesto accendiamos os charutos na varanda, fartos e repousados.

—Sabem vocês, filhos ? Eu vou á Lausanne, na proxima semana. Vou ver a Rosa.

Ernesto ergueu-se da poltrona abrindo os olhos vivamente, como se não percebesse as palavras :

—Como é ? Que disse a senhora ?

—Vou á Lausanne, por esses dias—repetiu calmamente.

Elle, então, encarando a tia perguntou ainda :

—A' Lausanne ? Mas tia Amelia pensa que Lausanne é alli, depois da Baixa dos Sapateiros ? Pensa isso ? Ora que lembrança ! Que tal, Humberto ?

Tambem perturbado com a singular decisão, disse logo :

—E' alem da Baixa dos Sapateiros, no outro continente, e tem o Atlantico no meio. Na verdade, não se vai assim depressa, depois do almoço, da Bahia á Lausanne ! E' extraordinario !

Ernesto, ainda de pé, gesticulava, de braços abertos para a tia :

—Ouviu ? Não se vai a outro continente como quem vai a Itapagipe. Não é o sobrinho

quem fala ; é o medico : não consinto na viagem. E' um absurdo, uma loucura, ou então, a tiasinha quer fazer espirito. Engraçado ! Lausanne ! Almoçamos, tomamos o chapéo, accendemos um charuto, e prompto ! Vamos alli, á Lausanne, a passeio, para a digestão !

Tia Amelia sorria, deixando passar a explosão dos protestos ; e depois, sentando-se ao meu lado, dirigiu-se ao Ernesto :

– Lausanne está na Suissa, meu filho, bem o sei, e mesmo que estivesse em outra qualquer parte do mundo, eu lá iria, desde que você e Rosa soffressem e necessitassem dos meus cuidados. Não me queiram convencer do contrario, nem julguem que a minha cabeça anda mal. Pensei, reflecti, calculei. Vou.

E firme, séria, pousando no meu hombro a sua mão, como uma garra pequenina, mas forte ainda :

—Não é loucura, nem faço espirito. Vou, mesmo contra a vontade do medico, dos parentes, dos amigos, de todos. Rosa está doente : esse motivo é superior a todas as conveniencias e a todos os sacrificios. Quero vel-a, ainda sabendo que iria encontrar a morte, em viagem. Vocês esquecem-se de que Rosa é para mim mais do que uma filha ! Vocês é que não raciocinam !

Ernesto perdera o tom aggressivo e ironico, socado na poltrona e olhando com assombro a tia, que continuava falando pausadamente, inabalavel :

—Irei no primeiro vapor. Demais, essa viagem ha de fazer-me bem á saude, e graças a Deus, as minhas economias permittem esse passeio—esse triste passeio.

Subitamente as lagrimas encheram-lhe os olhos, correram-lhe pelas faces, serenas, interminaveis, como se o coração, tanto tempo opprimido, se dilatasse, emfim, naquelle pranto macio.

Ficámos todos trez silenciosos, sentindo a mesma saudade de Rosa, a mesma piedade do seu soffrimento e a mesma angustia da separação. E vinham-nos recordações das tardes felizes dos sabbados, quando ella espargia por toda a casa a claridade suave da sua belleza, da sua bondade, da sua graça divina ; e viamos —deviamos ver num recanto alegre e illuminado da memoria—o seu vulto, a sua voz, a caricia dos seus olhos azues, toda a harmonia que emanava dos seus gestos. Deviamos ver tudo isso ! Ernesto escondera o rosto nas mãos, os cotovellos apoiados sobre os joelhos, mudo e quieto ; tia Amelia recostara no meu hombro a cabeça, e eu sentia o arfar continuo do seu peito, e as gottas lentas, mornas, succes-

sivas, que lhe fugiam dos olhos ; eu tinha a garganta apertada, e suffocava.

A manhã chuvosa e humida mais augmentava a nossa tristeza, e mais nos arrastava para esse doce passado. Nem um canto de passaro, nem o rumor das ruas, nem um riso de creança atravessava a nevoa parda. Um chuvisco tenue, quasi imperceptivel, envolvendo tudo numa fluida mortalha, cahia do céo turvo e baixo, e parecia que toda a natureza ia morrendo, sombriamente morrendo, desfeita numa infinita e universal melancolia.

Ernesto levantou-se, veio até nós, e alisando os cabellos brancos da tia, consolou-a brandamente :

—Não se commova tanto, que lhe faz mal. Tudo ha de passar, e ainda voltarão os dias alegres, os dias felizes de Rosa. Esperemos, tia Amelia, esperemos. A maior, a unica felicidade na vida, é a esperança !

Eu tentei convencel-a, mostrando-lhe a inconveniencia da viagem, sosinha, exposta a multiplos tormentos, atravez dessas egoistas e agitadas terras da Europa. Depois, a sua decepção em Lausanne, sujeita a uma grosseria do cunhado que talvez nem a recebesse, ainda cheio de odio. Conclui, então :

—E' melhor esperar, como diz o Ernesto. Não será um passeio ; será uma serie de abor-

recimentos, de desgostos, com a espectativa de um desgosto maior, á chegada.

Ernesto apoiava as minhas idéas numa attitude socegada e grave. Desenrolou prolixamente toda a viagem, que já fizera, ora mencionando paisagens, ora indicando preços, estações, hoteis, comboios a tomar. Falou, demonstrou, insistiu na inutilidade e nos atropellos da jornada. Emquanto falava ia acariciando-lhe os cabellos, e no silencio da varanda, sob a parda tristeza da manhã, formavamos os trez um grupo tranquillo e desolado.

Tia Amelia ouvia-nos calada, alheiada. como se apenas o seu corpo—o seu franzino corpo de velha—estivesse alli, mas o seu espirito corresse, atravessando as distancias, voando sobre mares e continentes, ancioso e dolorido.

Quando o sobrinho terminou, ella ergueu as faces molhadas e voltou-se para nós :

—Comtudo : irei no primeiro vapor. Se eu ficar aqui endoideço ; podem estar certos de que endoideço. Não ha argumentos, não ha conselhos, não ha força no mundo que me faça mudar de resolução. Só Deus ! Você, Humberto, vai agora mesmo saber qual é o primeiro vapor a sahir para a Europa e mandar reservar um camarote. Ernesto vai regularizar a parte financeira. Façam-me estes favores,

se me estimam, e tenham piedade de mim : não insistam em contrariar-me. Venham ambos jantar commigo.

Sahimos.

Quando eu, ás cinco horas da tarde, após ter peregrinado pelas agencias das companhias catando um paquete e um camarote, subia, fatigado e desorganisado por tantas commoções, a escada da tia Amelia—esta e o sobrinho receberam-me alvoroçados, mostrando nas mãos dois papeis verdes, numa desbordante alegria.

Eram telegrammas ! Telegrammas de Rosa, urgentes, communicando á tia e ao irmão que o pai resolvera voltar ; que ella viria tambem ; que os esperassem no "Avon".

Tia Amelia chorava e sorria pela casa, ora nos meus, ora nos braços do Ernesto, amarrotando nas mãos pequeninas o seu telegramma alviçareiro. E no enlevo da sua alegria fez-me descer as escadas, ás pressas, para fazer indagações na Agencia sobre a chegada do "Avon".

A' noite, na Pensão, depois desse dia de marchas ininterruptas pela cidade baixa, D. Sinhá e o Jorge aguardavam-me inquietos. D. Sinhá mettia a mão no bolso do avental e sacava de lá, juntamente com o molho de chaves, outro papel verde. Vi-o, arrebatei-o, corri ao meu quarto seguido pelo Jorge que perguntava curioso :

—Que será ? Que será ?

Rasguei-o. Era isto :

"Seguiremos no "Avon". Saudades."

Rosa."

Jorge, interdicto, relia o telegramma e conjecturava :

—Houve alguma cousa séria, muito séria, em Lausanne. Talvez Rosa esteja peior. Talvez o Commendador Noronha adoecesse de repente, gravemente. Quem sabe ? Você não pensa assim, Humberto ?

Eu guardava o telegramma no bolso e sorria :

—O Commendador adoecer gravemente, de um momento para outro ? Oh ! Jorge ! Você ainda acredita na Felicidade ?

—A's vezes. Mas não seja sceptico, homem. O Inferno tambem foi feito para os Commendadores.

—Deus o ouça.

—Não. O caso é com o diabo. O diabo me ouça.

*

* *

Foram dias esses de inexprimivel, asphyxiante soffreguidão.

O "Avon" era esperado dahi a vinte dias, conforme nos informavam, e viviamos a commentar os telegrammas, a scismar nessa resolução inesperada, architectando um milhão de hypotheses. Mas, duas semanas depois desses queridos avisos telegraphicos, Ernesto recebia e lia no meu quarto uma longa carta da Maria, escripta alguns dias antes da partida de Lausanne, trazendo-nos revelações lancinantes.

Dizia a fiel criada que a ama peiorara dia a dia assustadoramente. Sobreviera-lhe uma tosse estridente, convulsiva, trepidante, que não a deixava repousar. Com a tosse, escarros purulentos raiados de sangue. A febre attingira ao extremo, todas as tardes, devorando-lhe as ultimas resistencias, e logo após o accesso febril um suor persistente cobria-lhe o corpo fragilimo em longas, tristonhas noites de insomnia. Todo o seu corpo parecia extinguir-se rapidamente, abrasado naquella assoladora temperatura. Mal se podia erguer do leito onde ficava dias seguidos, suffocada e inerte. Emfim,—rematava a Maria o quadro pungente—uma noite, pela madrugada, a tosse abalou-a toda, furiosa, incessante, desesperada. Rosa sentara-se no leito, esgazeada, muda, perdida no horror daquelle paroxismo, emquanto ella, Maria, corria pelo calmante. Mas chegara tarde: Rosa, anhelante, livida, golfara sobre as vestes e o ta-

pete um brusco jacto de sangue. Vendo a ama nesse transe formidavel—o fio rubro a escorrer-lhe pela bocca, a manchar sinistramente o corpo e a roupa—gritou, pediu soccorro, allucinada, como se a visse morta. Todo o hotel se alarmou. Vieram familias, veio o medico, um medico notavel, o Dr. Perini, que conseguio sustar a hemoptise com injecções.

Maria, depois de relatar outras circumstancias da tragica madrugada, contava o desvairamento do Commendador, abraçado á filha, a chorar, a pedir-lhe perdão, a gemer, como se o abatessem de subito todas as maldições da terra. Rosa, no leito, exhausta, desfigurada, tinha forças ainda para o consolar, e animava-o docemente, certa de que lhe voltaria a saúde desde que regressasse á Bahia. Logo no dia seguinte começaram os preparativos de viagem, e aguardavam apenas que a doente melhorasse e supportasse a partida.

Ernesto guardava a impressionante missiva, e num largo desanimo, as mãos na cabeça, perguntava-me, appellando para a minha lucidez :

—Devemos mostrar isso á tia Amelia ? Nem sei o que faça, Humberto. Diga alguma cousa, alguma cousa que me esclareça no horror desta afflicção.

Cruzou os braços sobre a minha mesa e escondeu nelles o rosto, emquanto o seu dorso arfava no estertor dos soluços. Assim esteve algum tempo. Depois enxugou os olhos e tornou a pedir :

—Que se ha de fazer ? Mostra-se isso á tia Amelia ?

—Não sei—respondi, afinal, sentindo que me voltava lentamente ao cerebro ennevoado uma restea de raciocinio. Não sei, mas creio que ella não resistirá a essas noticias.

—E' isso. Não resistirá—repetia o Ernesto. Foi por esse motivo que a Maria preferiu escrever-me : esta carta mataria a tia Amelia. Nem mesmo a Adelaide deve saber. Você não acha ?

—Penso que sim.

E timido, nervoso, baixando a voz, falava:

—Ninguem deve saber. Eu estou impressionadissimo, meu amigo. Se houvesse por ahi um buraco onde eu me mettesse para socegar um pouco, só iria á casa ou á tia Amelia, mais tarde, quando esta impressão serenasse e eu pudesse reagir.

Promptamente offereci :

—Porque, então, não fica no meu quarto, commigo ? Ninguem nos perturbará, e ha por ahi uma especie de leito para descançar e uma especie de almoço. Fique commigo, mandarei

um portador á sua casa avisar D. Adelaide que não o espere para o almoço. Conversaremos todo o dia, e isso nos acalmará.

—Eu ia pedir-lhe esse agasalho, mas...

—Fique. Não irei ás aulas hoje, e se fosse não perceberia cousa alguma. Você está apprehensivo demais. Rosa ha de se restabelecer, assim que chegar. Vai ver.

Ernesto fitou-me estranhamente, e como se a percepção lhe voltasse, exclamou :

—Ah ! Nem me lembrava ! Você é bacharel, não entende nada de medicina, não sabe qual é a molestia da minha pobre irmãsinha, não sabe que minha mãe tambem teve hemoptises, que morreu muito moça. E' horrivel ! E que triste profissão a minha, Humberto ! Que miseravel profissão !

—E' assim tão grave o estado de Rosa ? Tão grave ?

—Gravissimo ! Gravissimo ! Dizia o Ernesto, mais calmo, tirando o paletot.

E recostado á janella, em mangas de camisa, interrogava-me :

—Você nunca ouviu falar no bacillo de Koch ; nesse infame bacillo ?

—Nunca ! Sou um ignorante, como sabe.

Elle emendava, num desafogo, invejando a minha ignorancia :

—Não ! E' um homem feliz !

XVI

Na tarde de 14 de Outubro chegou o "Avon".

Ernesto e tia Amelia foram a bordo. Eu fiquei no caes, esperando, afastado dos amigos e das familias que aguardavam os viajantes, a conversar com o Jorge, que me acompanhara curioso e interessado.

O transatlantico fundeou ao largo, imponente e negro, lançando pelas chaminés grossos jactos de fumo que subiam em espiraes no espaço tranquillo. Lanchas e saveiros cercaram-n'o logo, fervilhando pelo alto costado.

O sól descia lentamente por traz das collinas longinquas de Madre Deus, e as aguas serenas tomavam tons violaceos na impressionante melancolia da tarde.

Emfim, do escuro dorso do "Avon" partiam as primeiras embarcações. Uma lancha

manobrava e apitava, apressada, tentando a atracação entre **saveiros** que se desviavam. De bordo lenços brancos acenavam para a terra numa alegria vivaz, e eu e Jorge divisámos Ernesto, tia Amelia e mais duas senhoras formando um grupo risonho onde se via Rosa ao centro, recostada numa cadeira, pallida, transparente, os olhos azues dilatados, aflorando nas orbitas.

A lancha atracou. Junto a mim, Jorge admirado, clamava :

—Meu Deus ! Como está anniquilada ! Que tristissima surpreza !

Rosa galgava a rampa entre o pai e o irmão que a amparavam ; e os seus passos eram tão incertos e tão difficeis que todos nós a olhavamos numa agonia, como se aquella rampa fosse eterna, e ella, emfim, exhausta, jamais a vencesse. Ella, no entanto, sorria num deslumbramento de felicidade, e arquejava curvada pelo esforço supremo da subida, tomada de dyspnéa. Pelo seu rosto ia uma lividez de extrema fadiga, e aos derradeiros raios do sól que se reflectiam no seu vestido de seda branca, pareceu-me que ia extinguir-se, branca e muda, diluida na vermelhidão do crepusculo.

Jorge agarrava-me a manga do paletot, cada vez mais estupefacto, como se tivesse ante os olhos o horror de um espectro :

—Você sabia que ella estava tão mal ?

Eu respondia ás pressas, sem poder desviar os olhos da rampa, onde tia Amelia, outras senhoras e outros cavalheiros iam formando um grupo confuso :

—Mais ou menos. Uma carta da Maria ao Ernesto dizia que ella tivera escarros sanguinolentos, hemoptises, tosse e não sei que mais.

—Será o primeiro caso na familia ? Perguntava o meu amigo, inquieto, sem despregar os olhos do vulto de Rosa, e arfando tambem o largo peito como se a oppressão que a tomava o fizesse soffrer desmedidamente.

Eu murmurava enxugando o suor que me gelava as mãos :

—A mãe della morreu muito moça, com hemoptises. Disse-me o Ernesto.

—Então...

Mas não concluiu a phrase. Rosa, sempre apoiada ao pai e ao irmão, chegava nesse momento, e logo senhoras e cavalheiros envolveram-n'a, abraçando-a, beijando-a no rosto cavado e pallido. Ella sorria, fatigada, offegante, o corpo esguio oscillando.

Carros de praça aguardavam os viajantes. O Commendador e Ernesto apressavam a partida, receiando a noite que se approximava. Num momento apertei a mão de Rosa, tão fria, tão fragil, que a soltei rapidamente, commovi-

do. E disse-lhe num desafogo que era ao mesmo tempo de felicidade e de tristeza :

—Até que emfim, Rosa !

Ella fitava-me hirta, os olhos humedecidos pousados no meu rosto, a voz sussurrante a extinguir-se num sopro :

—E agora, para sempre !

O Commendador Noronha approximou-se de nós :

—Vamos, filhinha. O sereno faz-lhe mal.

Vinha com a tia Amelia, que ao seu lado, pequenina e humilde, tinha um riso de bondade serena num immenso perdão que a illuminava. O Commendador olhou-me, cumprimentou-me, perturbado e submisso. Mas o olhar de duro odio que lhe atirei atordoou-o como uma vergastada.

*

* *

Nessa mesma tarde, depois da sahida dos carros, houve um desastrado incidente (que mais tarde me foi revelado) entre o Jorge e um sujeito que lá estava, no desembarque.

O cortejo havia partido, rumo da Ladeira da Montanha, levando o Commendador, os filhos, a tia Amelia e outros parentes e amigos. No caes ficaram ainda algumas pessoas. Eu fugira para a Pensão, consternado e impressionado, tendo ainda nos ouvidos as palavras de

Rosa, e nos olhos—presente, vivo, immutavel, o seu aspecto enfermiço e vacillante. Jorge ficara vagando por alli, admirando o poente, a bahia, os vapores e algumas moças que commentavam o estranho regresso do Commendador e o abatimento de Rosa.

No momento em que Jorge distrahidamente contemplava o pôr do sól percebeu que num grupo de homens, ás suas costas, o tal sujeito lançava o meu nome entre injurias atrozes. Voltou-se, dirigiu-se ao typo, defendeu-me das injurias. O homem respondeu-lhe com uma grossa obscenidade, alçando o guarda-chuva, a bufar, a gritar que não tinha medo. Outras pessoas approximaram-se gosando o escandalo, a furia do homem, a impassibilidade do Jorge, que de braços cruzados sorria estupidamente. Mas no meio dos improperios, justamente quando o homem furioso mais se enfatuava e berrava, a paciencia do meu amigo evaporou-se bruscamente. E antes que surgisse algum indesejado interventor, agarrou o sujeito pela gola do casaco e applicou-lhe dois murros magistraes que o derrubaram nas lages, flacido, uivando covardemente.

—Foi um terror !—dizia-me o Jorge, mais tarde, no quarto. Mas quando vi o homemsinho avançar de guarda-chuva em punho, vermelho, possesso, a urrar, a dizer que você era

um patife, que seduzira a Rosa, que era um caçador de dotes, e tambem eu devia ser um idiota ou um cumplice, deu-me logo uma vontade singular de experimentar-lhe a resistencia physica dos queixos. A minha vontade crescia espantosamente. O sujeito, coitado, possuia uma cara maravilhosamente talhada para os sopapos : gorda, balofa, corada, impertinente, que vive a pedir um esmagamento. Cedi á minha vontade ! E prompto !—um murro á direita, outro á esquerda, de accordo com os pugilistas modernos. E era um cidadão ao sólo—**knoch-out** ! !

Tomado de impaciencia interrompi a exposição do meu amigo.

—E os outros ? E as familias ? Oh ! Jorge !

—As familias—respondeu-me muito calmo—correram um tanto assustadas. Os outros cuidaram de levantar o bruto. Um mais reforçado, pallido, bramia que aquillo era uma violencia e ia chamar a policia. Sahiu apressadissimo. Os restantes foram levando o sujeito para um botequim. Elle sahiu aos tombos, amparado pelos amigos, e mais silencioso que uma pedra. Parece que os murros acalmaram-lhe os nervos. O caes ficou deserto. Apenas um garoto, com um maço de jornaes debaixo do braço, sorria encantado e cynico.

Eu, então, sahi tambem e tomei o **Plano Inclinado.** E assim terminou o caso pittoresco...

Atalhei-o, emquanto elle desabotoava o collete e desfazia o laço da gravata :

—A policia não appareceu ?

—A policia ? Não. A policia aqui na Bahia é uma cousa séria, Humberto ! Tem muito em que se occupar, e não vai perder o tempo em observar o que se passa nas ruas. Tem graça ! A policia a intrometter-se em desordens !

Jorge proseguiu elogiando o severo comportamento da policia. Eu indagava :

—Sabe quem era esse meu inimigo ?

Elle estendeu sobre a minha cama o paletot e voltou-se :

—Não o conheço, senão de vista. Vi-o algumas vezes com o Commendador Noronha. E' um sujeito baixo, gordo, vermelho, as pernas em parenthesis e de fraque cinzento.

—Deus do céo ! Exclamei. E' o irmão do Commendador. E' o tio de Rosa ! E' o Sr. Virgilio !

Jorge saltava para o meio do quarto, de braços abertos :

—O Sr. Virgilio ? Era o Sr. Virgilio ? Que desastre, menino ! Mas não me disseram nada. Eu não sabia quem era o homem, e esqueci-me

de o perguntar. E logo no dia da chegada, no desembarque ! E que murros ! Que horror !

Depois, apanhando o paletot, o collete e a gravata, affirmou, resoluto :

—Eu vou á casa delle, do Sr. Virgilio.

—Está doido, Jorge ?

—Vou. Peço-lhe perdão : digo que foi um engano, que era outro sujeito que eu queria aggredir. Digo-lhe que sou um desastrado, um imbecil, um louco sahido ha pouco do hospicio com a mania bestial de esmurrar todo o mundo. Você não concorda ? E' genial, não ? Vou salval-o dessa desgraçada situação, e elle ha de acreditar em tudo. Já tenho feito o papel de doido mais de uma vez, e com successo. Fique tranquillo, Humberto : vou salval-o.

Mas eu refreiava a sua exaltação e dispensava o sacrificio.

—Não. E' tarde e é inutil. Ninguem acredita na sua loucura, e ninguem perdôa dois murros, por engano, ás seis da tarde. Demais, esse animal precisava um correctivo.

Jorge coçava a cabeça, inquieto :

—Mas o desgosto, a vergonha, a raiva da familia, o odio do Commendador, a furia contra Você ? Hão de dizer que tudo isso foi combinado ; que foi obra sua !

—Que leve tudo o diabo : o Sr. Virgilio, o Commendador, toda a parentella, tudo ! So-

mente Rosa me interessa neste momento. O resto é imperceptivel aos meus sentidos. E eu estou nervoso, abalado, insupportavel. Preciso de silencio e de solidão, e creio que precisava tambem de uns murros que me despertassem da estupidez.

—Eu tambem—dizia o Jorge sahindo do quarto, abraçado ao paletot. Você tem razão: que leve tudo o diabo!

*

* *

Passei toda essa noite de insomnia a ler, a pensar, a recompor o perfil de Rosa—branca, exhausta, esguia, fluctuando como um espectro sobre a muralha do caes, no esplendor do crepusculo. Fazia, refazia o seu vulto debil, num martyrio que me transia o cerebro ardente. Por vezes, Jorge, que certamente ouvia os meus suspiros e os meus passos, vinha ao meu quarto, fazia café, tentava uma palestra que morria logo, fria e triste como o negro silencio da noite sem termo.

Ao amanhecer corri á casa da tia Amelia. A criada informou-me que a senhora passara toda a noite no palacete do cunhado e mandara avisar que a não esperasse por aquelles dias.

Desci, vaguei pelas ruas, fui á casa do Ernesto. Ahi tambem encontrei apenas os cria-

dos. Todos estavam ao lado de Rosa, solicitos, abnegados, rodeando-a de carinhos.

Trez dias passei nessa angustiosa espectativa, sem uma noticia, sem um aviso, batendo inutilmente ás portas da tia Amelia e do Ernesto, onde os criados em liberdade gosavam a ausencia dos amos, estirados pelas cadeiras, fumando e conversando. No quarto dia pela manhã—após ter recebido um bilhete que eu mandara, supplicando noticias—Ernesto appareceu-me na Pensão, abatido e transtornado :

—Venho trazer-lhe informações, Humberto. Mais de uma vez pensámos, eu e tia Amelai, nas suas terriveis attribulações ; mas não tinhamos cabeça nem para lhe mandar um recado, tal tem sido a nossa afflicção. Rosa peiora sempre, meu amigo, peiora a todo o momento, e eu já perdi a esperança. E' impossivel salval-a. Impossivel !

Era tão grande o terror das suas palavras que eu apenas podia fital-o, esgazeado e absorto, sentindo uma subita confusão nas idéas. E as suas phrases apressadas, a sua sentença de morte, o seu desanimo, a sua impotencia scientifica, eram fórmas vagas da palavra, expressões fugitivas, abstractas e incoherentes, que eu não podia apprehender e encadear. Via-o sentado, os braços pendidos, a olhar fixamente o soalho e a falar :

—No dia seguinte ao da chegada ella teve escarros de sangue pela manhã. A' noite tomou-a a tosse, veio uma hemoptise brutal que a prostrou sem sentidos. Outras hemoptyses, menores, vieram nesses dois dias. Agora é a dyspnéa, uma dyspnéa torturante, violenta, que não a deixa um instante, dia e noite sentada no leito a pedir um pouco de ar, emquanto todos nós a abanamos e o vento varre todo o quarto pelas janellas escancaradas.

A doçura e a lentidão da sua voz serenavam-me e faziam-me entrever, emfim, toda a immensa desgraça. Mas preso a uma esperança absurda e tenaz, perguntei :

—E os seus collegas ? Todos esses medicos da Faculdade, todos esses grandes professores, que dizem elles ?

—A mesma cousa : tuberculose pulmonar, adiantadissima, sem remedio.

Mas a minha esperança era superior a todos os desastres, e pensando que poderia haver um triste engano em todos aquelles mestres, interroguei num grito :

—Vocês chamaram o Dr. Elesbão ?

—Para que ? Confirmará o diagnostico de todos os outros com a aggravante da sua franqueza honesta, mas aspera.

—Oh ! Ernesto ! Quem sabe ! O Dr. Elesbão é um sabio, é capaz até de um milagre. E'

capaz de salval-a da morte ! Se lhe mereço alguma cousa, peço-lhe : mande chamal-o.

E subitamente, sem que eu mesmo presentisse—numa subita recordação dos dias felizes —senti uma constricção na garganta que me impedia de falar, e logo em seguida, um calor vivo nos olhos que se humedeciam. Difficilmente reagi contra a emoção, e insisti :

—Pode ser ! Pode ser ! E' um grande sabio ! Faça-me este immenso favor.

—Esteja tranquillo. Hoje mesmo irei buscal-o.

Levantou-se, tomou o chapéo para sahir. Eu segurava-lhe as mãos :

—Você tem-me feito todos os favores. Faça-me o ultimo : deixe-me ir vel-a. Não sei como já não enlouqueci neste isolamento. Eu quero vel-a, ao menos um instante, um segundo.

Ernesto abalado pela minha supplica desprendia as mãos e dizia, da porta :

—Ha de vel-a, prometto-o.

*

* *

O Dr. Elesbão foi chamado, e quando Ernesto me communicou o facto, fui á sua casa alvoroçado.

Era noite, já tarde. Bati á sua porta desesperadamente, como um louco. O sabio re-

cebeu-me disfarçando uma ligeira contrariedade e olhando o relogio que marcava dez e meia, fazendo soar pela casa silenciosa uma badalada vibrante e lenta. Mas o meu aspecto, o meu desalinho, a minha humildade, commoveram-n'o. Expliquei-lhe o que me levava áquella grosseria. Elle piedosamente attendeu-me :

—Realmente, o meu amigo vem perturbar o mais velho habito da minha vida, porque desde moço consagro essas horas da noite—das nove ás doze—aos meus estudos. Mas, alem da amisade, comprehendo o estado do seu espirito, todo o formidavel transtorno dos seus nervos que julguei para sempre curados e capazes de maior resistencia. Sente-se. Em poucas palavras vou satisfazel-o.

O Dr. Elesbão deixou o grosso volume que tinha entre as mãos. E proseguiu :

—Fui hoje ver essa pobre moça, a convite do Commendador Noronha, meu velho amigo.

—Então ?

—Já outros collegas tinham lá ido, e o diagnostico é o mesmo. Apenas um pulmão, e em pessimo estado. O outro está reduzido a cavernas ; e a vida foge-lhe a cada hora, a cada minuto, porque a hematose é insufficiente e o sangue saturado de toxinas perdeu as propriedades nutritivas. Dahi, a dyspnéa, uma dyspnéa dilacerante, estridente, que a faz soffrer

numa ancia desesperada. E' a morte por asphyxia !

Calou-se um instante e continuou :

—Resigne-se, meu caro amigo. A resignação é a suprema felicidade. Resigne-se como eu me tenho resignado em circumstancias diversas na minha vida.

Perguntei ainda, num suspiro que começava a ser de resignação :

—O Dr. indicou algum tratamento ?

—Apenas, por um pouco de piedade, um calmante. Não havia mais nada a fazer, a não ser enganal-a com uma mentira, o que está fóra dos meus habitos, das minhas idéas e dos meus principios. E' uma deslealdade que me repugna, a mentira.

No meio do vasto salão da bibliotheca, envolto na dor que me anniquilava, eu ouvia de pé, immovel e aturdido, a palavra do sabio, arrastada, pesada, medida, reboando na quietude negra da noite como um dobre a finados. E entre imprecações ao Destino, apertando a cabeça que eu sentia crepitar numa chamma voraz, perguntava a mim mesmo, suffocado e vencido :

—Mas, porque essa cruel tuberculose ? Tão moça, tão forte, com tanto desejo de viver e de ser feliz ! E Deus existe, e é a summa bondade e a serena misericordia ! Como é difficil

e amarga essa crença, e como ella se volatilisa !

O Dr. Elesbão, calmamente, lançava sobre o pathetico das minhas expressões a ducha da sua logica :

—Não se deixe levar pelo calor e a emoção das proprias palavras. A dor, como phenomeno subjectivo, como effeito moral, como producto psychico, é instavel e transitoria. Não resiste ás multiplas impressões que o mundo exterior nos traz a todo o momento, e por isso que não resiste, desfaz-se lentamente. Demais ha um desgraçado engano da sua parte : essa moça era forte na apparencia, mas organicamente fragilima. Aqui ha annos falleceu a mãe della. Era uma tuberculosa, e por conseguinte, deixou-a predisposta ; e é feliz porque não transmitte aos filhos a destruidora infecção. Pense nisto e verá que o Destino e o seu Deus nada têm que ver com a proliferação, a resistencia e a transmissibilidade do bacillo de Koch.

Calou-se, olhou novamente o relogio que fazia soar o seu minuete annunciando as onze horas. Sahi, então, cambaleando, num atordoamento de ebrio.

*

* *

Emfim, uma tarde, alguns dias após a visita do Ernesto—que nunca mais abandonara a

irmã—recebo um recado da tia Amelia para ir á Victoria, á casa do cunhado.

Fui. No palacete do Commendador Noronha, amigos, parentes e criados iam e vinham numa pressa muda, compungidos, na antevisão de um tragico epilogo. Na salinha de espera encontrei a Maria entregando chapéos e capas a duas senhoras idosas que se retiravam e promettiam voltar á noite, numa curiosidade espantada. A criada viu-me, e eu devia estar singularmente transformado, porque os seus olhos vermelhos cravaram-se no meu rosto, perfurantes :

—O Sr. tem alguma cousa ? Sente-se mal ?

—Não, Maria. Passei a noite em vigilia, e todas essas commoções devem ter mudado o meu aspecto. Rosa, como vai ?

Maria enxugava os olhos no avental.

—Mal, muito mal. Mas está resignada desde hontem. Só a falta de ar é que a afflige.

Conduziu-me atravez dos aposentos desertos onde parecia pairar um agoureiro silencio de morte. Na sala de jantar um grupo de homens e senhoras conversavam a um canto em intimidade. Maria indicou-me a escada para o andar superior.

—Vamos subir. Ella está lá em cima.

Eu galgava o primeiro degráo e indagava :

—O Commendador sabe dessa visita? Não o vejo por aqui.

—Sabe. D. Amelia avisou-o hoje, coitado! Faz pena! Não sahe do seu quarto senão para ir ver a filha ou rezar na capella. Parece que vai enlouquecer de tanto desgosto.

Subimos. Caminhei por um largo corredor onde se estendia um tapete verde, e columnas simples de páo-rosa encostavam-se ás paredes brancas. Ao fim havia uma porta aberta: era o aposento de Rosa, amplo, azul, as janellas abrindo para o pomar e para o jardim e recebendo a luz branda da tarde que findava.

XVII

Apesar de avisada da minha visita, e apezar dos rogos da tia Amelia, do Ernesto e da D. Adelaide para aguardar sem commoção esse emocionante momento, Rosa desviava os olhos do meu rosto, retirava dentre as minhas a sua mão e murmurava palavras rapidas que eu não percebia. Depois, muito branca, de uma brancura rigida, os olhos cada vez mais dilatados, o busto a erguer-se na anciedade da dyspnéa, agitava a cabeça em movimentos lateraes, suffocada e livida. E abrindo os braços, num ultimo esforço, murmurava como num derradeiro delirio, junto ao meu rosto.

— Humberto! Humberto! Tudo terminado! Eu vou morrer...

Eu beijava-lhe a mão esguia, mudo e desvairado. Ella falava, os olhos cheios de lagrimas:

—Tão moça, meu Deus ! Tantos sonhos ; tanto desejo de ser feliz !

E como se sentisse que ia desfallecer depois de tanta emoção :

—Adeus, Humberto ! Da-me um beijo... O nosso ultimo beijo. Adeus, meu amor...

—Rosa ! Rosa ! Bradava eu exaltado. Tu não morrerás ! Desperta, por piedade... por piedade...

Ella resvalava nos travesseiros, desmaiada. Beijei-a loucamente nas mãos e na fronte. Tia Amelia amparou-a pelas espaduas, emquanto D. Adelaide a abanava com um grande leque de plumas. Junto ao seu rosto eu pedia-lhe doidamente que se acalmasse, e ella calada, fria, inerte, parecia adormecida para um eterno somno.

Mas ia passando o desmaio ; os seus olhos abriam-se e os labios moveram-se, emfim, como se fosse falar. De subito tomou-a a suffocação, e anhelante, esgazeada, tentava elevar-se nos travesseiros, os grandes olhos abertos, fixos na janella em frente, o busto resequido, inteiriçado pela oppressão, os cabellos cahindo-lhe pelas costas num brilho fulvo e humido. E sobre essa terrivel agonia que atrozmente nos maguava, a sua respiração, como um silvo cortante, varava o ambiente e perdia-se lá fóra no

ar perfumado do jardim e dos pomares, repousados no socego da tarde.

Todos nós olhavamos apavorados a sua terrivel angustia, silenciosos, impotentes, perdidos no terror daquella asphyxia. Emfim, Ernesto dominava-se, aconchegava-lhe as roupas e conseguia introduzir-lhe nos labios uma colher do calmante.

Rosa ia pouco a pouco reclinando-se sobre os altos travesseiros. As suas faces perdiam a lividez, e os seus olhos humedecidos entrefechavam-se numa serenidade quasi risonha. D. Adelaide, a um gesto do marido, abandonava á beira do leito o seu leque, e tia Amelia, disfarçando a afflicção e limpando os olhos molhados, dava-lhe outra colher do remedio. Ella ia adormecendo suavemente sob a acção do narcotico, uma das mãos fóra do leito, o corpo franzino esbatido sob os lençoes de linho, como uma fórma indecisa onde apenas os pés em riste punham um relevo sinistro e agudo.

Pelas janellas abertas entrava uma brisa ligeira. De algum recanto dos pomares partia uma algazarra de passaros procurando abrigo para a noite. E o crepusculo frio e triste derramava pelo aposento uma penumbra dolente.

Maria entrava no quarto, nas pontas dos pés e olhava para tudo num exame quieto e seguro. Accendeu um dos bicos de gaz resguar-

dado por um **abat-jour** cor de rosa ; foi ao toilette, revistou-o, limpou a mesinha de cabeceira, o lavatorio, prendeu uma das cortinas, collocou sobre os pés da ama uma grossa colcha de lã. Após a inspecção approximou-se do leito, no meio do aposento, sentou-se, soluçando baixinho. Rosa dormia, exhausta, as mãos sobre o thorax, um leve suor humedecendo-lhe a fronte onde alguns fios do louro cabello se annellavam graciosamente. E um silencio macio, um silencio que parecia vir de fóra, da tarde morta, derramava-se em torno do seu branco leito e abatia-se sobre nós todos numa sombria desolação.

Ernesto ergueu-se, chamou a Maria, deu-lhe uma ordem :

—Fique aqui com a Adelaide. Tia Amelia precisa repousar um pouco para velar á noite.

Tia Amelia, porem, affirmava que se sentia bem e supportaria a vigilia. Mas o seu debil corpo tinha movimentos cada vez mais tardos, e em volta dos seus olhos ia-se formando um circulo violeta. Ernesto examinava-a, tomava-a docemente pela mão e conduzia-a para fóra. Segui-os.

No corredor outra criada accendia os bicos de gaz dispersos pelas paredes. Um grande socego descia sobre toda a casa, e os nossos passos ao longo do tapete, abafados e incertos,

tinham a lentidão melancolica de uma infinita marcha funebre. Mas ao chegarmos em frente ao aposento da tia Amelia, quasi ao fim do corredor, ouvimos um vago sussurro. Ernesto suspendia um reposteiro escarlate, e entrámos. Era a capella. Ao principio o meu olhar curioso extasiou-se nos esplendores do altar, onde um Christo de prata, com a cabeça descahida num abandono suave, abria os braços no seu gesto secular de perdão e piedade. Em cima, num vão da parede, Nossa Senhora fulgia na sua corôa scintillante, e aos seus pés, sob o manto de seda azul, anjos de **biscuit**, rosados e louros, sorriam ingenuamente, de azas abertas. Em volta, pelo altar, em torno do Christo de prata, e galgando o nicho da santa, os cirios accesos, como uma escada refulgente, derramavam uma luz amarellada e immovel. Sobre a toalha bordada, em dois vasos de porcellana, surgiam ramalhetes brancos de açucenas e cravos.

Mas o meu olhar ia baixando e procurando a origem do estranho sussurro. E subitamente vi, sobre os degráos cobertos por um tapete cinzento—uma fórma humana. Um homem robusto, em mangas de camisa, desgrenhado, curvado, amparando-se ao altar, resava baixinho uma prece humilde. O seu dorso forte abalava-se por vezes na violencia do pran-

to, como se o trespassasse uma dor convulsa e dilatada. O homem percebeu os nossos passos e ergueu de subito o rosto molhado. Era o Commendador Noronha ! Ernesto approximou-se do altar, e cheio de commiseração de tanto soffrimento, ergueu-o devagar pelas axillas, pedindo :

—Levante-se, meu pai ; tenha paciencia ; tenha animo para supportar esse golpe. Isso o acabrunhará cada vez mais.

Elle deixava-se erguer, abatido e obediente. Porem, de pé, ao ver-nos,—eu e tia Amelia—fitou-nos atordoado, transtornado, como se o fulminassem as coleras celestes. E de repente, de mãos postas para o Christo crucificado, clamou :

—Senhor ! Senhor ! Tende piedade de mim ! Livrai-me desta expiação ! Tirai-me este resto de vida ! Meu Senhor ! Meu Deus de misericordia !

Ernesto amparava-o e pedia :

—Meu pai; socegue, acalme-se.

Mas o pobre homem, sem voltar para nós o rosto macerado pelo tormento, supplicava, implorava para o altar illuminado :

—Pela vossa cruz ; pelo vosso martyrio ; pela vossa infinita compaixão, Christo de bondade ! Perdoai os meus erros ; perdoai o meu

orgulho ; perdoai a minha maldade ; meu doce Jesus !

Tia Amelia recostada á parede, pallida, hirta, cravava os olhos no vulto do cunhado que bradava ainda, pedindo a morte e o perdão. Eu segurava-a pelo braço, perturbado, espavorido, no meio daquellas rajadas de exclamações. Um pavor frio, mudo, tragico, petrificava-nos, e parecia-me que os proprios cirios accesos tremiam nas suas chammas transidos de terror.

Foi o Ernesto que, subjugando os nervos em desordem, arrancou o pai áquelle desvario e arrastou-o para o corredor, consolando-o. Tia Amelia cahia nos meus braços, anniquilada, num desmaio.

*

* *

Eu relatava ao Jorge, na Pensão, os acontecimentos dessa lugubre tarde.

Elle, ás passadas pelo meu quarto, torcia as mãos e abanava a cabeça num largo movimento de incredulidade, como se todos esses factos assumissem proporções de phantasia ou de romance e houvessem succedido numa epoca e num paiz que nunca existiram, inventados para impressionar os sonhadores e os devoradores de lendas. E quando eu terminei, contando-lhe a scena arripiante da capella—o meu

amigo distendeu os braços num espanto illimitado :

—E' inacreditavel, Humberto ! E' inacreditavel ! Como se pode imaginar que tudo isso se vem desenrolando ha um anno, dentro da realidade, dentro da vida, na Bahia, entre um quarto de Pensão da D. Sinhá e uma casa do Corredor da Victoria ? ! E' inconcebivel ; é assombroso ! Ultrapassa todas as hypotheses, toda a imaginação, tudo !

—E' assombroso ! Repeti, desorganisado, abstracto, invadido por uma fadiga moral que me pungia cruelmente.

Jorge sentava-se na minha cama e continuava :

—Ao principio achei tudo piegas, tudo de uma frivolidade detestavel : a sua paixão exasperada, sombria, delirante, como as paixões das personagens de Ibsen ; a pureza, a sensibilidade, os modos angelicos de Rosa, tão fóra destes tempos de escabrosa sensualidade ; os preconceitos ferozes do Commendador Noronha, que o diabo guarde bem no fundo do inferno ; essa poetica e santa e risonha tia Amelia, que vive a rezar e a perdoar ; e o Ernesto, e a Maria, e tudo. Tudo piegas, tudo fóra da normalidade e do bom senso. E agora, com essas personagens que eu vejo, que eu sinto, que eu tópo nas ruas todos os dias, a negocios

e a passeios, se encadeia essa trajedia horrenda que assombra todo o mundo ! E' de enlouquecer !

Ergueu-se, despediu-se dizendo que ia espairecer pela cidade. Sahi tambem, e sem uma palavra, sem uma idéa trocada, insensivelmente, marchámos até o Corredor da Victoria, até a casa do Commendador Noronha, onde passámos toda a noite, velando.

XVIII

Rosa ia-se extinguindo dia a dia. O Dr. Elesbão visitava-a todas as tardes, e todas as tardes ao encontrar-me no palacete da Victoria, apertava-me as mãos e dizia-me serenamente, com uma naturalidade que me enfurecia e me despedaçava :

—Sempre peior ! Cada vez peior ! Não ha mais nada a fazer. Dentro de poucos dias desapparecerá para sempre, transformar-se-á na materia dispersa de onde veio e para onde irá.

E com um gesto vago da bengala indicava a terra que a devoraria, que a transformaria no horrendo pó do seu horrendo materialismo.

Uma tarde, no jardim do Commendador, quando eu voltava do quarto de Rosa, o Dr. Elesbão proferia essas phrases que me queima-

vam como fagulhas. Não me contive, então e encarando-o num desafio exaltado :

— Que o Sr., meu caro mestre, um cathedratico de Physiologia, um sabio, uma gloria da Faculdade e da Bahia, não admitta a existencia da alma, é logico, é justo, é comprehensivel. Mas que alardeie com tão soberana jactancia essas tristes idéas, neste triste momento, é quasi intoleravel. Perdôe-me, mas é ser deshumano ; é não ter esse sentimento de piedade que se encontra nos proprios irracionaes.

O Dr. Elesbão estacou junto a uma palmeira, assombrado, os olhos brilhando atravez dos oculos de ouro, toda a face ardendo num violento rubor. Assim esteve um segundo. Mas vendo a minha attitude, a serenidade dos meus gestos e o desgosto que devia transparecer na minha physionomia, sorriu tranquillamente :

—Desculpe-me. Por vezes esqueço-me de circumstancias que me deviam estar sempre presentes á memoria. A minha consciencia não me censura por actos de deshumanidade, e sou apenas um homem habituado a observar os factos e submettel-os á analyse dos meus principios scientificos. Desculpe-me. Não é discipulo querido que me ouve : esse não teria para mim, seu velho mestre, essas asperas expressões de revolta. Não é o discipulo ; é o homem que obedece apenas á nevrose que o do-

mina, que o esmaga como uma cupula de chumbo, e não pode entrever, alem dessa cupula, o clarão da verdade.

Aquella exhibição de principios scientificos irritava-me cada vez mais. E retorqui ousadamente :

—Pode classificar como quizer os meus sentimentos. O que não pode, não poderá nunca, negar, é que vivemos cercados de nevropathas dessa especie ; que toda a humanidade, com excepções insignificantes, vive, palpita, soffre, dentro dessa muralha de affeições, de dedicações e de sacrificios,—muralha que a sciencia ainda não poude destruir porque é a mais alta affirmação da Vida.

Depois dessa tirada enthusiastica e sentimental esperei com altiva impaciencia a palavra do Mestre. Elle escavava com a ponta de prata da bengala a areia do jardim, tão distrahido, tão abstracto, que pensei ter perdido as minhas phrases vehementes. Houve um silencio suave, e em torno de nós, na poesia incomparavel da tarde, tudo parecia esmaecer num longo deliquio. Calavam-se as aves ; as flores entrefechavam-se para a quietude da noite ; um aroma estranho, delicado e sereno perpassava por todo o jardim, e na fachada azul do palacete, onde os raios do sól scintillavam vivamente, as cortinas do aposento de Rosa, eram,

aos meus olhos embaciados de melancolia, como azas brancas de passaros agitadas pela aragem, ensaiando um vôo immenso e eterno para a tranquillidade do nada.

O Dr. Elesbão deixara de escavacar a areia, e pondo nos meus os seus claros olhos pensativos, falou, afinal, pausadamente :

—E' inutil demonstrar-lhe a superioridade da razão e da sciencia. E' inutil provar-lhe que só ellas nos devem guiar atravez da existencia para attingirmos á Perfeição. Mas a humanidade futura, a humanidade do seculo vinte e cinco, será, sobre a face do Planeta, um conjuncto de vontades caminhando para o mesmo objectivo :—para a impassibilidade, que é a perfeita ventura ; para a insensibilidade, que é a christalisação da energia. Então, nesse grande seculo, nessa grande raça, quando estiver extincta toda a sentimentalidade, quando desapparecer para sempre todo o idealismo, e somente a Razão e a Sciencia possam guiar os seres—a Vida exprimirá a suprema harmonia e a suprema felicidade.

—E o supremo Egoismo,—conclui com tristeza. Graças a Deus não verei esse seculo ; e não acredito nesse desabusado materialismo do seculo vinte e cinco. A Humanidade será sempre a mesma. A Perfeição é uma utopia ridicula.

O sabio tomava-me o braço, e caminhavamos pelas aleas, onde as palmeiras imperiaes se erguiam imponentes e firmes. E discorria com socego :

—Respeito a sua crença, mas não será pela graça do seu Deus que não viverá até o seculo vinte e cinco. As religiões são interessantes porque são absurdas e porque têm, todas ellas, esse picante sabor do grotesco. Só por isso merecem um alegre estudo de horas vagas. E' um dos mais agradaveis capitulos de Sociologia.

E no portão, ao despedirmo-nos, o mestre tomava-me a dextra e concluia :

—Até amanhã. Mas fique sabendo que só ha na vida um sentimento sincero e real— o Egoismo. Todos os outros são falsos. Talvez o Egoismo seja a Perfeição.

—Talvez... para os que vivem nos gabinetes e não conhecem a humanidade.

O Dr. Elesbão sorria :

—Só se poderá conhecer a humanidade ; a humanidade e tudo o mais, nos gabinetes, lendo o que os homens têm escripto desde o principio dos seculos. Só !

Aquelle homem era positivamente invencivel, e eu tinha a impressão de que pretendia fa-

zer desabar um rochedo perfurando-o com um alfinete. Apertei-lhe a mão, apressado :

—Até amanhã, Mestre.

*

* *

Ernesto, a conselho do Dr. Elesbão, augmentava a dose do narcotico ; e Rosa, no leito, pallida e muda, dormia, os labios semiabertos num sorriso de eterna felicidade.

Todas as noites, no seu claro aposento, velavamos silenciosos, esperando a todo o instante o seu derradeiro sopro de vida. Parentes e amigos enchiam o vasto palacete, e na sala de jantar formavam-se grupos que palestravam e sorriam. Pela madrugada o Commendador Noronha deixava a Capella, seguia pelo corredor, devagar, amparando-se ás paredes, entrava no quarto da filha, ajoelhava-se junto á cama e beijava-lhe uma das mãos, demoradamente, molhando-a de lagrimas. Sahia, depois, pelo braço do Ernesto, cambaleando, tropeçando, para o refugio das suas orações.

Durante oito dias atravessámos essa phase mortificante.

Na manhã de 16 de Outubro, quando eu e Jorge nos levantavamos da mesa do almoço, um dos criados do Commendador varou esbaforido pela Pensão ; e ao ver-me estacou no corredor, transtornado :

—Depressa ! Depressa ! O Sr. Dr. Ernesto manda chamal-o, depressa. Ella está morrendo.

Ao choque brusco vacillei sentindo que me faltava o sólo. Jorge amparou-me e levou-me ao quarto, clamando :

—Mas que bruto ! Que estupidez ! Tenha coragem, Humberto. E' o fim ! Tenha coragem.

No horrivel atordoamento eu sentia apenas, em torno, a sensação dolorida e sombria de um mundo que se apagava. Mas as palavras do Jorge iam acalmando o meu espirito, e falei amargurado :

—Coragem ! Coragem para que, Jorge ? Para vel-a morrer ? Eu preferia coragem para morrer tambem, ao seu lado.

Corri á Victoria. No palacete do Commendador Noronha, desde o portão, havia um alarido de pranto. Atravessei todo o jardim, a sala de jantar, a escada, o corredor, e penetrei no quarto de Rosa onde os parentes, os amigos, os criados se comprimiam e se misturavam, chorando, rezando.

No seu leito alto e branco Rosa morria... Os olhos azues, inexpressivos e tristes, abriam-se ainda como se projectassem em torno a derradeira expressão de dor e de saudade. O seu corpo desapparecia sob os lençóes, inerte e es-

guio. Uma das mãos cahira, no ultimo movimento que fizera, sobre o collo da tia Amelia, que á sua cabeceira tremia e beijava-a na fronte. Uma restea de sól dourava-lhe os cabellos em desordem, e no seu rosto, cada vez mais pallido e mais frio, a morte ia imprimindo uma serenidade gelada. A pouco e pouco a respiração diminuia : era apenas um sopro debil que parecia vir da garganta num estertor de asphyxia, e terminava logo nos labios descorados. Uma nevoa turvava-lhe os olhos que se dilatavam no terror da noite infinita que os envolvia. A bocca moveu-se para articular a ultima palavra, porem nenhum som perpassou pelo aposento onde pairava um silencio de subterraneo. Emfim, um suspiro doce, breve, macio, fugiu-lhe dos labios, e o seu corpo immobilisou-se para sempre. Para sempre ! Para sempre !

Tia Amelia fechava-lhe os olhos, a tremer, a tremer, como se esse movimento lhe exgottasse, afinal, todas as fôrças. E depois, de joelhos á borda do leito, agarrada loucamente á mão branca de Rosa, gemia, esmagada :

—Adeus, minha filha ! Minha filha !

Pelo claro aposento corria um fremito que era ao mesmo tempo de pavor, de tristeza e de desolação, como se aquelle pequenino e extremo suspiro fosse um brusco vento de tempes-

tade que nos arrojasse no seu impeto formidavel, dilacerados e exangues, para a suprema tortura de uma dor lancinante. De todos os olhos espontavam lagrimas, de todas as boccas partiam palavras de despedida—e do quarto, do corredor, de toda a casa, subia, ululante e afflicto, o mesmo pranto de desespero.

Um vago estado de estupefacção tomava-me no meio do aposento, mas logo me senti agarrado por uns braços que me apertavam, que me estreitavam doidamente, e um rosto de homem, decomposto pelo soffrimento, pousava sobre o meu hombro. Era o Commendador Noronha ! Tive ainda forças para leval-o até o corredor, até a porta da capella, onde, de subito, ajoelhando-se murmurou estrangulado pelo pranto :

—Perdôe-me ! Perdôe-me, pelo amor de Deus ! Ella perdoou ; dê-me o seu perdão, se não quer que eu enlouqueça.

Como eu, aturdido, não respondesse, elle rojou-se aos meus pés, supplicando, num delirio :

—Oh ! Pelo amor de Deus ; por esse Deus que me castiga nesse momento ; perdôe-me, Humberto ! Tenha piedade de um desgraçado !

Ergui-o do tapete, abracei-o, levei-o para a capella, perdoando toda a sua maldade.

Sahi, caminhei para a Pensão, sentindo no cerebro uma dor escaldante e aguda, e vendo, realmente vendo, a scena da morte de Rosa : o seu ultimo gesto, o seu ultimo olhar, o seu ultimo suspiro, e depois, as palpebras fechadas pelos dedos da tia Amelia, o seu corpo tragicamente immovel, o rosto parado, perdido num somno vasio, abstracto, impenetravel, de onde nunca mais voltaria. Nunca mais ! Nunca mais ! E rematando esse quadro que se fixava impiedosamente na minha retina, eu via a réstea de sól, dourando-lhe os cabellos desmanchados, como o derradeiro resplendor de sua doce belleza !

Jorge esperava-me no meu quarto. Sem uma palavra, sem forças, extenuado de tanta emoção, arrojei-me aos seus braços possantes que me cingiram num aperto. E ficámos os dois, de pé, calados, attonitos, subjugados pelo terror. Percebi, então, que as energias todas me abandonavam de subito, e sobre o seu peito largo e forte derramei as primeiras lagrimas, perdido num pranto arremessado e brusco :

Jorge implorava, anciado :

—Coragem, Humberto ! Resigne-se. Coragem !

—Ah ! Jorge ! Está morta ! Morta ! Nunca mais hei de vel-a. Nunca mais !

Jorge não respondia afogado pelos soluços. E sobre o meu rosto, recostado ao conforto do seu peito cahiam-lhe dos olhos gottas serenas e mornas.

*

* *

Esses tenebrosos dias passaram. Tia Amelia e Maria mudaram-se de vez para a casa do Ernesto. O Commendador Noronha partira para a Europa a conselho dos medicos, acompanhado pelo Sr. Virgilio. E o palacete da Victoria, abandonado e sombrio, tomava um aspecto de ruina.

Formei-me. Na vespera da minha partida fui despedir-me, pela manhã, do Dr. Elesbão. O sabio abraçou-me, e chamando a governanta deu uma ordem que não percebi. A mulher desappareceu no interior da casa e voltou depois com uma bandeja, uma garrafa de **Chartreuse** e dois calices.

—Quero beber em regosijo pela sua formatura — dizia o mestre — e demonstrar-lhe mais uma vez a minha amisade e todo o meu desejo de o ver iniciar com vigor, esperança e intelligencia a sua carreira.

Embaraçado diante de tão amavel acolhimento, respondi perturbado :

—Obrigado, Mestre ; e jamais esquecerei, atravez da vida, as suas licções e a sua bondade.

A governanta enchia silenciosamente os dois calices e afastava-se, alta, séria, imperturbavel, arrastando pelo soalho o vestido preto e alteando com orgulho o busto chato de velha virgem. O sabio, solicito, perguntava-me :

—O meu amigo fica na Bahia ou vai para o seu Estado ?

—Vou para o Amazonas ; para o Acre— informei-o com tristeza.

O Dr. Elesbão observava-me curiosamente, num espanto em que rebrilhavam as suas lunetas :

—Para o Amazonas ? Para o Acre ? E' possivel ?

—E' verdade ! Preciso viajar para esquecer esses dias amargos da Bahia. Só assim ! Só o Acre ou um deserto !

O velho sabio, absorto, olhava a janella em frente por onde o sól penetrava alegre e tepido. O gira-sól estendia as suas largas folhas verdes entremeiadas de flores amarellas. Roseiras ostentavam nas hastes tufos de botões rubros. No Largo da Graça havia um silencio limpido e perfumado.

O Mestre emergia, emfim, do assombro que o tomara, e contemplando-me, pousando a mão sobre o meu hombro, falava com brandura e melancolia :

—E' espantoso ! Viajar para esquecer ! Eu vivo de recordações quando viajo. E dentro da minha bibliotheca, dos meus livros, da sciencia, da tranquillidade profunda desta sala de estudos, sinto que os seres, o mundo, a vida se vão tornando imperceptiveis ao meu entendimento,—e esqueço-me de tudo ! Não, meu amigo, não pense que olvidará as suas maguas nessas terras selvagens. Ellas o acompanharão sempre, ellas reviverão sempre na sua memoria, e serão mais rudes e mais dolorosas á proporção que se for sentindo mais só e mais desamparado. Só ha um meio para apagar as grandes dores moraes : é a abstracção da propria saudade. Faça a abstracção, e está salvo !

—E' impossivel—atalhei-o bruscamente. E permitta-me a audacia : impossivel e illogico !

Elle promptamente refutava a minha opinião, clamando :

—Não ha nada logico no mundo. Nada ! Nem a propria logica !

Depois, abrandando o tom dogmatico, voltou ao assumpto :

—Para o Amazonas ! Para o Acre ! E' o disfarce macabro de um suicidio. Então, nunca mais nos veremos. Nunca mais !

—Nunca mais ! — repeti commovido. A não ser na Eternidade.

O Dr. Elesbão entregava-me um dos calices e erguia o seu :

—A Eternidade ! O Sr. crê na Eternidade, e deseja talvez outra vida, ridiculamente eterna. Como a esperança é tenaz ! Como as religiões produzem esses detestaveis desatinos ! Meu caro amigo : a Eternidade é a mais vaga, a mais incoherente, a mais burlesca das hypotheses !

Parou um segundo, concluiu :

—Adeus ! Adeus, para sempre, e seja feliz !

E tocando no meu o seu calice bebeu lentamente o **Chartreuse.**

LIVRARIA CLASSICA
CASA EDITORA
FUNDADA EM 1882
PAPELARIA
TIPOGRAFIA
PUBLICAÇÃO
ENCADERNAÇÃO

1

Microfilmed
SOLINET/ASERL PROJECT
1990-92

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00028635978